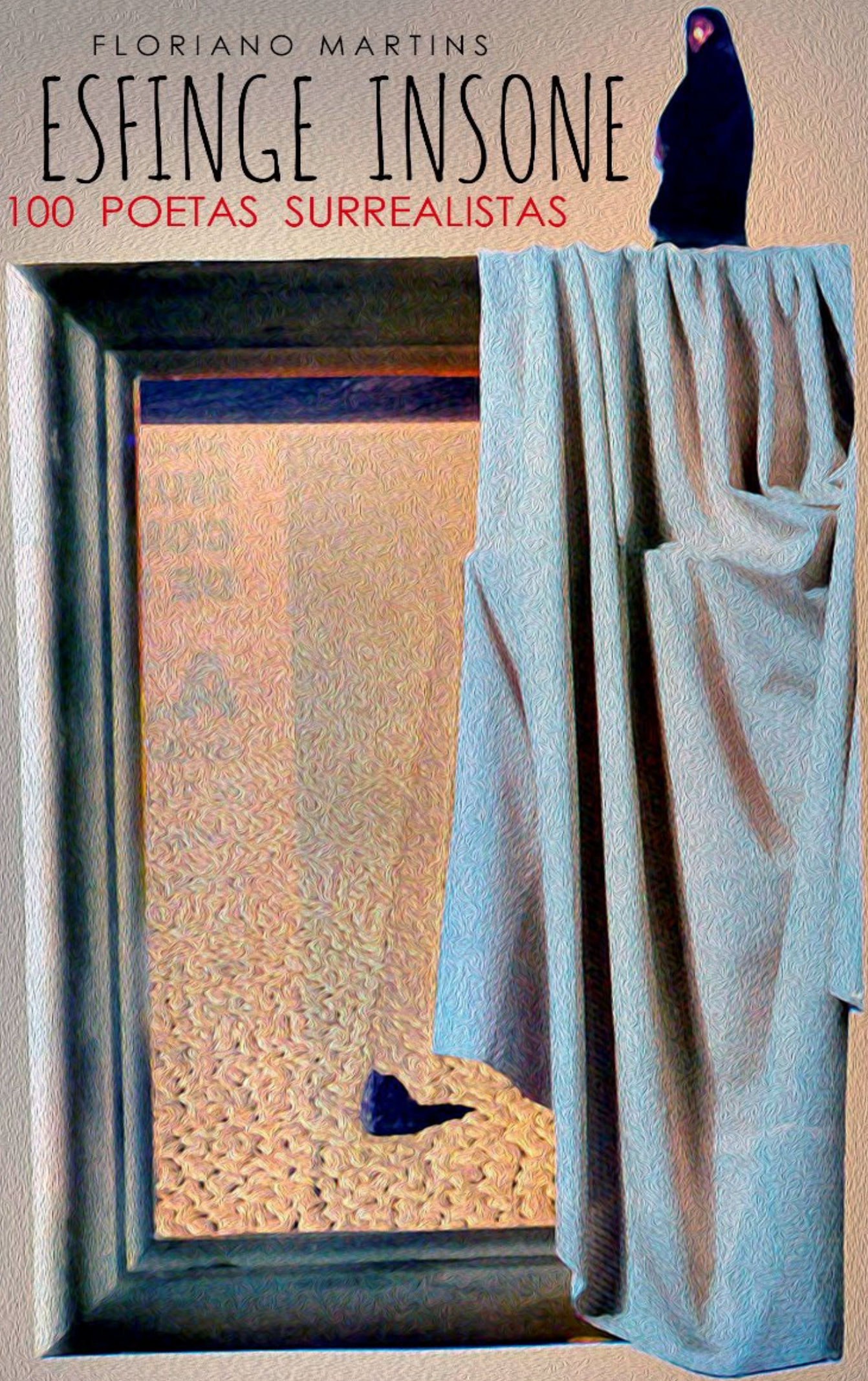
FLORIANO MARTINS

A ESFINGE INSONE

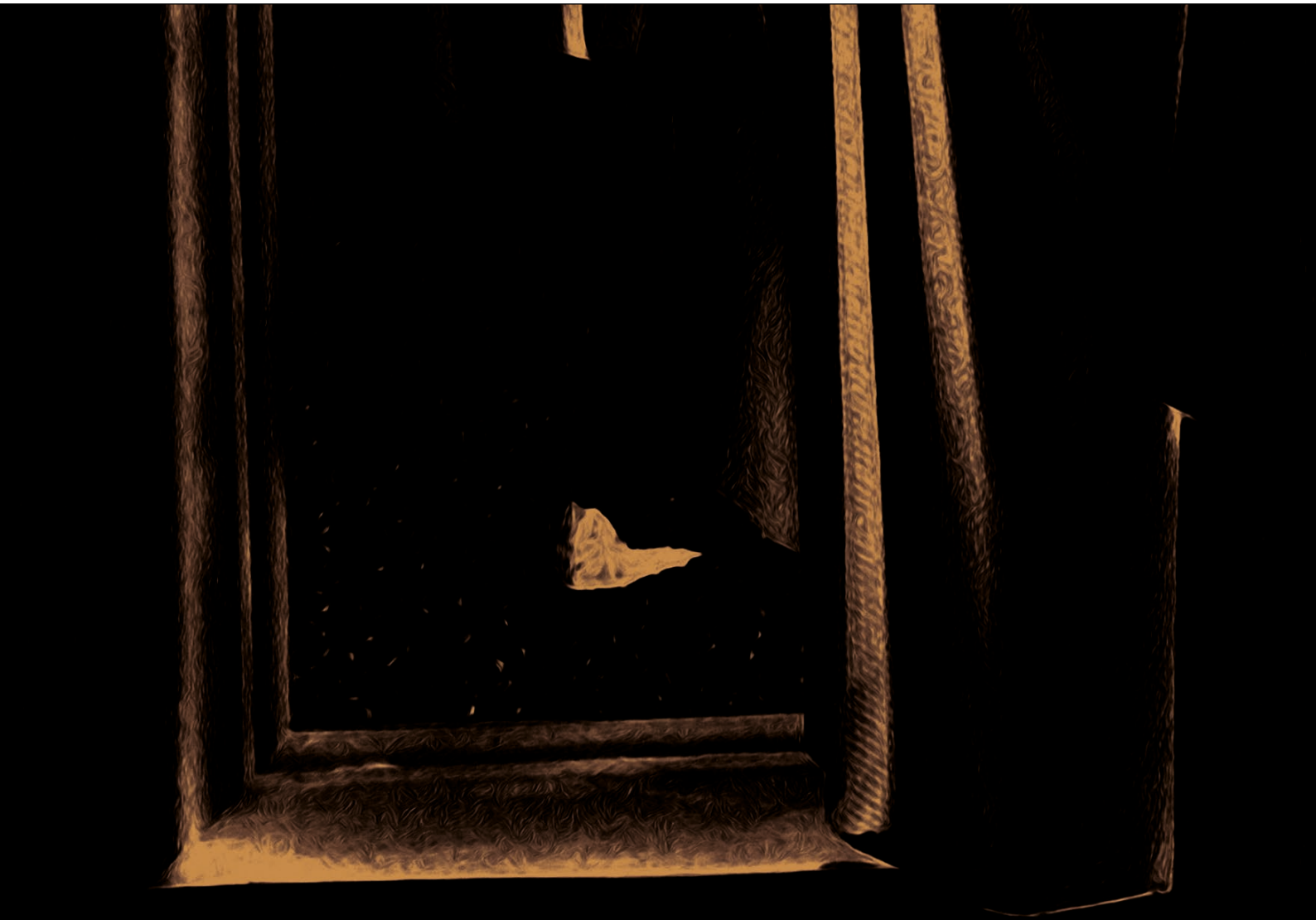
100 POETAS SURREALISTAS





A ESFINGE INSONE

100 poetas surrealistas



A ESFINGE INSONE

100 poetas surrealistas

A Esfinge insone – 100 poetas surrealistas © Floriano Martins, 2026
Colección Libros Imposibles # 78
Capa: Floriano Martins
Revisão: ARC Edições

Coedición | EntreTmas Revista Digital & Agulha Revista de Cultura, 2026.
286 pg. 21 x 14 cm. <Colección Libros Imposibles; 78 > <Digital>
1. Antología poética – traducción *brasileña. 2. Literatura brasileña. I. Título.*

Primera edición, 2026.

Colección Libros Imposibles #78
A Esfinge insone – 100 poetas surrealistas
© Floriano Martins
Portada & serie fotográfica:
Floriano Martins
Diseño editorial
Melvyn Aguilar
Coordinación editorial:
Juana M. Ramos
Corrección filológica:
Los autores

PEQUENA URNA DE SOMBRAS

Milhares de deuses acompanham o trajeto da poesia desde seu princípio perdido no tempo. E talvez todos esses deuses sejam um só, no sentido da plena confusão que eles compartem dentro de nós. O instinto nos leva a crer que sejam entidades que excedem os limites que a história insiste em traçar demarcando virtudes e pecados. A façanha do absoluto. O casulo da relatividade. Os verbos, em sua concepção metafísica, provocam as variações infinitas da criação, e mostram que é preciso – indispensável, mesmo – muitos deuses para que se erga diante de nós a matéria visceral de um poema. A joia do nome e seu número propício, aquele instante alquímico em que a nudez ganha a dimensão real do corpo, aquela nudez que para os ascetas hindus era o arco alegórico com que cruzamos o tempo vestidos de espaço. Que a realidade seja uma grande trapaça filosófica, isto a poesia percebe e propõe, com suas equações formadas por elementos invisíveis. A trilha de uma simbiose pronunciada pela cama ígnea compartida pela imaginação e a inteligência. Um sexo de alternâncias entre todas as forças excepcionais. A tensão do silêncio. As portas que escalam o ruído. O Surrealismo nos sugeriu tantas rotas nessa correspondência com o sopro de mil deuses que mesmo um século esmiuçando suas possibilidades ainda permanece com uma reserva enigmática de plenitudes. Tudo nele é o todo em que inscrevemos o nosso espírito. O papiro inacabável em que registramos as matrizes fecundados, os caminhos que se bifurcam, o emaranhado de labirintos, a casa central de toda a essência humana. Um século e aqui nos encontramos com cem poetas, que não são os únicos ou os últimos, mas sim que inspiram essa grande ciência do abismo, lição do infinito, incêndios da alma que aplica o fogo na formação de outros campos de percepção. Tudo pertence a essa personificação dos elementos fundamentais de nossa existência. Talvez o poema, assim como o Tao, tenha preexistido à sua compreensão. Talvez ele seja o caminho e a intrigante teia em que tecemos e elevamos as estruturas que nos definem e desafiam. Para o Surrealismo o poema se encontra em nosso íntimo e talvez seja anterior à própria vida. Uma preciosa bagagem de abismos. A consciência extensíssima dos extremos. Essa floresta perene de árvores ao mesmo tempo terríveis e amorosas que o inconsciente nos ajuda a plantar por todos os rumos, em qualquer direção.

MINA LOY (Inglaterra, 1882-1966)

UMA MULHER ENVELHECIDA

O passado foi arruinado
os fatos são vagos
o futuro inútil
o presente dor.
Nem mesmo a dor tem essa precisão
com a que golpeou na juventude
É uma traça
corroendo os órgãos
pendurada ou caindo
em um armário arruinado.
Acaso o teu reflexo te atormenta
ou é que o impossível
possível da velhice
permite que a silhueta antiga
ágil e rígida consigo mesma
agarre em grande reserva
esta enorme incerteza
de uma estranha Lâmpada
que só pode ser exorcizada pela morte
A procrastinação eliminou completamente
tua longa realidade.

[ENGENDRO DE FANTASIAS]

Engendro de fantasias
Peneirando o apreciável
Porco cupido de nariz rosado
Vasculhando o lixo erótico
Era uma vez
Rasga uma grama coberta de estrelas brancas
Entre areia selvagem semeada em membrana mucosa
Poria meus olhos em um sinalizador
A eternidade em um foguete espacial
Constelações em um oceano

Cujos rios não correm mais frescos
Do que um fio de saliva
Estes são lugares suspeitos
Eu devo viver na minha lanterna
Adornando a cintilação subliminar
Virginal até os gritos
Da experiência
Vidro colorido.

[A EVOLUÇÃO ENFRENTA]

A evolução enfrenta
A igualdade sexual
Perfeitamente mal calculada
Semelhança
Seleção artificial
Cria esses filhos e filhas
Até eles zombarem um do outro
Criptônimos ilegíveis
Sob a lua
Dá-lhe alguma forma de gargalhada insolente
Por um chamado amoroso
Ou altere o riso
Para soluços homofônicos
Deixe-os acreditar que as lágrimas
são córregos ou melaços
Ou qualquer coisa
Menos insuficiências humanas
Mendigando a espinha dorsal
Que a reunião seja o giro
Em direção aos antípodas
E forme uma névoa
Ou o que seja
Menos a sedução
De um
Como simples satisfação
Para o outro

EMMY HENNINGS (Alemanha, 1885-1948)

APÓS O CABARÉ

Eu vejo o sol de manhã cedo.
Às cinco horas, a caminho de casa,
As luzes ainda acesas em meu hotel.
O cabaré finalmente fechou.
As crianças se agacham nas sombras.
Os fazendeiros trazem seus produtos para a cidade.
Tu vais à igreja, silencioso e antigo
grave som dos sinos da igreja no ar,
quando uma garota com cabelos revoltos
surge inteiramente turva e fria:
Ame-me, livre de todos os pecados.
Veja, eu fiquei de vigília muitas noites.

AGORA EU TENHO QUE CAIR DA BORDA DO GRANDE GLOBO

Agora eu tenho que cair da borda do grande globo!
Assim como, em Paris, uma grande festa é dada –
Pessoas estão se reunindo na Gare de l'Est
E bandeiras de seda coloridas estão sendo hasteadas;
No entanto, não posso estar lá com elas –
Eu voo bem alto na grande câmara.
Eu me misturo com o sonho de todos os outros
E leio todas as mil expressões que existem.
Um homem doente jaz atormentado em agonia.
Eu estou hipnotizada por seu olhar moribundo.
Nós dois nos lembramos de um dia de verão...
Uma cruz negra repentina invade o quarto...

OH VÓS, SANTOS

Oh vós, santos com os nomes preciosos
Que no caminho da cruz vieram dar,

Eu tinha esquecido meu próprio caminho
Encurralada por espinhos, andei como presa.
A mais dolorosa mortificação.
Eu estou na escuridão,
Sem estrelas que brilhem forte
Em meu crepúsculo.
eu virei meu rosto para a parede,
extinguindo meu fogo da lareira,
Eu agora não valho nada.

HANS ARP (Alemanha, 1886-1966)

AS PEDRAS DOMÉSTICAS

as pedras são entranhas
bravo bravo
as pedras são troncos de ar
as pedras são ramos de água
sobre a pedra que ocupa o lugar da boca
brota uma espinha
bravo
uma voz de pedra
está frente a frente
e cotovelo a cotovelo
com um olhar de pedra
as pedras sofrem os tormentos da carne
as pedras são nuvens
pois sua segunda natureza
dança sobre seu terceiro nariz
bravo bravo
quando as pedras se rasgam
as unhas brotam nas raízes
as pedras têm orelhas
para comer a hora exata.

COLMEIA DE SONHOS

as flores se vestem com relâmpagos
na plumagem da estrela dorme o sonho de carne guarnecido de seios
o sonho tem na boca uma estrela como o gato tem na boca um rato
as flores de carne têm língua de sonho
estrela de névoa
a estrela de carne sob a abóbada do tempo
o tempo ronrona como um sonho
ao redor dos seios ao redor das colmeias de sonhos dormem as estrelas
névoa de flor

plumagem de estrela
as flores ronronam

as estrelas ronronam diante da colmeia dos relâmpagos
rato de névoa
rato de estrela
rato de flor
o sonho é um gato sua língua é uma flor

a carne ronrona na plumagem do tempo
os ratos e os gatos dormem sobre a língua do tempo
o relâmpago dorme sob a abóbada de névoa
as estrelas se vestem com seios
a língua de névoa na boca de flor
a boca de névoa sob a abóbada de carne

SOPHIE SONHAVA SOHPIE PINTAVA SOPHIE DANÇAVA

Sonhavas com estrelas aladas,
com flores que mimam as flores
nos lábios do infinito,
com fontes de luz que se abrem,
com eclosões simétricas,
com sedas que respiram,
com ciências serenas,
longe das casas dos mil dardos
das prosternações de desertos ingênuos,
entre mil milagres desordenados.
Sonhavas com o que repousa na imutável morada
da claridade.
Pintavas uma rosa desvelada,
um ramo de ondas,
um cristal vivo.
Pintavas as conchas
que recolhias na margem do mar
e que colocavas na mesa de desenho
em torno a uma concha grande
como um rebanho em torno a seu pastor.

Pintavas uma lágrima entre o orvalho,
uma lágrima entre pérolas.
Pintavas a claridade que faz pulsar o coração,
a doçura que faz mover os lábios.
Pintavas a noite que estende as estrelas,
o sonho claro,
o bom prazer das flores.

Dançavas a aurora que transborda a terra.
Dançavas o jardim estremecido ao amanhecer.

Dançavas na paisagem enluvada da lua
com os gnomos travessos da sombra.
Dançavas o nu que perde seu brinquedo de ar,
o prazer que soluça despossuído.
Dançavas as seis poltronas avermelhadas
mais perspicazes do que seis cérebros de filósofos,
enquanto o patíbulo de marfim sombreava na lava
da escuridão,
no riso do pó,
na noite do meio-dia e suas canções de grilos.
Dançavas o adeus.

MAURICE BLANCHARD (França, 1890-1960)

A ENORME BELEZA QUE VIRÁ

Os grandes órgãos da destruição, as tempestades e as ondas do mar eternamente jovem, esta é a entrada triunfal da justiça rompendo em seus castelos na Espanha, construída sobre o vento, sobre a carne e o sangue de criaturas criadas e não criadas.
O verme está no topo da torre, as relíquias de som e luz foram jogadas nas profundezas do abismo; eles estão na lama do pântano entre os sapos mutilados. Essas coisas sujas justificam nossa presença. Eles lutaram, lutaram horrivelmente, cada um em sua soledade negra, intemporal e úmida e aqui estamos diante do nosso trabalho, diante de nós mesmos e não no sétimo dia, mas o único, o imutável, o primeiro dia eterno.

OS MÚSICOS DO ESPAÇO

A Lucien Coutaud

Cotovias estridentes se chocam contra um espelho e desde então são frutos que cantam a Aleluia. Suas gargantas transparentes se tornaram pontos negros perdidos no marfim das vértebras. Um grito do vidraceiro as devolveu a sua plumagem de cristal.

Após a última colheita, o homem e a mulher já não se conhecerão. Porém estará de pé. As ferramentas serão finalmente ferramentas; depois dormirão sobre um colchão de palha. A chuva será uma harpa em que nossas mãos desconhecidas beberão.

Um céu em crescimento um dia perdeu sua armadura. Perdeu seu sol. Apenas uma ondulação do inverno fixou seu delírio. Um castelo lançou suas âncoras de pedra para afirmá-lo. Um guerreiro vestido de negro faz soar o corno enquanto contempla a terra.

A SITUAÇÃO-LIMITE

É uma fruta que amadurece devagar, muito devagar.

Tão devagar que a árvore morre antes de seu amadurecimento, mesmo antes de acalmar a sede do viajante exausto. Está longe disso: um raio de sol na água trêmula do arrependimento.

O arquiteto mede a porta, as janelas, a altura das paredes e a inclinação do telhado. Nós honramos o arquiteto, o cumprimentamos quando ele caminha na rua, mede na mão e volta no fundo de suas costas, como todos os outros. Toda noite, um sono bem medido o remove.

Estou assistindo. Meu trabalho precisa do infinito. Sim! Devo, a cada momento, passar pelo infinito para alcançar pequenas coisas incertas e transitórias. É meu trabalho. Boa noite!

JOSEP VICENÇ FOIX (Espanha, 1894-1987)

[DIZEM QUE ANDAS ENCIUMADA]

Dizem que andas enciumada da garupa da moça da leiteria. Mas eu estava em sua casa e vi o console com o espelho diante do qual ela penteia seus cabelos. No fundo do espelho, duas grandes cortinas avermelhadas endossavam a entrada de um corredor em que havia uma pintura na parte de trás. Uma antiga litografia que apresenta as torturas a que o diabo submete as garotas que, de volta da dança, à meia-noite, se olhavam no espelho. Isso nos incomodou tanto que me levou um tempo perceber que a moldura do espelho e a entrada para o corredor não eram senão o cerco da entrada do estábulo em que reina a garupa de meu cavalo.

NOTAS SOBRE O MAR

Bem atado meu nariz de papelão, grotesco, eu passeava pelo cais com um imponente dicionário de sinônimos sob o braço. O barqueiro, queiras ou não, me fez navegar mar adentro. Ele era um pastor anglicano, e queria demostrar que os mais belos milagres aconteceram no mar. Mas ao perceber meu nariz arbitrário logo tratou de calar-se. A partir de então, enfaticamente, disse que nada além da vaidade dos homens permite que, na vida humana, nosso planeta seja chamado de Terra, mas que Deus e os santos o nomeiam, em seu idioma eterno, Mar; que a terra é apenas um acidente no nosso planeta, um fenômeno transitório. "Homens, ele me disse, são a pena de pombo do mar". O grande enigma dos homens era, para o meu barqueiro, uma peixeira esférica que caía pelos espaços celestiais para o consolo dos anjos.

De chapéu e casaco negro, também com luvas negras, os três cavalheiros gesticulavam comicamente frente ao mar laranja. Quando eles me viram, retrocederam admirados. Surpreendido, indaguei com uma emoção precipitada: - Vocês também por aqui? E nos rimos loucamente. Então eu corri para vestir o terno preto, o chapéu, as luvas e desenhar com carvão três grandes rugas em minha testa. Na margem do rio, nos lembramos, com gestos teatrais

e simétricos, o outro mar de cor laranja em que, um dia imprecisamente, também nos encontramos os quatro, vestidos de forma idêntica, e quando ao longo da margem do rio, também com grande risada, tentamos lembrar em que século, antes do país do mar laranja, certa ocasião discutimos os quatro qual planeta pertencia ao mar onde uma vez eles três e eu, todos em preto e rindo, tentamos lembrar...

NOTAS SOBRE O PORTO DA SELVA

Estendido na praia sem fim, eu vi como as ondas furiosas lançavam um tronco como o meu, porém em estado fóssil. Tentei, em vão, me incorporar; pseudo-morfeizado, meu corpo era um tecido espesso de caracóis pedregosos, de conchas antediluvianas, de deliciosas miniaturas bastante oxidadas de animais desaparecidos. No fundo de interstícios raros, uma membrana transparente descobria paisagens subaquáticas maravilhosas, onde os sinais do zodíaco flutuavam luminosos. Através da passagem escura que atravessa a rocha de Teiera, que encerra, virado para oeste, o horizonte, uma procissão incomum de monstros avançou; polvos com pernas de camelo, gigantes com cabeça de cavalo, mãos hercúleas suportadas por graciosas cordas de avestruz, olhos de córnea fosforescente entre enormes cílios de escama. Ah se o mar, transformado em uma única onda negra, cobrisse toda a Terra! Mas o mar, em sua transição noturna, é uma vasta laje de ônix, em que os cometas refletem suas artérias vermelhas e brilhantes, desenhando misteriosos deltas inabordáveis.

Sobre a testa cornuda dos cavalos que fazem barulho, incontáveis, pela praia, os cometas, em noite fechada, enroscam suas fibras incandescentes. Uma corrente tropical empurra o louco fazendeiro para mergulhar no mar. O mar é, nesta hora, um deserto móvel de areia negra de embarque impossível, em que os cavalos, com um fortíssimo relincho, deixam cair os olhos. A escuridão submerge a terra e conseguimos o choque ruidoso de milhares de corpos cristalinos.

JUAN LARREA (Espanha, 1895-1980)

VERDADE CAPITAL

Como asa uma concessão à sombra
um gosto definido pelos perigos ao sol
uma vida corta
uma reserva prudente

Na escola dos vencidos a fuligem protege suas janelas
o roseiral que te ignora ocupa aqui pouco lugar
as contingências batem na porta como mendigos
o erro se guia por seu volume

A tormenta fraqueja na espera
A minha

NATUREZA MORTA

O preço de teu silêncio
e a auréola das lousas
o dia reduzido à tua mão
a mão reduzida a seu inverno urgente

a saída deixa que morram seus melros
soltando uma carne azulada
como os olhos que seguem lentamente
fora do domínio do ouro tuas pernas irradiantes

todo o imprevisto no relâmpago de uma faca
todo o horizonte na espera de um sobressalto
todos os segredos todos os pesares em uma estrela

O UMBRAL DAS CALÚNIAS

O fornecedor de alma onde tua esperança se abate é apenas uma
falta hipótese ainda que bonita

Todos os jardins começam por te curar
Te moves
e a luz se enturva
crês que evitas os espinheiros e então é quando teus cabelos se
tornam transparentes

compreendido pela distância irmão de teu irmão terra de tua terra
o jardim volta a te lamber por conta do jardim de teus poros

tua testa esmigalha as tardes desde a cúspide de teus louvores
em tua saliva já existem alguns barquinhos

PAUL ÉLUARD (França, 1895-1952)

[JAMAIS SONHEI COM NOITE TÃO BELA]

Jamais sonhei com noite tão bela
As mulheres do jardim tratam de beijar-me
Sutiãs do céu, as árvores imóveis
Abraçam fortemente a sombra que as sustenta.

Uma mulher de coração pálido
Guarda a noite em seus vestidos
O amor descobriu a noite
Sobre seus seios impalpáveis.

Como poder gozar de tudo?
Melhor apagar tudo.
O homem da mobilidade total
Do sacrifício total, da conquista total
Dorme. Dorme, dorme, dorme.
Apaga com seus suspiros a noite minúscula, invisível.

Não sofre nem frio ou calor.
Seu prisioneiro se evadiu para dormir
Não está morto, dorme.

Enquanto dormia
Tudo se assombrava,
Jogava ardorosamente,
Olhava,
Ouvia.
Sua última palavra:
"Se voltasse a começar, te encontraria sem buscar".

Ele dorme, dorme, dorme.
Em vão a aurora ergue a cabeça,
Ele dorme.

O ESPELHO DE UM MOMENTO

Dissipa o dia,
Mostra aos homens as imagens desligadas da aparência,
Retira dos homens a possibilidade de que se distraiam,
É duro como a pedra,
A pedra informe,
A pedra do movimento e da vista,
E tem tal resplendor que todas as armaduras e todas as máscaras
são falseadas.
O que a mão tomou nem ao menos se digna a tomar forma da mão,
O que foi compreendido já não existe,
O pássaro se confundiu com o vento,
O céu com sua verdade,
O homem com sua realidade.

SOB PALAVRAS

Há chamas
Mais vistosas do que as mãos que fazem girar os pesadelos
Sobre a memória

Ao sol chegamos por encantamento
O amor tem um acentuado sabor de vidro
É o coral que surge do mar
É o perfume desaparecido que retorna ao bosque
É a transparência que paga sua dívida
É sempre essa cabeça
De lábios deliciosamente entreabertos
Deste lado do muro
E do outro lado talvez na ponta de uma

PAUL NOUGÉ (Bélgica, 1895-1967)

[O JARDIM APOIA NA JANELA]

O jardim apoia na janela sua espessura perfumada.

A noite vem docemente descansar no jardim.

Marie (ela está sentada na janela) entreabre um pouco seu vestido,

seus ombros são descobertos.
Ela espera no coração da noite.
Ela espera.
Passa um dedo lentamente em seus lábios.
Seu dedo

nos lábios fez o sinal do silêncio.
Ela espera.
Passa os dedos em seus cabelos, em seu

braço nu.
Mantém os olhos abertos no coração da noite.
E o jardim mal retorna, fecha a janela, como a noite

ternamente se separa do jardim.
Então um pouco da aurora avermelha o muro, a janela, a mulher

inteira apoiada na manhã.

O PAPAGAIO DA MINHA VIZINHA

O papagaio da minha vizinha
comeu um raminho de salsa
e o fone de meu vizinho
por pouco esmagou o rabo do cão;

a aflição choveu sobre nossa cidade.

ALGUNS ESCRITOS E DESENHOS DE CLARICE JURANVILLE

(fragmentos)

Sou eu que te vê
Porém és tu que me vês
Esta noite teu irmão falará contigo
Responderás com tua obra
E nada mais

*

Mantenho minhas promessas
Aposto por prazer
Balbucio insultos
Pinto belas pinturas sem estar em êxtase
Desvio a direção dos caminhos
Livrai vossas mãos de ataduras

*

Elas se parecem com todo o mundo
Forçaram a fechadura
Substituíram o objeto perdido
Carregaram as pistolas
Misturaram os licores
Semearam perguntas de mãos cheias
Modestamente se retiraram
Apagando suas assinaturas

*

Agora
Sou eu quem fará companhia aos homens e mulheres de má vontade
Farei de mim um prisioneiro deles
Instalado em suas mentiras em suas lembranças nos quartos variáveis de suas vidas
Penetrarei furtivamente em suas desgraças

Porei em ordem seus ressentimentos
Soprarei sobre suas cóleras
Empurrando-os até a praça
Cuidar é de suas costas
Não reconhecerão nem seus gestos nem seus gritos
Com toda fidelidade trairão sua palavra

ANDRÉ BRETON (França, 1896-1966)

LUA DE MEL[1]

Aonde conduzem as inclinações recíprocas? Existem uns ciúmes mais emocionantes que outros. A rivalidade de uma mulher com um livro, com prazer passeio nessa escuridão. O dedo contra a fronte não é o cano de um revólver. Creio que nos escutávamos pensar, porém o maquinal "Nada", que é o mais altivo de nossa recusa, não será pronunciado ao longo da viagem de núpcias. Sob a altura dos astros não há nada para mirar fixamente. Qualquer que seja o trem é perigoso mostrar-se pela portinhola. As estações estavam claramente repartidas em um golfo. O mar, que para o olho humano não é tão belo como o céu, não nos abandonava. Ao fundo de nossos olhos se perdiam belos cálculos orientados ao porvir como os das muralhas das prisões.

UMA E MIL VEZES

A Francis Picabia

Ao amparo das pisadas que na tarde alcançam uma torre
    frequentada por signos misteriosos em número de onze
A neve que tomo em minha mão e que se dissolve
Esta neve que adoro sonha e sou um desses sonhos
Eu que só concebo o dia e a noite a estrita juventude necessária
São dois jardins nos quais passeiam minhas mãos que nada têm
    que fazer
E enquanto os onze signos descansam
Tomo parte no amor que é um mecanismo de cobre e de prata nos
    caniços
Sou uma das mais delicadas engrenagens do amor terrestre
E o amor terrestre oculta os outros amores
À maneira dos signos que ocultam meu espírito
Uma facada perdida assobia no ouvido do pedestre

---

[1] Em colaboração com Philippe Soupault, *Les champs magnétiques* (Paris: Au Sans Pareil, 1920).

Desfaço o céu como um leito maravilhoso
Meu braço pende do céu com um rosário de estrelas
Que desce dia após dia
E cuja primeira conta vai desaparecer no mar
No lugar de minhas cores viventes
Logo não haverá mais do que a neve sobre o mar
Os signos aparecem na porta
São de onze cores diferentes e suas dimensões respectivas os fariam morrer de piedade
Um deles tem por obrigação baixar-se e cruzar os braços para entrar na torre
Ouço o outro arder em uma região florescente
E aquele cavalo na indústria na escassa indústria montanhosa
Parecida com o jumento que se alimenta de trutas
Os cabelos os longos cabelos manchados
Definem o signo que porta o escudo duas vezes ogival
Desconfiem da ideia que fazem girar as enxurradas
Minha construção minha bela construção página a página
Casa feita necessariamente de vidros a céu aberto a chão totalmente aberto
É uma falha na rocha suspensa por uns anéis na vareta do mundo
É uma cortina metálica que se atira sobre inscrições divinas
Que vocês não sabem decifrar
Os signos não tocaram ninguém além de mim
Irrompo na desordem infinita das súplicas
Vivo morro de um extremo a outro desta linha
Linha estranhamente medida que une meu coração ao parapeito de sua janela
Através dela me comunico com todos os prisioneiros do mundo

NÃO HÁ LUGAR

Arte dos dias arte das noites
A balança para feridas que se chama Perdão
Balança vermelha e sensível ao peso de um voo de pássaro
Quando as amazonas de pescoço de neve com as mãos vazias
Empurram seus carros de vapor sobre os prados
Vejo essa balança perpetuamente enlouquecida
Vejo a íbis cortês

Que regressa do tanque atada ao meu coração
As rodas do sonho enfeitiçam as marcas esplêndidas
Que se erguem muito alto sobre os caramujos de suas vestes
Enquanto o assombro brinca de cá pra lá sobre o mar
Sal meu querido amanhecer não esqueças nada de minha vida
Toma essas rosas que brotam dos poços dos espelhos
Toma o palpitar de todos os cílios
Toma até os fios que sustentam os passos
Dos acrobatas e das gotas de água
Arte dos dias arte das noites
Eu estou na janela muito distante de uma cidade cheia de espanto
Lá fora homens com cartola passam em intervalos regulares
Parecidos com as chuvas que eu amava
Quando fazia bom tempo
"À ira de Deus" é o nome de um cabaré
Em que entrei ontem
Está escrito sobre a frente branca com letras mais pálidas
Porém as mulheres-marinhas que deslizam por trás dos cristais
São demasiado felizes para ter medo
Aqui nada de corpos do delito sempre o assassinato sem provas
Nada de céu sempre o silêncio
Nada de liberdade mas sim para a liberdade.

ANTONIN ARTAUD (França, 1896-1948)

POETA NEGRO

Poeta negro, um seio de mulher
te obceca
poeta amargo, a vida bole,
e a cidade arde,
e o céu se resolve em chuva,
e tua pena arranha o coração da vida.

Selva, selva, formigam olhos
nos pináculos multiplicados;
cabeleira de tormenta, os poetas
montam sobre cavalos, cães.

Os olhos se enfurecem, as línguas giram
o céu aflui às narinas
como leite azul nutriz;
estou pendente de suas bocas
mulheres, duros corações de vinagre.

TEXTO SURREALISTA

O mundo físico ainda está ali. É o parapeito do eu o que olha e sobre o qual restou um peixe de cor ocre avermelhado, um peixe feito de ar seco, de uma coagulação de água que reflui.

Porém algo se passou, de um golpe.

Nasceu uma arborescência quebradiça, com reflexos de frontes, gastos, e algo como um umbigo perfeito, porém vago e que tinha a cor de sangue aguado e por diante era uma romã que também derramava sangue mesclado com água, que derramava sangue cujas linhas pendiam; e nessas linhas, círculos de seios traçados no sangue do cérebro.

Porém o ar era como um vazio aspirante no qual esse busto de mulher vinha no tremor geral, nas sacudidas desse mundo vítreo, que girava em cacos de testas, e sacudia sua vegetação de colunas, suas ninhadas de ovos, seus nós em espiras, suas montanhas

mentais, seus paredões estupefatos. E, nos paredões das colunas, haviam sóis queimados aprisionados ao acaso, sóis sustentados por jorros de ar como se fossem ovos, e minha fronte separava essas colunas, e o ar em flocos e os espelhos de sóis e as espiras nascentes, até a linha preciosa dos seios, e o oco do umbigo, e o ventre que faltava.

Porém todas as colunas perdem seus ovos, e na ruptura da linha das colunas nascem ovos em ovários, ovos em sexos invertidos.

A montanha está morta, o ar está eternamente morto. Nesta ruptura decisiva de um mundo, todos os ruídos estão aprisionados no gelo, o movimento está aprisionado no gelo; e o esforço de minha fronte se congelou.

Porém sob o gelo um ruído espantoso atravessado por prepúcios de fogo rodeia o silêncio do ventre desnudo e privado de gelo, e ascendem sóis dando voltas e que se entreolham, luas negras, fogos terrestres, trombas de leite.

A fria agitação das colunas divide em dois meu espírito, e eu toco meu sexo, o sexo do baixo de minha alma, que surge como um triângulo em chamas.

INSULTO AO INCONDICIONADO

É pela bazófia
a suja bazófia
que se expressa

ele,

que não sabe
senão
colocar-se fora
para ser sem,
com, —
a bazófia
bem estrumada e espelhada
no cu de uma puta
morta e desejada.

Desejada, digo,

porém sem soltar o suco
das esquírolas
brancas, lambidas

(montes de muco,
a saliva)

a saliva
de sua dentadura postiça.

Com a bazófia
é possível livrar-se
dos *ratos do incondicionado*.

Que não sentiram jamais
que

a não forma,

o fora de lugar
da raiva sem condição,
chamada *o sem-condição*,
a interferência da ação,

a transferência pro deportação;

o restabelecimento fora do corte,

o corte dos tamponamentos;

finalmente o cimento
no não-fora,
a imposição do afora que dorme,
como um adentro, estourado das latrinas
do canal de onde cagamos a morte,

não equivalem às descamações
da concha de uma jovem morta

quando a jovem que a usa
mija de modo abortivo
sua urina

para atravessar
a sífilis.

NANCY CUNARD (Inglaterra, 1896-1965)

ZEPPELINS

Eu vi as pessoas subindo a rua
Enlouquecidas com a guerra e a força e os pensamentos de matar;
Em seguida veio a Morte, que segurava com habilidade
Seus trapos rasgados majestosamente, e batia os pés.

Os incêndios se inflamaram e queimaram a cidade cerrada,
A maioria onde as casas mais tristes e pobres estavam;
A Morte seguiu com pés orgulhosos e olhar sorridente,
E as multidões enlouquecidas correram todos os lados.

E muitos morreram e se esconderam em lugares infundados
Nas ruínas negras da noite frenética;
E a Morte ainda seguiu em sua sobrepeliz, branca
E listrada em imitação de seus rostos.

Mas pela manhã os homens começaram novamente
A zombar da Morte seguindo em amarga dor.

ALEGORIA

Ouça seus três símbolos de hoje:
O cordeiro, o corvo, a águia, vivem,
O corvo levaria o cordeiro embora
Com garras-ferozes para uma falcoaria:
Magro como a águia ele se esforçaria.
O cordeiro, o corvo, a águia, chocam
Em tristezas temporais; o peregrino
Cai na armadilha, e eu vi
O Corvo lamentando em uma floresta,
E o cordeiro solitário no verde.
O cordeiro, o corvo, a águia, morrem;
O cordeiro deve sangrar em mãos implacáveis,
O corvo decai em areias naufragadas,
A águia exilada de seu céu – Assim morreu minha única águia.

AO AMANHECER

Não! Vou sentar e deixar os iâmbicos tocarem,
E eu vou torcer o pescoço do soneto e dizer
"O inferno e a eternidade se encontraram hoje
Aqui – e eu, eu os desafio –, haja o que houver,
Um estranho em sua terra, não mais, à distância."
E quem tem ouvidos pode ouvir se assim o desejar,
Nada ganhará, oh nada; ("ametista
Que afasta os vapores do vinho", eles dizem).
Não vou falar ou responder. Toda a minha esfera
Permanece ou se concentra no amor que se foi, ou aqui,
Como posso dizer, aqui nesta sala transitória?
Tudo é uma mentira, até o túmulo mais distante.
Nem eu saberia se tudo está feito e perdido –
O amanhecer é para gelo, não para calcular custos.

TRISTAN TZARA (Romênia, 1896-1963)

ÁGUA SELVAGEM

os dentes famintos do olho
cobertos de fuligem de seda
abertos à chuva
o ano todo
a água nua
escurece o suor da fronte da noite
o olho está encerrado em um triângulo

o triângulo sustenta outro triângulo
o olho em velocidade reduzida
mastiga fragmentos de sonho
mastiga dentes de sol dentes carregados de sonho

o barulho ordenado na periferia do resplendor
é um anjo
que serve de fechadura à segurança da canção
um cachimbo que se fuma no compartimento de fumadores
em sua carne os gritos são filtrados pelos nervos
que conduzem a chuva e seus desenhos
as mulheres o usam como um colar
e desperta a alegria dos astrônomos

todos os tomam por um jogo de dobras marinhas
aveludado pelo calor e a insônia que o colore

seu olho se abre apenas para o meu
não há ninguém a não ser eu que tenha medo quando o vê
e me deixa em estado de respeitoso sofrimento

ali onde os músculos de seu ventre e de suas pernas inflexíveis
se encontram em um sopro animal de hálito salino
afasto com pudor as formações nubladas e sua meta

carne inexplorada que brunem e suavizam as águas mais sutis

[O ESQUECIMENTO ENTERRADO]

o esquecimento enterrado na inencontrável crença
enterrada nas marulhadas nos descampados nos frutos
leito abundante de herméticas interrogações
onde engorda taciturno o gomo do raio
o trêmulo estandarte
quando o olho já não sabe socorrer
o pássaro morre diante do trajeto sem guia
surgido das torrentes de demônios
quando a solidão saturada de olhos secretos
se enche de orgulho na vegetação
as portas batentes de tua juventude se abrem
e o amor traquina através do espesso atraso
em vão as alabardas encheram de pasmo o tropel das brumas
que a majestosa força apontava — assobia assobia serpente —
as chegadas massivas te flechavam com suas mensagens de sol
onde tanto padecimento se mesclava que a luz
parecia coroar a incestuosa recordação

MENTIRA DE UMA NOITE BELA COMO UMA MULHER

mentira de uma noite bela como uma mulher
todos envelhecemos junto a seu leito de sangue
bela e ainda mais bela ao mesmo tempo da chama
não saberia engalanar noitadas mais rústicas

no fruto que amadurece te encerrei inteira
é minha vida com as bestas vorazes do riso
e a morta se fez voz no eco do espelho
onde se grava o alfabeto de vossos olhos oh desconhecidas

nova e ainda mais bela a relva doce do sorriso
na elevada fonte de braços estendidos para teu zênite
não foi mais do que um grito limite de ar
e a onda desfeita em alegria

quanto demora um tempo carregado de perdões

afundado no porto que já não abordaremos

o sol me esqueceu afora
de vinho claro

AGUSTÍN ESPINOZA (Espanha, 1897-1939)

ELOGIO DA PALMEIRA COM VENTO

Bem – palmeira com vento de Lanzarote –; bem.
Tinhas inveja dos moinhos e dos girassóis. Roletas e carrosséis. Dos astros com sistemas e das viagens de circunvolução. Das hélices. Dos discos de gramofone. Das rodas azuis das fábricas. De tudo que gira, de tudo que volteia incansável, tinhas inveja.
Bem – palmeira com vento de Lanzarote –; bem.
E por isto chegaste a Lanzarote, ilha de vento perene: ilha de alíseos. Nela plantaste tua barraca. E agora superaste todas as antigas invejas: dos moinhos de vento e dos girassóis; das roletas e dos carrosséis: dos astros com sistema; das viagens de circunvolução; das hélices, dos discos de gramofone; das rodas azuis das fábricas. És a primeira entre todas as coisas que aprenderam a arte da cambalhota ao redor de um ponto absoluto.
Agora és tu – palmeira com vento de Lanzarote – a invejada. Por tua cor alegre. Por tua honestidade. Por seu amadorístico significado.
Deixas que teus braços verdes girem sob o vento. Exerces uma esportividade pura. És – hoje – a única hélice, o único carrossel e a única roleta que gira apenas por girar.
Bem – palmeira com vento de Lanzarote –; bem.

ODE A MARIA ANA, PRIMEIRO PRÊMIO DE AXILAS POR DEPILAR DE 1930

[*fragmento*]

Falemos de Maria Ana e suas axilas por depilar.
Falemos também do Destino.
Agustín Espinosa, construtor de esgotos de sonhos adversos.
Agustín Espinosa, colecionador de lírios inumeráveis.
Enamorados de Maria Ana.
Jinetes de seu sexo único.
Maria Ana, vacilante entre os dois Agustins.
Teria de acabar a empresa rompendo amizades, como nas canções antigas: EIS AQUI QUE É TUA A ROSA, VENCEDOR?

Porém deixar 3.114 pelos mal-acostumados, para inventar 489 + 489 pelos esquecidos – para descobri-los – era já coisa de aventuras de agora.
Maria Ana não havia comprado nunca lâminas Gilette.
Maria Ana tinha 489 pelos na concha de cada uma de suas axilas.
E foi o que viram colecionador e construtor de esgotos.
Unicamente por seus próprios ventos eram então um e outro governados.

FAÇANHA DE UM CHAPÉU

Um chapéu era o protagonista deste divino sonho divino inenarrável.
Do andar demasiado alto de uma casa em obras eu o vi caído no meio da rua, esperando firmemente a hora próxima de um encontro exato. Ele estava prestes a perecer várias vezes sob inúmeras rodas de carro. A brisa da noite o libertou de uma ponta de cigarro que havia concluído a perfuração da asa. Uma saliva caiu tão próxima dele, que o salpicou, embora de modo bastante leve. O fino sapato de camurça de uma jovem loira lhe roçou bem levemente, e eu vi o chapéu estremecido até o copo dolorido de um sexo formado como que por associação de úlceras recentes.
Anoitecia, quando surgiu em uma esquina um homem com a cabeça descoberta. Apressado atravessou a rua, e ao passar pelo chapéu se agachou dissimuladamente, o recolheu do chão e o pôs lateralmente em sua orelha esquerda. E logo se perdeu mais abaixo, em meio à multidão constituída àquela hora exclusivamente por funcionários e operários recém-saídos do trabalho.
Saltei até a varanda, a tomei pelo braço, e saímos juntos, sem que uma só palavra se metesse entre nós.
Ele a levava pela mão como se fosse uma menina de seis anos, quando tinha mais de quarenta. Ele a erguia nos bondes sem maior esforço; e a arrastava, mais do que a acompanhava; porque apesar de sua indiscreta obesidade, era tão baixa, que não pesava – ou ao menos isto me parecia – quase nada.
Assim caminhamos por várias horas através da cidade.
Ao final de uma rua, pequena, porém bem larga, que, sobretudo àquela hora, tomava ares provincianos de praça, estava a chapelaria que procurava.

Eu o reconheci rapidamente, por sua cara de suicida e por uma imperceptível queimadura de cigarro junto ao laço. Ela se opunha a usar aquele chapéu de homem, alegando que era um chapéu de homem. Eu tratei inutilmente de convencê-la do arbitrário de uma teoria que queria diferenciar sexos já bem diferenciados. Abusando unicamente de minhas forças, consegui lhe por o chapéu, que, como lhe estava um pouco estreito, congestionava cruelmente o rosto e lhe destacava ainda mais as rugas da fronte.

Eu devo ter lhe causado muito dano, porque ao saírmos da chepelaria ela chorava.

Ao amanhecer do dia seguinte foi encontrado em uma alameda na periferia o cadáver de uma menina de seis anos. Usava um chapéu de homem, preso por um grosso alfinete, que, perfurando seus dois parietais, lhe atravessava a massa encefálica.

GEORGES BATAILLE (França, 1897-1962)

[SONHAVA ALCANÇAR A TRISTEZA DO MUNDO]

Sonhava alcançar a tristeza do mundo
na beira sem esperança de um estranho pântano
sonhava com espessas águas onde recobraria
os caminhos perdidos de teu beijo profundo

senti entre minhas mãos um animal imundo
que escapara da noite de uma selva de espanto
e soube que era o mal de que tu morrias
o que entre risos chamo a tristeza do mundo
uma luz louca um fulgor de estrondo
um riso libertando tua extensa nudez
um imenso esplendor ao final me iluminaram
e vi a tua dor como uma caridade
irradiando na noite a extensa forma clara
e o grito de tumba de tua infinidade.

ORESTIA

Orestia
orvalho celeste
cornamusa da vida

noites de aranhas
de inumeráveis obsessões
inexorável jogo de lágrimas
oh sol em meu peito lenta espada da morte

descansa sobre meus ossos
descansa o relâmpago és
descansa víbora
descansa coração meu

os rios do amor se tingem em sangue
os ventos despentearam meu pelo de assassino

Fortuna oh pálida divindade
riso do relâmpago
sol invisível
retumbando no coração
fortuna desnuda

fortuna de cumpridas meias brancas
fortuna de anágua de encaixes

POEMA

Minha língua inchada como um pau
Em tua garganta rósea de amor.
Minha vulva é minha carnificina
O sangue vermelho banhado de esperma
O esperma nada no sangue.
Em minhas meias de cor malva um perfume de maçã
O panteão do pau majestoso
A bunda de cadela aberta
À santidade da rua.
O amor peludo de minha perna um panteão de esperma
Durmo a boca aberta à espera
De um pau que me afogue
De uma esporrada enjoativa de esporrada pegajosa.
O êxtase que me enraba é o mármore
Do cacete manchado de sangue.
Para me entregar às pombas
Pus
Meu vestido que parte a alma.

IRIS TREE (Inglaterra, 1897-1968)

GANSOS SELVAGENS

Eu vi gansos cinzentos agitados sobre as planícies,
Gansos selvagens vibrantes no alto ar,
Eu os vi como os sinto, voando
Senti minha vida enrijecida em suas gargantas –
Rochas de ferro do norte pelo mar enrugado,
Com o milho verde da primavera perfurando,
Costelas de um barco negro apodrecendo na areia,
Costelas de um gigante
Nas linhas infinitas, ondulantes e marcadas pelas ondas das dunas do deserto...
Eu vi gansos selvagens voando antes do nascer do sol,
E a brancura cinzenta deles fitando os enormes céus,
E os raios do sol sobre as colinas amassadas...

O SAPO

Ele desce escadas escuras,
Com os pés abertos empurrando cortinas escuras,
Leques verdes e arranjos de filmes lentamente se movendo.
Globos brancos flutuam para cima dele,
Bolhas lustradas com crepúsculo e luar.
Sombras se contorcem sob ele,
Atirando sombriamente, equilibradas
Com barbatanas trêmulas
E caudas se contorcendo.
Seus olhos encaram com grandes holofotes,
Sua boca engole, ele suga e engole;
Sua barriga sente o lodo
Desliza polido, flexível, secreto.
Ele chuta e rema com longos gestos,
Continuando sua ondulação, balançando as ervas daninhas para longe.
Ele deita na superfície lisa e preta.
Seus olhos conhecem a luz das estrelas,

E ele ouve os latidos e coaxos dos amantes.
Ele é vigoroso e se enche de paixão
Subindo as folhas de nenúfar,
Observando o brilho salpicado onde as fêmeas saltam,
Esticando suas barrigas amarelas, sacudindo suas pernas.

POEMA SEM TÍTULO

E depois, quando a honra tiver feito o bem,
E tudo pelo que pensas lutar aconteça,
Uma alegria tardia para uma raça aleijada;
Os dentes do buldogue relaxam e mordem por comida,
As águias voam para sua ninhada abandonada,
Dentro do ninho devastado. Quando nenhuma desgraça
Espalhará um rubor pelo rosto abatido
De Orgulho ansioso, já corado de sangue.

Na vitória terás conquistado o Ódio,
E espetado a velha Loucura com uma baioneta
E derrubado o portão hediondo da prisão?
Ou os deuses gordos ainda serão glorificados,
Saciados com ouro, pó e estado vazio,
O incenso de nossa angústia e nosso suor?

LOUIS ARAGON (França, 1897-1982)

CARLITOS MÍSTICO

O elevador descia sempre até perder o fôlego
e a escada subia sempre
Esta dama não entende o que se fala
é postiça
Eu que já sonhava com lhe falar de amor
Oh o dependente
tão cômico com seu bigode e suas sobrancelhas artificiais
deu um grito quando eu os puxei
Que raro
O que vejo Essa nobre estrangeira
        Senhor eu não sou uma mulher leviana
Ui a feia
        Por sorte nós
        temos valises de pele de porco
        a toda prova
Esta
        Vinte dólares
E contém mil
Sempre o mesmo sistema
Nem medida
nem lógica
        mal tema

[EU RETORNO AO QUARTO]

Eu retorno ao quarto Um quarto Não importa qual Não
Não importa qual a não ser
Este não sei onde ou não sei quando a não
Ser este em um sombrio hospital no campo onde as árvores
Cegam a janela verdes e negras um
Quarto em que tudo é pó passado noite nada
Se põe em pé nem as cadeiras nem
O criado-mudo um castiçal o tapete inclinado
E a alta cama de edredons desgastados com a colcha branca

Sua franja de pompons arrancados

Como nós tivemos pelo menos eu este quarto
Amei

Quando então em que século em que ano
Tudo como um relógio imóvel do qual é possível dizer a hora e o minuto porém
Qual século qual estação
Nós sabemos bem

Teus sapatos juntos a uma poltrona inquietos
A roupa caída pelo chão
Tudo não é mais do que um murmúrio enorme no limite do ser
Um louco e doce cansaço na beira do sonho
Alguém fala lá fora e isto é o silêncio

Talvez alguma vez eu pensei talvez
Voltaremos a recordar este quarto em outro lugar
Não importa onde amor meu fora do mundo
Pensei voltaremos a recordar Em uma cidade de clamores À beira de uma praia em que o mar lentamente morre
Em um país de sol violento em vidros vermelhos
Em algum lugar da Alemanha ou nesse país de estátuas
No limite dos bosques Eu pensei
E aqui hoje estou novamente sentindo a queda
Na profundidade do leito antigo de uma pedra e muito longe

[TODOS OS QUARTOS]

Todos os quartos de minha vida
Terão me estrangulado entre seus muros
Aqui os murmúrios se afogam
Os gritos se rompem

Aqueles em que vivi sozinho
Com grandes corredores vazios
Aqueles
Que guardavam seus espectros vazios

Os quartos da indiferença

Os quartos da febre e aquele que
Eu havia instalado com a finalidade de ali morrer friamente
O prazer alugado As noites estrangeiras

Há quartos belos como feridas
Há quartos que pareceriam triviais
Há quartos de súplicas
Quartos de luz baixa
Quartos dispostos a tudo exceto à felicidade
Há quartos que para mim estarão sempre de meu sangue
Salpicados
Em todos os quartos chega um dia em que o homem neles se
Esfola vivo
Em que cai de joelhos pede piedade
Balbucia e se emborca como um vaso
E sofre o espantoso suplício do tempo
Derviche lento é o tempo redondo que gira sobre si mesmo
Que observa com olho circular
O esquartejamento de seu destino
E o ruído mínimo de angústia que precede as
Horas as meias
Jamais sei se o que vai anunciar é a minha morte
Todos os quartos são salas de justiça
Aqui conheço minha medida e o espelho
Não me perdoa

Todos os quartos quando finalmente adormeço
Lançaram sobre mim o castigo dos sonhos

Pois não sei o que é pior se sonhar ou viver

PHILIPPE SOUPAULT (França, 1897-1990)

AS FÁBRICAS[2]

Os animais estrangeiros e os industriais generosos pertencem ao
mesmo círculo
A avenida dos beijos
Doença dos jovens
Os papéis da parede dos tetos das jaulas e dos circos
Oficinas das salvações
Uma dança rápido uma dança
A química delicada
Joguem os dados
Um homem ao mar
Um homem passa quero vê-lo
Corre azul mais azul que meus dedos gelados mancha dos trilhos
As ferrovias as usinas
O ferro arde
A madeira
O tabaco das prisões mãe dos sonhos
Um bar pracinha galhardia doentia
Quinta-feira quinta-feira
Dêem as mãos a cabeça das árvores
Calma dos sóis
Corpos compostos sais
Caminhões tragam os resultados
As sombras nossas amigas
Um general manda sobre algumas mãos
Os belos relógios

CREPÚSCULO

Um elefante em sua banheira
e três crianças que dormem
singular singular história

---

[2] Em colaboração com André Breton, *Les champs Magnétiques*, 1920 (Paris: Au Sans Pareil, 1920).

história de sol poente

EM DIREÇÃO À NOITE

É tarde
na sombra e no vento
um grito sobe com a noite
Não espero ninguém
ninguém
sequer uma lembrança
Há tempo que a hora já passou
porém esse grito que leva o vento
e empurra para adiante
vem de um lugar que está muito além
por cima do sonho
Não espero ninguém
porém aqui está a noite
coroada pelo fogo
dos olhos de todos os mortos
silenciosos
E tudo o que devia desaparecer
todo o perdido
há que voltar a encontrá-lo
por cima do sonho
em direção à noite

KAY SAGE (Estados Unidos, 1898-1963)

ENFEITIÇADO

Vinho fugaz
Entrou como se nada tivesse acontecido para sair com tudo
Atingiu como uma nevasca e marchou com o sol para brilhar no crepúsculo
Um beijo murcho em meus lábios
E uma carícia fantasmagórica que ainda percorre meus corredores
Uma imagem encharcada que só me lembra o que devo esquecer
Espero a lua das ilusões com a esperança de me tornar uma brisa que embaça tua janela
Uma voz muda gritando desesperada versos de amor até de manhã
Sou um homem pobre, não tenho muito
O que me resta
Se nos sonhos eu também sou vítima de teu feitiço?

AS CORES DA ALMA

Eu quero viver tuas nuances
Dos vermelhos mais brilhantes aos tons de cinza

Eu quero sentir teus lábios em minhas bochechas
E beber o café de tuas pupilas
Afogar-me em teus azuis
Perder-me nos brancos que vagueias
Ver florescer teu verde
E brotar teus amarelos
Conhecer o negro de tua morte
E renascer com tuas cores mais vivas

PERDIDO EM TUA MEMÓRIA

Luz eterna resplandecente que se fragmenta com tua pele de diamante
Vagalume vibrante que ilumina meu chão instável

Bêbado de ti, memória afogada em pranto de desejo
Chama incessante que grita por um beijo
Palpitação acelerada, caio entre as dimensões de teu olhar

Galáxias e auroras, luz e sombras projetadas em tuas sardas
És tu, a razão destas letras

VALENTINE PENROSE (França, 1898-1978)

[ONDE ESTÁS QUE RECOMEÇAS]

Onde estás que recomeças
teus cabelos como um ramo
sustentando os globos e as copas?

A flor de sol murcha
eu te ofereci as rendas verdes
e saltaste até o único coração necessário
sem girar ou vacilar
sem erro
quieta

em meio ao sangue da luz.

NOITE

Retornará a noite de inverno
Para estender-me a teu lado.
As fachadas beberão austeras
O clarão de lua e sua luz
Será expulsa de nossos beijos e braços.
O quarto jaz solitário com as cortinas baixas
Jazes tu sozinha com os olhos baixos
O clarão de lua é o clarão de teus braços
A noite traz sua nave imperturbada.

[VAMOS AOS CONFINS ONDE O SOL É FRIO]

Vamos aos confins onde o sol é frio
Onde seja impossível ingressar na paisagem
Das coisas que virão desconcertadas umas firmes outras
Eles falam conjeturam
Nunca houve nada tão enfeitiçado. Adeus minha bem amada

Tua mulher de clamores está na paisagem
Adeus, Ruiva.

*

Vem dormir comigo no leito desses ancestrais
Onde foram forjados os brios de tua beleza viva.
Regressa, oh absorvente. Ante os véus de tuas ancas
Onde me ajoelho
Como ninguém antes rogou
Eu rogo a ti que me deixes dormir e misturar-me com os tempos.

*

Oh Ruiva! Isto que saboreamos da feliz forma vivente
Esta morte abundante esta noite conjurada
Demasiado estendida hoje para minha solidão.

LISE DEHARME (França, 1898-1980)

[HOJE PELA MANHÃ]

Hoje pela manhã
eu comi:
una borracha
um sextante de grãos de beleza (de luares)
algumas sementes saudáveis
purê
língua de gato
dois relógios banhados de chocolate
o rabo de um rato
salgado com o sal de uma clepsidra (salteada)
alguns pelos de anjo
e uma laranja

NINHO DE AMOR

Uma casa pequena
do tamanho de um lenço
aonde irei para de dar boas noites
meu amor
e bons dias
todos os dias.

Seremos felizes
como aqueles
que saem da prisão.

CURIOSO

Teus cabelos são aranhas pretas e arranhadas
tua testa um deserto de areia loira
teu nariz uma onda de som
teus dentes estão com fome
tua boca está bem

teu queixo
uma colina afiada
mas teus olhos são duas crateras
de lava e abismos abertos
polvilhadas com faíscas e fogo
Teus olhos são dois mundos perdidos

BENJAMIN PÉRET (FRANÇA, 1899-1959)

PÉS E PUNHOS ATADOS

Quando o cavalo for de pedra
de pé ante a eternidade
pedirei às divindades das plantas
a capa de chuva indispensável aos viajantes eternos
Hoje me encontro no poço gelado
onde as virgens choram afogadas por suas lágrimas e a chuva
eterna
que recobre os pensamentos dos homens
suas lembranças e ambições já manchadas
por uma mão inexperiente
e incolor como a água de uma garrafa
onde no entanto vive o olho de minha amante
de cor limão e de implacável tormenta

FALA-ME

O negro de fumaça o negro animal o negro negro
se encontraram entre dois monumentos aos mortos
que poderiam ser tomados por minhas orelhas
onde o eco de tua voz de fantasma de mica marinha
repete indefinidamente teu nome
que tanto se assemelha ao contrário de um eclipse do sol
que quando me olhas eu creio em mim
como uma planta de espora de cavaleiro em uma geladeira cuja
porta abrisses
com a esperança de ver escapar uma andorinha de petróleo
inflamado
porém dessa planta brotará uma fonte de petróleo flamejante
se assim queres
como uma andorinha
quer a hora de verão para tocar a música das tempestades
e a produz igual a uma mosca
que sonha com uma teia de aranha de açúcar
em um copo de olho

às vezes azul como uma estrela fugaz refletida por um ovo
às vezes verde como um manancial que brota de um relógio

IMPERATIVO

Temer o suor das moscas extraviadas nos bairros em construção
Envilecer os jarros de estanho até que sejam estraçalhados pelos cães
Retorcer os antigos armários para extrair um pouco de pó de rubi com que colorir os lagos
Assobiar repetidamente e longamente para que acudam os ossos bem embranquecidos que não querem entender razões
Lavar a tinta com vinho tinto para distrair as crianças que brigam no pátio
Cortar a luz em quatro e jogá-la às feras
Extrair da areia todos os dentes que contenha para erguer muros
Transformar as armaduras em incubadoras para obter pintinhos de bico longo
Amassar as tartarugas até convertê-las em mantas
Regar todos os dias as bandeiras com óleo de máquinas
Queimar os camembert passados até que salte a fênix
Acariciar as lentilhas uma por uma antes de semeá-las
Sacudir os tapetes com uma navalha para fabricar gaiolas de canários
Esgotar as reservas de ouro para comprar grampos de cabelo
Assustar as lagostas que tentam penetrar uma tabaqueira
Cozinhar os violinos em molho branco
Dourar as escadas para evitar varrê-las
Caracolar nas igrejas na hora da missa solene
Porém jamais insultar o carteiro para expulsar os ratos da pena
Que atacariam os bronzes artísticos a bicadas.

ROBERT DESNOS (França, 1900-1945)

OS GRANDES DIAS DO POETA

Os discípulos da luz inventaram somente trevas levemente opacas.
O rio arrasta um diminuto corpo de mulher o que é indício de um final próximo.
A viúva vestida com roupas nupciais se equivoca de séquito.
Todos chegaremos com atraso a nossos túmulos.
Um navio de carne encalha em uma pequena praia. O timoneiro convida os passageiros a se calarem.
As ondas esperam impacientes. Mais próximo de Ti, oh Deus meu!
O timoneiro convida a ondas a falar. Elas falam.
A noite veda seus frascos com estrelas e faz fortuna com a exportação.
São construídos grandes tabuleiros para vender rouxinóis. Porém não conseguem satisfazer os desejos da Rainha da Sibéria que quer um rouxinol branco.
Um comodoro inglês jura que não o surpreenderão mais recolhendo sálvia de noites por entre os pés das estátuas de sal.
A propósito disto um pequeno saleiro com Cérebros se endereça com dificuldade sobre suas pernas finas.
E derrama em meu prato tudo o que me resta por viver.
O bastante para salgar o oceano Pacífico.
Ponham em meu túmulo um salva-vidas.
Porque ninguém nunca sabe.

DESTINO ARBITRÁRIO

A Georges Malkine

Agora chega o tempo das cruzadas.
Pelas janelas fechadas os pássaros se obstinam em falar
como peixes de aquário.
Junto à vitrina de uma loja
uma bonita mulher sorri.
Felicidade não é senão lacre
e eu passo como um fogo fátuo.

Uma multidão de guardiães persegue
uma borboleta inofensiva fugida do asilo.
Em minhas mãos se torna calcinha de renda
e tua carne se torna de águia
oh sonho meu quando te acaricio!
Amanhã haverá enterros gratuitos
já não se resfriarão
falarão a linguagem das flores
serão iluminados por luzes até agora desconhecidas.
Porém hoje é hoje.
Sinto que meu começo está próximo
semelhante ao trigo de junho.
Policiais ponham minhas algemas.
As estátuas viram as costas sem obedecer.
Em seu pedestal inscreveria injúrias e o nome de meu pior inimigo.
Lá longe no oceano entre duas águas
um belo corpo de mulher faz com que retrocedam os tubarões.
Sobem à superfície para contemplar-se no ar
e não se atrevem a morder esses seios
esses seios deliciosos.

ÚLTIMO POEMA

Tanto sonhei contigo,
Caminhei tanto, falei tanto,
Tanto amei tua sombra,
Que já nada me resta de ti.
Apenas me resta ser a sombra entre as sombras
ser cem vezes mais sombra do que a sombra
ser a sombra que retornará e retornará sempre
em tua vida cheia de sol.

JACQUES PRÉVERT (França, 1900-1977)

O ESTUDANTE PREGUIÇOSO

Diz não com a cabeça
porém diz sim com o coração
diz sim ao que quer
diz não ao professor
está de pé
é interrogado
todos os problemas lhe são propostos
de súbito rebenta em gargalhadas
e apaga tudo
os números e as palavras
os dados e os nomes
as frases e os ardis
e sem cuidar da fúria do mestre
ou dos gritos dos garotos prodígios
com giz de todas as cores
sobre a lousa do infortúnio
desenha o rosto da felicidade.

PARA RIR EM SOCIEDADE

O domador pôs sua cabeça
na boca do leão
eu
eu pus somente os dedos
na garganta do Belo Mundo
Não teve tempo
de me morder

Com toda simplicidade
vomitou rugindo
um pouco dessa bílis de ouro
à qual é tão afeito
Para que essa trapalhada resulte
útil e divertida

lavar os dedos
cuidadosamente
em um pingo de bom sangue

Cada um com seu circo

NUVENS

Eu fui buscar meu tricô de lã e o cabrito me seguiu
o cinzento
não desconfia como o grande
é ainda demasiado pequeno

Também ela era demasiado pequena
porém algo já ali se manifestava tão velho como o mundo
Já
conhecia coisas atrozes
por exemplo
que há que desconfiar
E ela olhava o cabrito e o cabrito a olhava
e então lhe vinha uma vontade de chorar

É como eu
dizia
um pouco triste e um pouco alegre
E depois a iluminou um grande sorriso
e a chuva começou a cair

LUIS BUÑUEL (Espanha, 1900-1983)

TEOREMA

Se por um ponto fora de uma reta traçamos uma paralela a ela
obteremos uma ensolarada tarde de outono.
Com efeito:
O céu todo olhos azuis reflete o sonho sem peixes dos tanques e
estes por sua vez banham tibiamente a preguiça da tarde.
As árvores cegas passam em lenta procissão e em seus galhos mais
altos pia ouro alguma folha atrasada.
As ruas em massa querem sair a passear no campo, porém tão
lentamente que de imediato os viajantes as deixam para trás
todas estremecidas ao sol.
Campos amarelecidos sobem por colinas e outeiros e ali se
estendem, com as pernas abertas, à espera da noite. Apenas
uns choupos sempre inquietos telegrafam um "morse" de
folhas.
Compassado respirar da tarde e todas as coisas batendo a seu
ritmo. Eu trago na palma da mão minha bengala sem folhas.
Um seio dorme ronronando ao sol.
Todas as janelas têm cílios como mulheres.
A torre da igreja, como um dedo indicador, aponta a última
nuvenzinha branca.
Após uma bordoada um silêncio e em seguida passa Cristo
vendendo vozes.
As andorinhas beijam o bico das sete.
Uma descarga fechada de cata-ventos pelo ar.
As orelhas daquela mula — ela não percebe — reabsorvem a tarde.
Extingue-se a luz em minha lapela.
É a hora em que tem início o solitário parto dos candeeiros.
Alguém dá meia volta no interruptor das estrelas.
Que é o que não nos havíamos proposto demonstrar.

POLISOIR MILAGROSO

No inverno os gritos dos semáforos caem ao mar
crivados de vento e de crucificação

Um barco pode naufragar em uma gota do meu sangue
do meu sangue quando cai sobre o peito
de uma marquesa Luís XV de espuma

Esta paisagem gela menos ao espelho
do que sobre as unhas dos mortos
que hão de ressuscitar
com os dedos convertidos em flores
em flores de agonia e salvação

Dividida como um vale de Josafat
espera-a a risca de minha cabeça
enquanto Cristo condena
a virgem Maria com um penteador branco
dará um pedaço de pão aos condenados
e porá um pássaro de carícias
na fronte dos que se salvarem.

BACANAL

Carneiro de 125 pesetas
Enrolado abundante manual como o ventre
da mulher de 150 pesetas
os pães que o pobre come
podem ser amassados desse ventre
e cozidos com fogo de polegares

Quando cruzamos os polegares para formar uma aspa
renova-se o martírio de São Bartolomeu
que como depois viemos a saber era um fauno
ou um membro
que se encrespava diante da cruz.

São Bartolomeu e o fauno dançavam quando
as pedras saíam disparadas da terra
como beijos atirados com a ponta dos dedos.
Ao morrer comeram-no umas formigas alegres
que tampouco eram formigas

eram umas dançarinas silenciosas.

Do túmulo de São Bartolomeu
sai uma espiga de carne ardendo
por cada beijo que pôde e não quis roubar.

ROSAMEL DEL VALLE (Chile, 1901-1965)

NASCIMENTO

Abre, abre, abre. Venho da hora menos desesperada. Há um resplendor que deve aparecer justamente quando o ruído em que me debato se parta em dois como sucede às ondas gêmeas quando abandonam o mar. Eu o ouço vir, descer, cair, enquanto afasto com cuidado toda espécie de respiração terrestre. Porque ouvi a mensagem e ele me disse que nada será possível se alguém deixa cair uma palavra sobre meu ouvido ou se um animal surge de imediato na noite com uma tocha entre os cornos ou se um pássaro voa através de meu peito com um anel em cada asa. Assim, à espera, o mundo deve ser a estátua da melancolia. A estátua solitária na praia de um mar sem espumas. A estátua visitada de tempo em tempo por um raio invisível, pai da tempestade enredada nos bosques de um país sem nome. E como regozijar o olhar nesta antecipação cuja linguagem é semelhante à sombra portadora do banquete para o moribundo? Já está dito, é impossível. O resplendor vem. A vida vem. A chave que caminha sozinha até a porta não diz outra coisa senão que vem. O homem que me espreita desde seu sonho distinto do meu e sem compreender não sabe senão que espero o que vem. A voz reunida da terra se desprende da roupa surrada para tornar-se a ideia de que afinal o sol vem. O mar ameaçante é agora o dragão ameaçado pelo barco caçador de ondas que anunciou vir com os mastros em chamas e vem. Apenas eu sou o que não vai nem vem. Abre, abre, abre. Um minuto a mais e não poderei dizer se o resplendor veio ou não. Se a luz tem as mãos geladas ou não. Se o dia que ainda não conheci é ou não semelhante ao sonho com que o circundei para livrá-lo da tempestade. Da tempestade que por não se parecer com a morte não se parece com coisa alguma. Sequer com o olho que em vão procura através de mim uma saída.

DIVINDADE PÚBLICA

O tempo o urso dança pelas praças
Celebrado por paixões e lembranças de crimes
Não deixes de livrar-se dos cabelos para entrar no sonho

Nesse rito verás o deus que enreda teu destino
Porque os frutos adormecidos cairão da árvore
Antes que sejas levado de mãos dadas pelos defuntos
Entenderás então o que dizem as tábuas
Escritas para ser lidas pelos velhos?
O cão do outono vem seguido pela ovelha do outono
E não passarás a não ser seguido por ti mesmo como o raio de sol
Passa seguido pelos dentes da noite
Recorda tuas férias no Paraíso
Os vulcões passeavam por um jardim e
Ninguém fazia fogo junto ao deus desesperado
Não o despertes agora com teus dentes ressecados
Por um fio estendido irás até o fim e
Ninguém sabe como começam a mover-se as auroras
Presume-se que resvalam por suas próprias facas
Antiga é a comunicação dos deuses pelo fogo
Porém a noite diz mais sem que ninguém a escute
Assim podes fazer para ti hoje e amanhã um colar
Para o sonho que venha parecido com uma mulher ou um cometa

CÂNTICOS

O pássaro
que se afogou em tuas lágrimas
ainda canta.

VICENTE HUIDOBRO

Distante, aberta aos ruídos que lhe servem de raízes. A noite do fundo do mar passeia por sua cabeleira e o resplendor que a acompanha não pode ser senão o olho de meu coração sobressaltado. Eu devia estar ali totalmente, junto dela. Porém obstáculos, ímãs em liberdade e encaminhamentos de outra ordem me retêm entre catástrofes. Há a obediência, a convivência, a expiação. Há o torvelinho de figuras humanas com afãs submetidos a tormentos sem nome. Em uma palavra, o exercício da vida. O terrível. Assim, colado a músicas que sequer me pertencem, mas que me acorrentam, não posso senão debruçar-me no vão ardente por onde sai sua respiração para que meus olhos possam vê-la passar

semelhante a uma flor através das coisas, um meteoro pelo jardim, uma onda em viagem pelo mar que nos espera. Ardente, ardente. Firmamento sujeito por um fio ao sonho metamorfoseado de seus olhos.

IV.

Todos os signos dizem que cheguei à última margem
Todas as nuvens regressam e querem que eu as siga
Oh e tanto fazer arder o destino e o destino
É este ir e vir e sem ir retornar
Como o mar retorna ao mar sem sair
Como o sol vai à sua noite e o que afinal permanece?
É a hora é a hora e trombetas anunciam
O retorno da árvore à folha – da colmeia à abelha
Do mel à flor e esse pó
Azul que é o corpo segue crescendo e se desfazendo
Como o raio que ia comigo e que agora
Quer cortar as próprias pálpebras e dormir

VIII.

Forma transtornada ou forma nem de vida ou de morte
Forma de contornos constelados ou de bruma terrestre
Ideia de um esquecimento soberano entre frios súditos
Com cornos e clarins partidos ao pé das muralhas
Oh corpo meu perfurado por trevas marinhas
Por adeuses mais solitários e úmidos que uma lágrima
Por feitiços de obscuras ciências e
Secreta sedução de errantes talismãs
Já se abriu o buraco iluminado pelos olhos?
Já se esvaziou o tempo em tuas veias de vidro?
Uma forma sem forma – o animal e o silêncio
No último diálogo com a luz e com a pedra

X.

És ainda a lâmpada do gozo transmissível?
A última vibração de minha viagem pela terra?
Meu céu está oco e pascem ressequidas minhas palavras

No combate em que não quero perder parte de minha sombra
Porque devo dormir sem me dividir embora dilúvios
Tenham carcomido a madeira do corpo fiel à ordem
De flutuar sobre vidas e mortes repetidas
Sem temor dos atos incendiados nem das horas
Atadas às colunas de esquecimentos e lembranças nem aos gritos
De minha dupla imagem devorada oh bandos e puro chicote
Para esta carne para este espírito para este sonho
Pendido sobre o mar como uma estrela

XI.

Amor e esmigalhada eternidade de amor a amor
Tu com a tua coroa por distantes universos
Eu com o ímã constelado pelos hinos do gozo
Através das portas abertas pela mão do anjo
Até ocultos exércitos de formigas e lagostas
Em expiação da luz roubada na queda
E Eva tu mesma – embora às vezes Eurídice –
Com o colar de fogo para meu pescoço frio
Com arrulho de melro ferido na viagem pela nuvem
Com a transparência das bodas mais solitárias do mundo
Para que siga passando o tremor de corpo em corpo
Através dos eclipses de tua boca em minha boca

XX.

Amor morte em cascata solitária
Eco final da sombra unificada e eco
De meu ser substituído e profundo testemunho
Diante das fogueiras do tempo
Resta algo mais do que sou na nova sombra?
Um fulgor vacilante? Uma estrela cravada na pele?
Oh copa enchida oh vazio trêmulo
O duplo símbolo ardente no jarro antigo
Caçadores da noite em um tapete
A imagem em esplendor entre pedra e pó
O deus com duas cabeças recebendo a oferenda
Um olhar solitário que perdeu a origem

Dentro de mim e fora de mim, a gota de chuva apanhada pelo oco da pedra, a vibração do ruído dos insetos nos ouvidos das folhas. Oh e tu, parecida com todas as coisas. Dormes e já que te desfazes ardendo na graça do mundo deixa-me erguer os sinais em código que não verão ou entenderão senão as naves solitárias a esta hora em viagem pelo oceano menos parecido com o oceano, sob o céu menos identificável, entre a tempestade menos semelhante à sinfonia dos elementos que pudesse guardar alguma relação com a rebelião dos anjos. Dormes e a luz não sabe o que fazer com teu sonho. Apenas eu, o filho das nostalgias solares, junto um a um os fios que te saem dos olhos, as palavras que se desprendem de tua boca, as gotas de chuva que petrificam tua cabeleira não de todo diferente de uma chama. Apenas eu recolho teu som. Apenas eu vigio a rede que te envolve no leito. Apenas eu recolho as migalhas do pão do sonho que pareces comer, o único alimento para teu corpo, a única luz que pareces seguir na viagem sem se dar conta. Porém como habituar-me a esta solidão com tantos olhos? Como sustentar-me a mim mesmo enquanto te sustento e te espio? Como tornar-me algo semelhante à tua desapiedada tranquilidade? Como entrar eu também no belo transe e te seguir na fuga sem fim? Como acreditar-me vivo em tua morte? As nuvens passam, os pássaros passam, as horas passam. Mas a única coisa que não se move no mundo nem em mim é a ideia de que o fluxo das ondas de meus pensamentos possa tocar em ti e que despertes de imediato e me sorrias sem nada que me fale de tua ausência tão temporal como repentina. Como és, amor, dentro e fora de todas as coisas.

ANDREAS EMBIRIKOS (Grécia, 1901-1975)

O BUÇO DA PROSPERIDADE

Aquela pequena cidade no meio da planície romena está destinada a florescer. Dentro de seus palácios um dia brotarão grandes plátanos que em suas mãos brandirão espadas ou lanças incandescentes. O adoentado carneiro que atualmente reside na catedral certamente dará lugar a uma copuladora insaciável e presos políticos encenarão nas imediações da rua principal o sagrado mistério da ressurreição de uma cabeça degolada sobre um fundo musical de carrilhão.

UVAS INVERNAIS

Roubaram seus jogos e sua amante. Baixou então a cabeça como se fosse morrer. Porém seus treze destinos e seus catorze anos frustraram o desastre fugaz. Ninguém disse nada. Ninguém tratou de defendê-la dos tubarões transoceânicos que lhe haviam amaldiçoado como o faz a mosca com um diamante ou um país encantado. E assim esta história foi cruelmente esquecida como ocorre sempre que o guarda-florestal esquece seu raio no bosque.

AS FLECHAS

Uma jovem em um jardim
Em um floreiro duas mulheres
Três meninas em meu coração
Sem limites sem condições
A palma de uma mão em um cristal
A palma posta sobre um seio
Um botão desabotoado
E um peito revelado
Enquanto o Sagitário com suas flechas
Brilha na altura dos céus
Sem limites sem condições

LUIS CARDOZA Y ARAGÓN (Guatemala, 1901-1992)

CENTAVOS DE BIOGRAFIA

A León Pacheco

1.

Abriu minhas veias o alfanje de prata de um cometa
e sobre o mundo, pouco a pouco, languidesço,
poeta pagão,
águas de amadas músicas,
chuvas de pétalas de rosas,
e rompendo champanhe na cabeça da vida,
de pontas de pé, a noite se aproximará para beijar-me.

2.

Meu coração se afoga
em um amor vago e infinito,
poemas em irresoluta nebulosa.

O SONÂMBULO
(*fragmentos*)

A Xavier Villaurrutia

2.

Porque no céu um lírio é ainda arma proibida
apertam suas pinças os escorpiões
e a cinza se esquece por completo do fogo.
E entre a morte e o sonho vai sem vida,
muito além da estrela fugaz e da bala perdida,
na hora do amor das ilhas e do embrião, o astro e os punhais,
a rosa sem espinho da morte.

Não é senão a hera que inventa uma torre.
O peixe incandescente que lança seu perpétuo assalto contra a fachada.
A mão que ergue a venda dos olhos e confunde epitáfios.
Alaúde de céu que perdoa a grosseria telúrica do nardo
emudecido detrás de sua brancura, como chuva na água.
Já irrompe como um desfile de colunas altas sem memória de tetos leves de assombro.
Como uma imensa gama muda de chorar e a derradeira borbulha do afogado.
Como uma súbita vergonha da morte
contemplando-se a si mesma com rubor de vinho
e lividez de chumbo.
E já não se sabe se acaso antes de ser na sombra desse menino
e na doçura inevitável dessa menina por nascer,
foi um conflito de pássaros, de trevos em flor ou um grão de trigo;
sem lufadas de cotovias e de esquecimento
seus ossos aproximam até a aurora oculta no pavor de despertar bem longe,
bem longe de seu sonho e de seu umbigo.

7.

Auroras se oferecem tácitas nos muros que não existem das noites herméticas
e nas âncoras e no cais abandonado.
No peito duro blindado do inverno
e no terno peito do amante esquecido.
Como chama sem pele, como sombra sem corpo,
em evidência de beijo, como em luz de um luzeiro.
Jazia mais morto do que Lázaro escutando
o girar dos heliotrópios, o patinar dos astros.
Essa rubrica fulminante na cega piçarra desolada que o morto sustentava
com suas mãos famintas, arrecifes sem história.
Tu, morto, sustentavas essa piçarra sem estrela.
E até a voz doía.
Essa voz que vem de um ponto além de Lázaro e da noite da maravilha.

Essa que Lázaro mordeu com sua memória, esquivo à morte e vivo nela,
quando sonhou que estava vivo, oh morte de rádio!
Essa voz que lhe queimou as névoas frias e exaltadas
sobre a surda piçarra despejada por todo giz branco.
Era de diademas e arcos!
Enlouqueceram os telescópios e os astrolábios.

8.

Fervor de estrelas, negação de rosas.
Tristeza do primeiro morto, do primeiro ventre emprenhado!
Água régia, prova final para o axioma
da verdadeira verdade inesgotável com que a morte coroa a si mesma.
Nos deltas de fogo desbocados em teus cabelos,
fazem céus os barcos naufragados.
E que terrestres nostalgias rasgam os afogados vendo flutuar os litorais.
Esses lábios raivosos com farrapos de nebulosas e pedaços do arco.
Essa fronte, esses ouvidos com o eco de sua voz adormecida.
Caramujo de eternidade com seu despenhadeiro da primeira palavra.
Essa ideia fina e teimosa que o litoral persegue com obstinada insistência.
Essa forma que o rio pensa e desenha e corrige desdobrando-se sobre si mesmo.
Essa forma que a água toda não alcança nem na lágrima, nem na quietude do lago sem pálpebras ou o dia que a desnuda em sua cor de insônia, de asas em vigília, em um clima de mártir, cascata de luz jovem na sombra, a uma temperatura de cariátide ou de balido de estrela esfolada, de morte de criança ou olhar enamorado.

DESENHOS DE CEGO, XXVII

Tudo está noite e fênix esquecida do fogo. Porém em seu vértice arde o espinheiro que não se consome. Tudo está fechado e há que romper os limites do mundo sem portas. Como uma horda mineral

vitoriosa, te projetas em seu sorriso que anseia segurar a insônia do céu. És o afogado recordando litorais que jamais viste. Coloca-o contra o ouvido, e o mar sem margens queria assomar por seus olhos mesmo sem lágrimas. Abandona-te à rígida vontade desse mar que te embala, mar prisioneiro em seu corpo saído de teu dorso como uma punhalada. És tu mesmo, o náufrago e o mar e seu corpo. O espinheiro que não se consome. Ele é certeza neste mundo que não necessita da esperança. Se tudo é plenitude, para que a esperança? Toda tua carne é falo. Submerges e te destroças em aleluias até a ferida devoradora de teu dorso; penetras por ela e te viras ao contrário; ela nasce de ti e tu nasces dela, e caem a pique os dois juntos, um os dois, ardendo na mesma chama que não se consome, fazendo cócegas com sílabas de sombra os pés do Infinito pendido da Árvore.

MALCOLM DE CHAZAL (Ilhas Maurício, 1902-1981)

[SEMPRE SE LEVA]

Sempre se leva algo da própria mentalidade a tudo o que se sente. Sempre pomos algo do cheiro de nossa alma no que nos rodeia. Recriamos os perfumes. O olfato é a melhor fábrica de cheiros e um perfumista de primeira ordem.

[COMO DUAS RETINAS]

Como duas retinas que se viram entre si tão próximas e iludiram uma à outra, na voluptuosidade logo se chega a um estado em que já não sabemos se somos nós ou o corpo do outro que penetramos, como os nervos cruzados perdem o rastro de sua origem. Na ascensão da voluptuosidade morremos progressivamente em nós para ressuscitar em outra. E na descida dos altos cumes do prazer morremos em outra parte para ressuscitar em nós. A voluptuosidade é um ciclo de transposição de vida.

[COMO O FOGO]

Como o fogo, a luz também tem sua "fumaça", que só desprende a água e o cristal incolor nos quais ela se difunde. A aranha de cristal, a catarata em que arde a luz, desprendem uma luminosidade gasosa, espécie de névoa de claridade com cintilações translúcidas, o que por momentos dá a impressão de um forno de luz que arde no seio da água e do cristal criando efeitos de crescente de luz na massa de vidro que se expande e na massa de água que cai.
No jorro de água que brota, a luz precede o fio de água. Lance uma esfera de zinco com suficiente velocidade ao espaço e ela se dividirá em uma bolinha de luz com uma bolota de zinco a reboque. O brilho se coloca sempre à cabeça do auto-bólido. A estrela fugaz talvez não seja mais do que o brilho de um corpo celeste que vai muito atrás a reboque.

KITASONO KATUE (Japão, 1902-1978)

FANTASMA DE ÓCULOS

segurando um frágil cachimbo de cerâmica, cravei meus olhos em
um observatório
uma concha se contorcendo em seu auge
conchas também estavam no topo das torres elétricas
fechando uma janela cônica, vi uma figura comprida e estreita em
um livro verde
uma concha cinza também estava na testa daquele músico
Estou triste

THÉATRE DE SALOMÉ

Salomé digere filme como uma libélula Salomé é uma adorável
filha
uma filha da Babilônia
Salomé, fique girando no topo de uma torre de hotel aquele
faiscante cabelo cabelo azul aquela luz cônica circulando
embaixo a verde lua da Babilônia um pássaro sem olhos que é
um
pássaro sem olhos
onde está Yokanan?
ele está cortando o cabelo originalmente era um profeta, mas
agora usa um
chapéu-coco trabalhando em um banco

CHUVA NEGRA

outdoor gritando
na
chuva
inverno
molhado pela esperança
percorre a cidade enlameada
num

desbotado
sobretudo
aquecido pela solidão
deus com listras
e Sartre etc.
o vento
está vazio
rasgando hoje
na chuva negra do inverno
a metrópole solitária
ao crepúsculo

ALDO PELLEGRINI (Argentina, 1903-1973)

NADA

Deslumbrado pelos ventres luminosos, vestido de negro, eternamente apoiado contra o muro das aproximações, esse monstro quase perfeito se fazia chamar homem. Por que persistir? Uma porta se abre e aparece uma blasfêmia flutuante, vagando pálida sem objetivo. Gangrena das esperanças. Sua mão se cansava de esmagar os piolhos de três cores. Os demais se entretinham fazendo comparações entre os termos injuriosos, porém o furacão insuportável a tudo arrastava. Frio selvagem. Eu não compreendo e compreendo. Quem diz isto vira a cara para não ver passar as pálpebras rígidas sob as neves intermináveis. A respiração dos supostos suicidas cai como uma chuva fina sobre os dentes postiços. As saudações sem fio unem as mãos sempre vazias. Mordam as portas até destroçar a falsa compreensão, enquanto isto sua mulher os esquecerá porque seus amantes se multiplicam, em seguida se carbonizam e finalmente ela lhes extrai a raiz cúbica. Apertando os punhos até que se degolem todos se precipitam para as portas onde o insuportável mendigo queima audazmente seus sorrisos. Um grito imediatamente destrói os mistérios de papel. A pedra se agiganta até que seja o mundo a girar desesperadamente na profundidade das pupilas do paranoide. Sobre o rosto crispado passam o sol, a noite, o grito repugnante das virgens, a morte cavalgando as axilas suadas, um adolescente que urina agarrado a uma árvore. Por trás dos molares na boca babenta, os muros gigantescos são derrubados frente ao olhar fixo da porca grávida.

De pé no umbral espera eternamente. Socorram-na. Estendam o arame sobre as falanges descarnadas para que passe o trem com estranha lentidão. Logo receberão a decepção das catástrofes sem mortos e os sobreviventes mencionarão com tristeza o infortúnio de terem sido salvos.

Porém ela, no alto da escada, me mostra seu rosto sem relevo, seu hálito sólido. No vértice da torre é um ponto negro que se lança ao vazio, mistura-se com os pássaros, com os excrementos do ar, dissolve-se na atmosfera, precipita-se sobre a língua ofegante dos cães maiúsculos, afasta-se triste com os braços caídos, pisoteando seu próprio corpo e seu próprio sangue.

A MULHER TRANSPARENTE

Tua voz era uma bebida que eu tomava silencioso
diante de olhares assombrados
um pássaro de luz
saiu de teu corpo transparente
pássaro de luz
instante que volteia
em uma vertiginosa velocidade
atravessando ruas e ruas
perseguem teu corpo que foge
quando poderás afastar a turba enlouquecida?
Desamparada
ao cair te destroçaste toda
os restos de teu corpo se arrastam por todos os sítios do mundo
ah um dia renascerás tu
a transparente
única, inconfundível
levemente inclinada, jamais caída
rodeada de impenetrável silêncio
avançando teu frágil pé entre a vacilante monotonia
ah um dia renascerá teu riso
teu riso de pássaro transparente
teu riso ferido.

TROFÉUS

Cada olhar é uma árvore que navega em um rio
uma árvore que cresce em palavras líquidas até que transborde o céu adormecido
palavras nascidas do assombro com mão de desejo que abre a porta que conduz à privação do canto
em um espaço infatigável
semeado de pedras mas que possui uma particular espécie de divindade
ante a qual os adoradores resplandecentes de orgulho ofertam a maligna substância de seus sentidos esgotados

em um espaço infatigável
com a hostilidade do órgão da surpresa e a submissa devoção do cansaço

Tão enorme é a distância que nos separa
tão imensa a irritação que os homens cedem seu sonho fortalecendo a covardia com as necessidades elementares da vida
atentos à sua salvação enquanto caminham penosamente através da distância que nos separa
e reúnem inumeráveis troféus obtidos nas campanhas empreendidas para encurralar a inocência
e impudicamente deslocam o mar e a terra em uma façanha discretamente vergonhosa
sem intenção de separar o bem do mal mas sim com o objetivo de criar largos álveos de sofrimento
com essa sabedoria desdenhosa percorrida por trens que partiram da hora do gênesis
e repetidamente detêm-se na desordem sem que tudo ao longo dos séculos
possa alcançar essa estação de chegada onde aguardam esplêndidas senhoras enluvadas que tentam conter mediante indescritíveis esforços de pudor uma fome sexual que as devora interiormente
mas que exteriormente lhes dá uma serena elegância de serpentes afetadas pelo calor.

CÉSAR MORO (Peru, 1903-1956)

ACERTO DE CONTAS

Devemos a íris do olho o orvalho a embriaguês
Uma noite em que me querias derrubar eu levava uma negra
bandeira
A noite em que todas as chamas falavam com a boca fechada
Olhos desviados e retornados à baía

A noite em que tudo falava de um encantador desejo de morte
Em que as lágrimas uma vez que disseram tudo queriam me levar
para outro lugar
Para um soberbo túmulo de pó de mármore
Um tumulto de hipnose progressiva
A violência prometida o atrativo irregular
Sempre o fogo do pensamento a ideia fixa
Se eu quisesse viver não seria nesta ilha

OH FUROR A AURORA SE DESPRENDE DE TEUS LÁBIOS

Regressas na nuvem e no hálito
Sobre a cidade adormecida
Golpeias minha janela sobre o mar
Minha janela sobre o sol e a chuva
Minha janela de nuvens
Minha janela de seios sobre frutos ácidos
Janela de espuma e sombra
Janela de marulho
Sobre altas marés regressam os penhascos em delírio e a
alucinação precisa de tua fronte
Sobre altas marés tua fronte e mais longe tua fronte e a lua é tua
fronte e um barco sobre o mar e as adoráveis tartarugas como
sóis povoando o mar e as algas nômades e as que fixas
suportam o marulho e o galope de nuvens persecutórias o ruído
das conchas as lágrimas eternas dos crocodilos a passagem das
baleias a crescente do Nilo o pó faraônico a acumulação de
dados para calcular a velocidade do crescimento das unhas nos

tigres jovens a prenhez da fêmea do tigre o salto matinal dos caimães o veneno em taça de prata as primeiras marcas humanas sobre o mundo teu rosto teu rosto teu rosto
Regressam como a carapaça divina da tartaruga defunta envolta em luz de neve
A fumaça regressa e se acumula para criar representações tangíveis de tua presença sem retorno
O pelo açoita o pelo regressa não se move o pelo golpeia sobre um tambor finíssimo de algas sobre um tambor de rajadas de vento
Sob o céu inerme vencendo sua distância golpeias sem som
A fatalidade cresce e cospe fogo e lava e sombra e fumaça de panóplias e espadas para impedir teu passo
Fecho os olhos e tua imagem e semelhança são o mundo
A noite se deita ao meu lado e começa o diálogo ao qual assistes como uma lâmpada votiva sem um murmúrio pestanejando e queimando-me com uma luz tristíssima de esquecimento e de casa vazia sob a tempestade noturna
O dia se ergue em vão
Eu pertenço à sombra e envolto em sombra jazo sobre um leito de lume

O CHEIRO E O OLHAR

O cheiro fino solitário de tuas axilas
Um amontoamento de coroas de palha e feno fresco cortado com dedos e asfódelos e pele fresca e galopes distantes como pérolas
Teu cheiro de cabeleira sob a água azul com peixes negros e estrelas do mar e estrelas do céu sob a neve incalculável de teu olhar
Teu olhar de holotúria de baleia de pedernal de chuva de jornais de suicidas úmidos os olhos de teu olhar de pé de madrepérola
Esponja diurna na medida em que o mar cospe baleias enfermas e cada escada rejeita seu transeunte como a besta empestada que povoa os sonhos do viajante
E golpes cintilantes sobre as têmporas e a onda que apaga as centelhas para deixar sobre o tapete a eterna questão de teu olhar de objeto morto teu olhar apodrecido de flor

ALICE RAHON (França, 1904-1987)

[NA NOITE DO PRINCÍPIO]

Na noite do principio
a bruma deixou
seu sangue
entre os lábios salgados
bem além dos olhos do sol

O sorriso da morte
recostada no caminho
inesperada como o rosto do passado

Para estes destinos paralelos
não há linha no horizonte
onde reunir-se ou descansar
ou fugir dos peixes cruéis
da angústia e da preocupação

Eles nadam nas margens
dos rios escuros
que separam os amantes

A sombra desce uma escada do sol
até o fundo de meu coração

Penso nos amores castos e pensativos
desses animais que se unem
como se dessem a mão

[ENCONTRO DE RIO]

Encontro de rio
água que vem das nuvens
e dos mananciais
água que me une a teu destino
água livre que nunca retorna

às suas origens
última roupagem para meu medo
atraída por ti com uma argola no nariz
até esta norte
como uma gota de água a noite
chamando até que nos levantemos
ardil do fogo para tudo queimar

MUTTRA

Rolando no chão
buscando o coral para sua lâmpada
Seios entregues voando e cantando
ao contrário da pega que se enche de seu canto
invisível na árvore molhada
Todas as vozes femininas à beira da floresta
sob a pata de palmeira
que semeia uma cevada de nuvens
acima dos terraços de cevada
A floresta magnetizada está à deriva
a floresta de frutos de todos os sexos confunde
o lento amor dos miméticos nas lianas
esta folha está me observa
de suas órbitas vazias
no fundo do jardim voador.

JOSÉ MARÍA HINOJOSA (Espanha, 1904-1936)

CAMPO – SECA

A Luis Buñuel

As árvores negras,
cruzam
seus ramos,
pedindo
um pouco d'água.
As árvores negras,
cravam
seu olhar,
no céu.
Nas árvores negras,
não lhes cai água,
e quase secas,
fixam seus olhos
na terra sem suco
e sem alento.

CAMPO – TORRENTE

A Federico G. Lorca

Ladeira
coberta de erva.
Córrego
sem fundo.
Uma aroeira
estende seus ramos
em círculo.
O melro
se deixa cair
com um voo rítmico
e crava sua flecha negra
no plano

verde, liso.
Vassouras
de filamentos cinzas
erguidos.
Pedras
com mofo amarelo.
Uma cabra
e seus dois cabritinhos
transpõem o visto.
o silêncio gira
buscando seu ruído.

NOSSO AMOR NO ARCO-ÍRIS

Nossos cabelos flutuam na curva do ar
e na curva da água flutua um barco pirata
que leva em sua coberta, entre copas de breu,
teus olhares de âmbar e o âmbar de tuas mãos.
Nossos cabelos flutuam no ar avermelhado
enquanto seu corpo pende feito cor sua carne
das sete cores estendidas em um arco
sobre o céu de plástico ferido por seus olhos.
Por que sempre evitas encerrar tua carne
em minha carne coalhada de flores e feridas
abertas com punhais em brancas madrugadas
chegadas do deserto entre nuvens de pó?
Nossos cabelos flutuam na curva do ar
envoltos entre lufadas de crimes violentos
e mãos inocentes querem lavar o sangue
derramado na terra pelo primeiro amor.

SALVADOR DALÍ (Espanha, 1904-1989)

POEMA

A Lydia de Cadaqués

Uma orelha quieta encima uma pequena fumaça direita indicando
chuva de formigas sobre o mar.
Ao lado da rocha fria há um pelo de cílio.
Um pedaço de carne desgarrada apontando o mal tempo.
Há seis peitos extraviados dentro de uma água quadrada.
Um burro apodrecido zumbido de pequenos ponteiros de minutos
representando o princípio da primavera.
Há um umbigo colocado em um lugar com sua pequeníssima
dentadura branca de espinha de peixe.
Um caranguejo seco sobre cortiça indicando o avanço do mar.
Há um nu cor de lua e leva seu nariz.
Uma garrafa de anis do macaco horizontal sobre uma madeira
vazia, simulando o sonho.
Há uma sombra de azeitona em uma ruga.

O GRANDE MASTURBADOR
(*fragmento*)

A pesar da escuridão reinante
a noite estava apenas começando
nos beirais das grandes escadarias de ágata
onde
fatigado pela luz do dia
que durava desde o nascer do sol
o grande Masturbador
seu nariz imenso apoiado sobre o piso de ônix
suas enormes pálpebras fechadas
a fronte corroída por rugas horríveis
e o pescoço inchado pelo célebre furúnculo que fervilha de
formigas
se imobiliza
estático nesse instante do crepúsculo ainda bem luminoso

enquanto a membrana que recobre inteiramente sua boca
se enrijece ao longo da angústia da enorme lagosta
presa imóvel e apertada contra ela
há quatro dias e cinco noites.

Todo o amor
e toda a embriaguez
do grande Masturbador
residia
nos cruéis ornamentos de ouro falso
que recobrem as frontes delicadas e brandas
e imitam
a forma de uma coroa imperial
cujas finas folhas de acanto bronzeado
se prolongam
até as faces rosadas e imberbes
e continuam suas fibras duras
até fundi-las
no alabastro claro de sua nuca.

[POR QUE ESPERAR]

Por que esperar que a espuma pouse sobre as rochas lisas
se precisamente as nuvens vivem
dentro as plumas de dentro as rochas lisas
porém as nuvens, a espuma e as rochas lisas
não formam outra coisa que uma antiga e conhecida paisagem
onde vivi minha adolescência
meus lábios, meus olhos perdidos entre os seixos...
meus cabelos imitando os gestos das pedras
e vigiado unicamente
por uma pequena azeitona vigilante
alegre
como um violento pontapé no meio da bunda.

PEDRO GARCÍA CABRERA (Espanha, 1905-1981)

BIOGRAFIA MÚLTIPLA

Um dia escreverás a tua história.
Ilhas que têm um beijo de coral
e as raízes, pirâmides de sombra
e ninhos de vulcões, que te desenham
–gêmeas de teus elevados mirantes–
em cartas ausentes de teus olhos
que pulsam a insônia das velas.
São imagens tuas, anagramas
da solidão de boca sem amante,
maduras de esperar, mães de mitos
com anjos tatuados e tambores,
vinhetas fiéis de tua biografia.

COMO UMA ÁRVORE

Foi em tua pequena mão,
no mar de uma mão,
onde semeei a minha vida
como uma árvore.

Teus dedos, nossos dedos,
raízes de ternura.
E a sombra sobre nós cresceu
como uma árvore.

As minhas mãos nas tuas
teus dedos enxertados nos meus,
a árvore tornou-se um ninho.

Foi em tua pequena mão,
no mar de uma mão,
onde nós dois nascemos
como uma árvore.

ILHAS DO DESPERTAR

Chega de ser pontas apagadas
do cinzeiro dos mares.
Umbigos da sede,
só um prazer da humanidade pode nos valer.
Vivemos como ardemos e pensamos,
com nosso sentimento de vulcões
e a melancolia de estarmos sós.
A pirotecnia de um amor de fundo
nos acelera, embora pareça,
de tão rápido, um cronômetro parado.
Esperar não é um fim.
Borrão e conta nova para a brandura
de ruminar solidões.
Nosso escoamento de esperanças
não esconde o punho da rebeldia.
E rompemos o pijama do silêncio.
Nem somos descendentes
de uma língua cortada
nem queremos suar fel e vinagre
nem continuar sendo súditas
de uma feira de esquecimentos.
Não desejamos outras pertinências
que não sejam as asas dos voos.

VLADIMIR HOLAN (República Tcheca, 1905-1980)

VIAGEM A ISFAHAN

Esta viagem adiada a Isfahan
uma vez mais cresce em mim com mais força
e insufla em minha boca
a respiração de um roseiral em flor.

Eu me evaporo mais facilmente
quando a árvore mais próxima se põe a sussurrar
e das rochas lunares deste estranho país
faz com que abunde o vinho, o decante

ao coração de cada instante
que corre rindo em cada mundo,
até que pressinto uma grande morte, essa que se inclina sobre as crianças
com silenciosa admiração,

essa pequena morte, essa morte amável que também
acena aos piratas
e aos pássaros que voam ao redor da casa
onde o prisioneiro não cessa de...

Apenas nossos olhos existem e o céu sobre eles.
Isto sabe o cativo, e vêem o pássaro e o menino.
"E se eu dormisse?" — Há poços e céu, dá-me a mão! —
Eis aqui como a morte nos convida. Eis aqui o que responde gentilmente.

SOMNIA ET NOCTIUM PHANTASMATA

Esta é a noite em que pela porta secreta do desvelo
entram fenômenos demasiado criados
para que se rendam ao desaparecimento.
Com amargura range o degrau e as roupas,
com apagada concentração esperam cintilar

seguindo o horário da coruja.
Algum traço em vão se cansa
de ser sorriso sem troca de alma,
alguma mão pensa em ecos
a voz penteada por sobre as orelhas do inferno;
soa algum passo apenas vacilante
(já que a necessidade é para o futuro,
embora precisamente ele não a queira)
quando de imediato uma sombra se move persuasiva
e queima a crosta dos estigmas
na pequena chama da eterna Lâmpada,
enquanto é seguida pelos olhos de todos...

Apenas tu continuas dormindo, dormes quase obstinadamente,
como se graças aos cabelos perdurando no ataúde
quisesses pressentir
o destruído pente do anjo.

ENCONTRO NO ELEVADOR

Entramos na cabine e estávamos ali apenas os dois.
Entreolhávamo-nos sem fazer outra coisa.
Duas vidas, um instante, a plenitude, a felicidade...
No quinto andar ela desceu, e eu, que continuava,
compreendi que nunca mais a veria,
que era um encontro de uma vez para sempre
e que, ainda que a houvesse seguido, o teria feito como um
morto,
e que, se ela tivesse se virado para mim,
somente poderia fazê-lo de outro mundo.

EMILIE GLEN (Estados Unidos, 1906-1995)

FRIO FRIO

Tubarões de inverno no verão indiano
meus dedos estão duros congelados
preciso comprar luvas de lã
para usar usar
não consigo parar essas explosões de lágrimas
eu pediria ao meu amor para esfregar minhas mãos quentes
do jeito que ele sempre

Ele morreu ao meu lado na noite
luvas de lã para usar em seu enterro
mãos cinzentas de frio
mas não tão frias quanto as dele hoje

ATRAVÉS DO CORREDOR

Raramente o vejo
Ouço-o subir as escadas
Observo sua luz sob a porta
Posso atravessar o corredor a qualquer hora
não posso dizer que sim
ocupado como eu sem fazer muita coisa
Cheiro reconfortante de sua sopa
lembrando que ele está ali

Ele morreu à noite
sentado em sua mesa de papel caído
Agora que a polícia trancou a porta
Oh, olhar para dentro

ATRASADO PARA A COZINHA

Eu nado através da plataforma continental
Até uma queda tão profunda que

ainda tenho que pressionar
Duas milhas abaixo até a noite do fundo do mar,
O lodo globigerina de diatomáceas e radiolários,
        E a poeira de estrelas cadentes:
Estou descobrindo montanhas e vales,
        Prados marinhos florescendo
        com lírios e anêmonas,
Palmeiras marinhas, ervas marinhas,
Sempre que eu quiser, posso descer
        Na barriga vermelha escura de uma baleia:
Peixes ferozes passam por mim,
        Eu não sou a comida deles e eles não são meus,
Eu ouço as criaturas marinhas,
        E elas parecem notar minha voz borbulhante:
Plâncton sempre plâncton,
        Eu mordisco diatomáceas e alface do mar,
        Nada precisa ser cozido no mar

ITHELL COLQUHOUN (Índia, 1906-1988)

[CADA VIAGEM AO REINO DO FOGO]

Cada viagem ao reino do fogo
Adiciona uma chama à varinha mágica
para os mundos da água a cada jornada
Uma gota no copo

[NA ESCURIDÃO FANTASMAGÓRICA]

Na escuridão fantasmagórica
antes de dormir ao invés
de me dobrar como fui ensinada a fazer
mergulho em outro ser
e tocada por gavinhas da floresta
ou espuma da língua do oceano
em harmonia contigo
eu me afundo no abismo

POESIA SURREALISTA

Ele: Se meu amor pudesse ser escrito
Ela: Então todas as cachoeiras ficariam pretas.
Se uma delas se virasse três vezes
Ele: Então eu te foderia o dia todo.
Se minha língua pudesse alcançar teu útero através de tua boca
Ela: Então os sapos cuspiriam fogo e todos os portões rangeriam.
Se eu fizesse uma longa viagem marítima
Ele: Então até as macieiras seriam monogâmicas.

RENE CHAR (França, 1907-1988)

OS SÓIS CANOROS

As desaparições inexplicáveis
Os acidentes imprevisíveis
Os infortúnios talvez excessivos
As catástrofes de toda ordem
Os cataclismos que afogam e carbonizam
O suicídio considerado crime
Os degenerados intratáveis
Os que enrolam na cabeça um avental de ferreiro
Os ingênuos de primeira magnitude
Os que colocam o féretro de sua mãe no fundo de um poço
Os cérebros incultos
Os miolos de couro
Os que invernam no hospital e conservam a embriaguez das
roupas dilaceradas
A malva das prisões
A urtiga das prisões
A parietária das prisões
A figueira nutriz de ruínas
Os silenciosos incuráveis
Os que canalizam a espuma do mundo subterrâneo
Os enamorados em êxtase
Os poetas escavadores
Os que assassinam os órfãos tocando clarim
Os mágicos da espiga
Imperam temperatura benigna ao redor dos suarentos
embalsamadores do trabalho.

A LUXÚRIA

A águia vê como se apagam gradualmente os traços da memória
gelada
A extensão da solidão é o que torna visível a presa que foge
Através de cada uma das regiões
Onde se mata onde se é morto livremente

Presa insensível
Indistintamente projetada
Mais aquém do desejo e mais além da morte

O sonhador embalsamado em sua camisa de força
Rodeado de utensílios efêmeros
Figuras que se desvanecem assim que formadas
Sua revolução celebra a apoteose da vida que declina
O desaparecimento progressivo das partes lambidas
A queda das torrentes na opacidade das tumbas
Os suores e mal-estares que anunciam o fogo central
E finalmente o universo com todo seu peito atlético
Necrópole fluvial
Após o dilúvio dos radiantes

Esse fanático das nuvens
Tem o poder sobrenatural
De deslocar para consideráveis distâncias
As paisagens habituais
De romper a harmonia acumulada
De tornar irreconhecíveis os lugares fúnebres
No dia seguinte dos proveitosos homicídios
Sem que a consciência originária
Se cubra com o deslizamento purificador do chão.

FRONTE DA ROSA

Apesar da janela aberta no quarto da longa ausência, o odor da
rosa ainda está ligado ao
hálito que estava lá. Mais uma vez estamos sem experiência
anterior, recém-chegados, apaixonados. A
rosa! O campo de seus caminhos dissiparia até mesmo a afronta da
morte. Nenhuma grade fica no caminho.
O desejo está vivo, uma dor em nossas testas vaporosas.

Aquele que anda na terra em suas chuvas não tem nada a temer do
espinho em lugares acabados ou
hostis. Mas se ele parar para comungar consigo mesmo, ai!
Perfurado até o âmago, ele de repente voa para

cinzas, um arqueiro recuperado pela beleza.

NIKOLAS KALAS (Grécia, 1907-1988)

REVOLUÇÃO

Toda a terra do olho, toda a terra – cruzes
e a terra de outros olhos também cruzes
de dentro da terra os mortos e quentes corpos de soldados.
Da terra brotam robustas as cruzes
cruzes em tumbas em bodas e antes e depois cruzes.
E nas duas coroas flores de limão imperecíveis flores agora
para as noivas com véu das cruzes.
Apertados, apertados, seus véus branquíssimos tingidos de negro
– sobre os próprios corpos, o insaciável corpo da noiva
jogado ao chão, o convite ao amor dos soluços deles
e em outros leitos, outras bodas.
Os beijos da irmã no irmão e da filha na cruz paterna
a boda trágica, os beijos da mãe no filho
as outras bodas, irmão com irmão
os uivos dos véus, o convite da noite
os negros lençóis de uma noite de orgias, os beijos secretos de
amor
o beijo no morto e nas cruzes, toda a terra do olho cruzes
a terra o céu e por ali anjos adornados com luas
meias luas e anjos e cantos
assim no céu como na terra, e descem as estrelas
e ritmicamente se movem as meias luas
cada uma sobre sua própria cruz
e corta a cruz como se fosse espiga, oh que fosse espiga
e os negros e secos paus carregados de canas
e os olhos das mulheres canto de pássaros
e suas orações que fossem beijos
e os beijos prévios de crianças, oh alegria
pulsa meu coração, golpeia como um martelo.

Eu quisera fazer um céu
ter agora que anoiteceu um firmamento para olhar
o tornaria grande, pleno de estrelas de formas estranhas
nele poria ao invés de uma duas luas desiguais
uma pequena como uma criança, outra grande como uma queixa.

As duas não andariam juntas sempre
a primeira se deitara próxima do norte
e a grande viria em cima de meu relógio para tanger a meia-noite.
Durante o tempo em que andaram juntas
como dois olhos azuis – da cegueira os olhos
veriam tudo o que fez o medo
veriam lançadas a meu lado
palavras – do dia as palavras
e me perseguiriam as luas
e seu brilho me cravaria
e uma em silêncio falaria um idioma de arrependimento
e a outra com paixão correria pelo firmamento
sobre novas trajetórias
de modo que do céu de duas luas
a nova ordem pareça loucura
e incensados pela harmonia delas subiriam e baixariam minhas pálpebras.
Duplo jogo de círculos agora cobre o céu
melodias aparelhadas jamais ouvidas por mim
geram as cordas invisíveis das luas
motivos eternos para mandolinas e serenatas
e enquanto crescem os números das luas –
coroa inteira de brancas bolas o céu
correm e elevam rodas luminosas
e fazem subir ao céu.
Antes do amanhecer beijos são ouvidos
são as luas que caem e se machucam.
Quando me desperto o faço por cansaço meu corpo parece haver sofrido.

E o verde caía no azul
e se convertia naquele olho cinza
um cinza ligeiro
simples sombra sobre a expressão
rolava o olho por todas as partes – direita e esquerda, acima e abaixo
agora que se livrou de seu corpo insuportável
planeta grande e luminoso
astro para passos de mágico
– porém os mágicos morreram –

e arrastro ao pés por sua rota sem sentido
pela cidade as montanhas da costa
até a minha inóspita minha desnuda cama
e o olho vaga como bala no caos
como sol brilhante – que a doce luz, a luz indolor da lua –
como sol que queima, que olhas, que não vês
como sol igual a olho divino
o olho do amor
presenteia ao sonho vigília
e à minha ilusão pesadelo
antes de apaga-lo a aurora transmuta sua cor
como nos raios uma bela opala a acaricia
e se converte em azul
com uma linhas em cor de rosa que recordem coral
em seguida predomina aquele verde esmeralda
que passeia pelas relvas tomadas de orvalho
ao verde o sucedem as insuportáveis mostras amarelas de vida
aborrecida.

Ao despertar – desperto por cansaço
bem aberto o olho ainda está me olhando
brincando com as cores em que foram tecidos tantos amores seus
brincando com as cores que desdobram as pregas de outros olhos
os olhos queridos de corpos alheios
olhos que esperavam
e s fecharam para que nada vissem porém acabaram vendo
olhos que amavam
e agora não sabem o que é preferível
permanecer abertos ou fechados.

HIPÁTIA 1933

Nas águas do Nilo, de rios que passam por grandes cidades
    contemporâneas, ela se banha.
Sobretudo, no entanto, com esse líquido, rega adoráveis lábios.
Tornou-se sábia. Mostra o valor de palavras que não se convertem
    em cinza
nem se registram.
A ela lhe basta repeti-las por toda a noite

sem que nem por um momento se atenue a atenção do outro.

NARCISO 1934

Agora que a esperança se volta para o passado
que a hora das decisões já não retorna
as rotas marítimas os pavimentos de madeira se põem em outros
horizontes
é que em seu próprio se regressa
espreita na extensão de águas estancadas
a imagem de um enrugado murcho e abominável narciso
a imagem que Narciso não quis lhe presentear.

RENE DAUMAL (França, 1908-1944)

O ABANDONO

O sol branco enganava os adeuses
os barcos partiam como moscas,
os pássaros se enrugavam como bocas
e caíam tesos-mortos dos céus.

Quando fiquei sozinho sob o céu amarelo
que meus olhos secos descascavam,
sondei minhas algibeiras
com a esperança de encontrar um companheiro de exílio.

Não havia nada,
tão somente a poeira dos caminhos,
tão somente as rotas de miséria,
tão somente rainhas mortas cravadas em madeiros.

Oscilavam desertos sob meus passos
oh deus meu, me arrebataste a vertical,
e meus braços giram loucos
nos círculos brancos de teu olho.
Estava louco, estava louco, asseguro,
lençóis brancos investem contra mim,
amarga espuma em meus lábios;
tratarei de me curar até a brancura, até a estupidez;
porém os barcos perderam suas cores
que já não voltarão;
esmiúço meus dedos sobre a relva murcha,
para atrair os pássaros mortos.

A DESILUSÃO

Branco e negro e branco e negro
atenção, quero lhes ensinar a morrer,
fechem os olhos, apertem os dentes,
clac!, vejam só, não é nada difícil,

não há nisto nada assombroso.

Falo com vocês sem paixão,
negro e branco e negro e branco,
clac!, vejam que logo se aprende,
falo sem amor,
e no entanto vocês bem sabem...
– há que levar a evidência até o absurdo –

Branco e negro e branco e negro e negro e branco,
se nossas almas mudassem seus corpos,
nada mudaria,
portanto não me falem mais de corpos e almas.

Branco, negro, clac!, é a única coisa
que podemos conceber unido
(não é certo que não há nisto nada trágico?)

Falo com vocês sem paixão
branco, negro, branco, negro, clac!,
é meu eterno grito de moribundo,
esse grito branco, esse oco negro...
Oh vocês não entendem nada,
sequer existem,
eu me encontro só para morrer.

A CONSOLADORA

O silêncio agravava a perda de um amigo,
As chamas das velas coagulavam em flores brancas,
Então apontei para mim mesmo com o dedo nos espelhos.

Uns caixões se abriram sozinhos com a brisa da manhã,
Um sol fazia cálculos estúpidos babando.

Uma mulher com olhos de branco marfim entrou
E me estendeu os braços sorrindo; possuía
Em vez de dentes pedaços de carne vermelha.

JUAN JOSÉ CESELLI (Argentina, 1909-1982)

A PELE ERIÇADA DOS DESEJOS

Esta manhã lhe nasceu uma longa cicatriz de barro
Era como o desejo que as mulheres levam maduro entre os lábios
Quando constroem essas pequenas panelas de fogo transparente
Dentro das quais é possível ver como sofrem e queimam as carícias
de seus amantes

Reduzo então ao máximo suas ânsias
Ao longo de seus sentidos se distribuía uma longa espera
Acompanhando a manhã que surgia com sua coroa de espelhos
E os rios nascendo entre as mãos dos eleitos

Nas paredes começaram a crescer as profecias cujos passos
deixavam a descoberto um caminho de relâmpagos
E o quarto acabou amordaçado
Enquanto os lençóis cresciam e cresciam sem cessar.

REFAZER A DEMÊNCIA

Como saber o que sei?

Instintivamente
De alguma parte retém o esplendor da carne que o aprisiona
No entanto ninguém pode transpor seu umbral
Violar sua loja seus selos ou apoderar-se de si mesmo
Vai para dentro da saída mas é inútil

Há que refazer a demência
Há que destroçar os armazéns ferventes dos diamantes tíbios e
indolentes
Pôr abaixo a porta dos céus
As frescas esteiras dos ossos
As frescas esteiras das sestas
Esteiras de ventres com franjas açucaradas

Como armadilhas que amadurecem e se esquartejam debaixo da pele
Armadilhas que ele mira e nas quais tenta as núpcias mágicas
Os festejos selvagens da vidência:
Esses sutis tambores ocultos entre as linhas das mãos

Porém seu jogo insistente lhe escamoteia o movimento-chave de seus movimentos
A derrubada de sua derrubada
Por que então não há de saber o que cheira?
Por que o grande ubre do inferno o transtorna com os segredos do paraíso?
Em sua cabeça lhe atropelam os desejos esquartejados
As manchas de sonolência que vão perfurando as paredes
Dobrando-as
Aproximando-as
Até tornar cada vez menor a cavidade de seu crânio
Há uma saudação grave
E não sabe por que saúda nem por que é grave
Não sabe que não está e que ri às suas costas
E quer habitar sua boca
Destapar os vasos de vidro onde se conservam as relações familiares
Abrir uma escrivaninha sobre as asas de suas próprias borboletas
Derrubar as bibliotecas detrás das quais escondemos os gestos espontâneos

A PORTA PELUDA

Raio silvestre
Procuro meu imperador secreto
Essa turva crisálida que sonha com as formas invisíveis do universo
Com seus meteoros musicais
E esses presságios desesperados que relampagueiam entre teus cabelos quando os penteias ao sol

As paredes de meu quarto se contraem quando me acaricias e uma mulher de âmbar

Com as mãos pálidas sobre sua desnuda candura
Tem teus olhos como quando te vi pela primeira vez
Compreendo que por esse caminho
As órbitas ardentes da vida me enviam sua mensagem
Com paciência armo uma armadilha entre meus gestos
As estrelas escondem seus horóscopos e procuro essas masmorras
onde vemos os corpos levitados pelo piscar dos diamantes do
desejo

Recordo quando sentada entre duas cadeiras me mostraste uma
longa sombra
Havia chamas e pequenas flores celestes
Guardavam um segredo entre o tan-tan frenético:
Os instintos fugindo entre as pradarias

Mais tarde eu recordava minha vida
Que é uma história feita para esconder minha verdade

PIERRE UNIK (França, 1909-1945)

O CASTELO DE NAIPES

É mais belo que a cor dessa luva esquecida no mar
e nos sulcos desertos não encontro mais nada
porém lá bem longe os instrumentos de música se reúnem
em uma alcova
em um carro quadrado
e é o amor que começa
com festanças nos quatro ângulos
e batalhas que nunca terminam
adeus maravilha adeus não tens coração
mas sim um álamo manso na lapela da jaqueta
e não é sem dar o alarme que minha voz chega em tua cidade
o barco no qual se suicidam os fantasmas depois de uma
    prolongada imersão no cádmio das consagrações
o barco vazio se apresente em minha porta
e chama com todo seu negro céu
"pálida, diz ele, pálida mais pálida que tua esposa"
e esses dentes no som do olhar me trituram
esses dentes de corrente e de incêndio
incêndio em que as mulheres formam a corrente
para impedir que nasça o nove de espadas
o pajem diabólico que tem ascensão de florestas
esse pajem eu o conheço é o nove de espadas
e as mulheres na cidade são mais pobres do que eu esperava
mais pobres que minha vingança
e minha fúria
mais pobres que um carteiro que possui apenas o abandono
sobre uma casa de oito pisos
de um bilhete de ida e volta para a forca
É na encruzilhada do caminho e da morte
onde se ergue o poste indicador das enamoradas
para ali vão todos os meses a recolher os rumores
ali se encontram porém jamais se veem
O espantalho do castelo de naipes
o manequim de silêncio
com armadura de bétulas

com sua chama e suas correias
o espantalho dos séculos
na saída do subterrâneo
não há labirinto que importe
todas as asas e todas as chaves abrem os poros do castelo de naipes

O ESQUECIMENTO

Na hora em que os paralelepípedos se transformam em vidros escuros
pisados pelo passo leitoso das libélulas com corpos de lobas
em que as grandes avenidas de plátanos da inanição que brota do vazio
guiam as pulsações do coração até as perspectivas de mármore das praças angustiadas
o homem se vira para as portas dos comércios diurnos
e lança um olhar enlouquecido
em que a tristeza desenha uma costela avermelhada
até as vestimentas antiquadas da vida
Como um riso
as portas de grades se fecham sobre a água material
os rastros cálidos dos vapores familiares se descolorem
se acaso o homem sente saudade das medusas do dia
se acaso está por diluir-se na rouca agitação das lavas glaciais
o dia oscilante não é mais do que um sino de pólen
a desmoronar-se diante do sopro da mulher
que derruba a si mesma sob o peso de sua cabeça selvagem
quando passam carregados de ruínas os trens do que foi
Nas grades homem
acaso
sentes saudade das medusas
arranca as portas
retorce os vidros
tua saudade é apenas um foto fátuo de sino
e a boca da mulher a tritura em um grito
olha
os cravos ardem como cordéis secos
desgarra perfura arranca

os despojos com cores de água viva
em seu leito bordado com sangue
pisoteia
as adoráveis convulsões das manhãs que terminam
toma os pedaços de grade incandescente
como uma maça de carvalho
para pulverizar os aveludados restos de naufrágios
arranca a vida com o que ainda resta nela aderido
as perspectivas de mármore se afirmam
Lá bem longe
sobre ti
sobre as pálpebras da mulher
sobre o espaço de sonho entre a orelha e a asa do nariz
a noite se ergue como uma criança
que quer ver despontar o dia
O homem voltará o rosto
para observar as vitrines saqueadas
e como a noite muito pura se avermelha pelo sangue derramado
com proveito

[O AMOR OCULTO PELOS REDEMOINHOS]

O amor oculto pelos redemoinhos de fluxo e refluxo
a cabeça abandonada nas pedras do caminho
que conduz ao abismo legítimo
as pedras que rompem os resplendores dos dentes
o choque dos dentes para o empedrado do caminho
O amor oculto pelos ralos do eterno retorno
a voz que os beijos esvaziam
a boca cozida pelas lágrimas
os viadutos por sobre o abismo
caçoam do fluxo e refluxo
os desafios com língua e mulher das marés sonoras

ENRIQUE MOLINA (Argentina, 1910-1997)

OS HOTÉIS SECRETOS

O brilho nômade do mundo
Como uma brasa na alma uma joia do tempo
Se abre somente com a passagem de certos leitos tormentosos
Arrastados pela corrente
Até as escadas cortadas pelo mar
Em certos antros de luxúria de margens sombrias
Povoados por estátuas de reis
Quase irreconhecíveis entre a reverberação das tochas cuja luz é a hera que cobre os muros
Oh coração orgulhoso!
Entrega-te ao fantasma parado à porta

Agora que tão bem te conheço
Sem outra sede além de tua memória
Criatura melancólica que tocas a minha alma de tão longe
Invoca nas alcovas o êxtase e o terror
O lento idioma indomável da paixão pelo inferno
E o veneno da aventura com seus crimes
Oh invoca uma vez mais o grande sopro de antigamente
Nestas câmaras de pedra enlaçada ao teu amante
E ambos envoltos na lona dos dias perdidos como o morto no mar
E prontos a se desfazerem nas fogueiras instantâneas
Sobre leitos de um metal misterioso que brilha nas trevas sob a base dos candelabros
E o coro de pássaros lascivos girando com fúria nos quartos lacrados pelo ferro de outras noites
Pois tais antros solenes cobertos de flores carnívoras
Com mármores que apodrecem à sombra de cabeleiras opulentas
Pomposamente lavrados se balançam desde o portal até a cúpula
Como a nave ancorada sobre o abismo
Agitando com lentidão seus espelhos para fazer dormir a mulher nua entre os verdugos que incineram o coração da noite
E o saguão onde se cruzam a chuva e a frustração
Os camareiros com o rosto apodrecido pelo tufo das flores acumuladas nos corredores infinitos

O rumor dos suspiros sufocados
Os beijos entretecidos em tristíssimo nácar
A relva sem nome em que se afundam seus hóspedes
Repetem uma vez mais entre a sombra
A lenda do amor que nunca morre

MANEIRAS DE SER

...E o que dizer de tais revelações e metamorfoses em animais flores
atos e posturas estranhas nos curtumes de espumas ao largo de
bocas que se cruzam aos gritos reclamando uma brasa do oceano
e uma carícia nos lábios...?
o louco uivo desses lençóis onde ferve o amor agora e não depois
nem em vitrines com obscenas roupas de mulher nem sob as
pedras partidas pelo raio
nem em relíquias nem orações ou sequer em pirâmides sinistras
conservando séculos de beijos e as emanações do ouro e das joias
agora porque a região do desejo se transforma continuamente em
corpos que despertam no fundo de suas veias e lançam
cintilações através de implacáveis vestidos
oh! aqui e não contra os fios secos de minha carne e somente onde
estendo minhas coxas junto às tuas onde se ajoelha o verão dos
adeuses e a lua esfrega seu óleo de tumbas na superfície de
gentes que rememoram elogios e sexos

E não há saída para mim!
Não há saída para mim entre os muros alados da terra!

LINGUAGEM NATURAL

É previsível que digas: *O Rio dos Perfumes*
abriu suas asas um curtume de carniças
porém essas águas testemunhais erigiram um palácio
de fumaças e ossos que se empinam
na grande fritura onde com tanta lentidão no ácido ar
o cadáver se ergue e lança seu estridente grito de galo decapitado
sem uma só vacilação

vira as costas e se perde nas ruínas
a imóvel mulher do fim do mundo que deposita sobre a mesa
o fumegante pastel de trapos sangrentos
com a tiara e as perucas viscosas do túmulo em plena cozinha até o fundo
dessa adorável carne vulnerável onde alguém se instala
de imediato sob uma pedra tatuada
e o "sacerdote das religiões"
ergue um rato inchado sobre o altar e comunga
com seus fiéis entre os relâmpagos
hinos e bons sentimentos
tanto se ama viver tanto se ama viver
mesmo que estas águas sussurrem uma glória frenética
um morto descomunal sobre a muralha

NIKOS GATSOS (Grécia, 1911-1992)

AMORGÓS, II

Dizem que as montanhas tremem e que se irritam os abetos
Quando a noite rói os alfinetes das telhas para que entre o homem
do saco
Quando o inferno absorve a fadiga espumosa das torrentes
Ou quando o risco da pimenteira se torna brinquedo de Bóreas.

Apenas os bois dos Aqueus nos imensos prados de Tesalia
Pastam vigorosa e fortemente com o eterno sol que os observa
Comem relva verde folhas de aipos bebem água pura entre os
sulcos
Cheiram a suor da terra e depois se deixam cair pesadamente para
dormir à sombra do salgueiro.

Joguem fora os mortos disse Heráclito e viu o céu empalidecer
E viu quando se beijaram no barro dois cíclames
E também ele se pôs a beijar seu corpo morto na terra hospitaleira
Como o lobo desce dos montes para ver o cão morto e chorar
O que me importa a gota que brilha em tua testa?
Sei que o raio escreveu seu nome em teus lábios
Sei que a águia fez seu ninho em teus olhos
Porém aqui na úmida ribeira só existe um caminho
Apenas um enganoso caminho pelo qual deves passar
Deves te banhar em sangue antes que te alcance o tempo
E cruzar a margem oposta para voltar a encontrar-se com teus
companheiros
Flores aves cervos
Para encontrar outro mar outra delicadeza
Para agarrar pelas crinas os cavalos de Aquiles
Ao invés de sentar muda a repreender o rio
A apedrejar o rio como a mãe de Kitsos
Porque também tu te perderás e se desluzirá tua beleza.
Vejo secar tua camisa infantil entre ramos de vimes
Toma-a como bandeira de vida para amortalhar a morte
E que não se dobre teu coração
E que não se derramem tuas lágrimas sobre esta inexorável terra

Como certa vez se derramou na solidão gelada a lágrima do
pinguim
Não adiante levantar-se em todos os lugares
A vida será igual que o pífano das serpentes na terra dos fantasmas
Com a canção dos bandoleiros no bosque dos aromas
Com a faca de uma pena nas bochechas da esperança
Com a languidez de uma primavera nas entranhas do mocho
Basta encontrar um arado e uma foice afiada em uma mão festiva
Basta que apenas floresça
Um pouco de trigo para as festas um pouco de vinho para a
lembrança um pouco de água para o pó...

AMORGÓS, III

No pátio do atormentado não brilha o sol
Dali saem apenas vermos que se riem das estrelas
Crescem apenas cavalos nos formigueiros
E os morcegos comem aves e urinam esperma.

No pátio do atormentado não reina a noite
A folhagem vomita apenas um rio de lágrimas
Quando o diabo passa para montar os cães
E os corvos mergulham em um poço de sangue.

No pátio do atormentado os olhos secaram
O cérebro gelou e o coração petrificou
Pendem carnes de rãs nos dentes da aranha
Grilos em jejum se lamentam aos pés dos espectros.

No pátio do atormentado cresce a relva negra
A brisa passou unicamente em uma tarde de Maio
Com um andar ligeiro como tremor do campo
Um beijo de mar adornado de espumas.

E se tens sede de água espremeremos uma nuvem
E se tens fome de pão degolaremos um rouxinol
Falta apenas um instante para que se abra a rudeza silvestre
Para que brilhe o negro céu para que floresça o verbasco.

Porém foi uma brisa e se desvaneceu um sabiá e se perdeu
Foi o rosto de Maio a brancura da lua
Com um andar ligeiro como tremor do campo
Um beijo de mar adornado de espumas.

AMORGÓS, VI

Somente eu sei o quanto te amei
Eu que às vezes te toquei com os olhos da Plêiade
E te abracei com a cabeleira da lua e dançamos nos campos do estio
Sobre talhos ceifados e juntos comemos o trevo cortado
Grande mar negro com tantos seixos ao redor do pescoço tantas pedras preciosas em teus cabelos.

Um barco entra na praia uma roda enferrujada se queixa
Um punhado de fumaça azulada na rosa do horizonte
Como a asa do grou que esperneia
Exércitos de andorinhas esperam para dar as boas-vindas aos valentes
Braços nus se erguem com âncoras gravadas na axila
Gritos de crianças se enredam com o gorjeio do poente
Abelhas entram e saem pelas fossas nasais das vacas
Lenços de Kalamata ondeiam
E um badalo distante tinge o céu de anil
Como a voz de algum semantron que viaja pelas estrelas
Fugitivo durante tantos anos

Da alma dos Godos das cúpulas de Baltimore e da perdida Santa Sofia, o grande monastério.
Porém lá em cima nas altas montanhas quem são os que contemplam com o olhar tranquilo e a fronte serena?
O eco de qual labareda é esta poeira no ar?
Acaso combate Kalyvas ou Leventoyannis?
Acaso começaram a combater os alemães com os homens de Mani?
Não combate Kalyvas nem Leventoyannis
Nem começaram a combater os alemães com os homens de Mani.
Silenciosas torres guardam uma princesa atormentada
Cumes de ciprestes acompanham uma anêmona morta

Pastores imperturbáveis com um caule de tília cantam suas auroras
Um caçador estúpido dispara contra as pombas
E um velho moinho de vento esquecido por todos
Repara somente ele suas pás apodrecidas com uma agulha de delfim
E desce das ladeiras com o vento de povo avivado
Como descia Adonis pelas trilhas do monte Chelmos para dar as boas tardes a Golfos.

Durante anos e anos combati com a tinta e o martelo meu coração atormentado
Com o ouro e a chama para te fazer um bordado
Da laranjeira um jacinto
Um marmeleiro florido para te consolar
Eu que te toquei um dia com os olhos da Plêiade
E te abracei com a cabeleira da lua e dançamos nos campos do estio
Sobre talhos ceifados e juntos comemos o trevo cortado
Grande solidão negra com tantos seixos ao redor do pescoço tantas pedras preciosas em teus cabelos.

ODYSSEAS ELYTIS (Grécia, 1911-1996)

ADORMECIDA

No trêmulo vento a voz se corta e em suas árvores ocultas tu
respiras
É ruiva cada página de teu sonho e sempre que moves os teus
dedos um incêndio de espalha
Dentro de mim com vestígios tomados do sol! E de modo propício
sopra o mundo das imagens
E o amanhã exibe totalmente nu seu peito marcado pela imutável
estrela
Que anoitece o olhar como quando está por esgotar-se um
firmamento
Oh não floresças mais nas pálpebras
Oh não removas mais nas matas do sonho
Sabes qual súplica dos dedos acende o azeite que guardas os
portais da aurora
Qual fresca revelação sussurra na espera a lembrança convertida
em relva
Ali onde tem esperança o mundo. Ali onde homem não quer senão
ser homem
Em solidão e sem nenhum Destino!

EVA

Ondulante te abandonas no silêncio
Que assola minha habitada esperança

Uma tocha ao lado da fogueira
Aposta dos ventos noturnos
Uma marcha de sombra na margem da Quimera
Uma causa
Casa de homens simples
Um mistério
Lavado e estendido no olhar que deleita

Em teu olhar ou na altura de seu sol

Toda a minha vida se torna uma palavra
Todo o mundo terra e água
E todas as chamas de meus dedos
Violam os lábios do dia
Cortam, nos lábios do dia,
A tua cabeça

Enfrentada na solidão do sonho.

HELENA

Com a primeira gota da chuva morreu o verão
Encharcaram-se as palavras que haviam engendrado a claridade noturna
Todas as palavras que estavam destinadas somente a Ti!
Até onde estendêssemos nossas mãos agora que o tempo já não nos leva em conta
Até onde abandonássemos nosso olhar agora que as linhas distantes naufragaram nas nuvens
Agora que tuas pálpebras se fecharam sobre nossas paisagens
E estamos – como se a névoa houvesse nos penetrado –
solitários totalmente solitários rodeados de tuas mortas imagens.

Com a fronte na janela velamos a nova dor
Não será a morte a nos derrubar uma vez que Tu existes
Uma vez que em outra parte existe um vento para viver-te plenamente
Para te vestir de proximidade como veste de lonjura nossa esperança
Uma vez que existe em outra parte
Uma verde planície muito além de teu sorriso até o sol
Confidencialmente lhe dizendo que nos encontraremos outra vez
Não não será a morte que enfrentaremos
Mas sim esta gota de chuva outonal
Um confuso sentimento
A fragrância da terra úmida em nossas almas que se afastam de tudo

E se a tua mão não estiver em nossa mão

E se o teu sangue não estiver nas veias de teus sonhos
A luz no imaculado céu
E a música invisível dentro de nós oh melancólica
Passageira de tudo quanto ainda nos retém no mundo
É o vento viçoso a hora do outono a separação
O amargo instante de apoiar o cotovelo na lembrança
Que surge quando a noite vem para nos separar da luz
Por trás da janela retangular que olha para a tristeza
Que nada vê
Porque já se fez música invisível chama na chaminé tangido do
grande relógio de parede
Porque já se fez
Poema verso após verso som paralelo à chuva lágrimas e palavras
Palavras não como as outras porém também elas destinadas
apenas a Ti.

EMILIO ADOLFO WESTPHALEN (Peru, 1911-2001)

UMA ÁRVORE SE ERGUE ATÉ ...

Uma árvore se ergue até o extremo dos céus que a cobiçam
Golpeia com dispersa voz
A árvore com o céu contra a árvore
É a chuva encerrada em tão pouco de espaço
Golpeia com a alma
Golpeia com os ramos a voz a dor
Não faças tal força para que te escutem
Eu te cedo meus dedos meus ramos
Assim poderás raspar arranhar gritar e não apenas chorar
Golpear com a voz
Porém tal leveza me fere
Me desola
Não te acreditava com tal ânimo
E que não cabes no espaço
Como golpeia a árvore a árvore a árvore
Água
E navegam os galeões vermelhos pela gota d'água
Na gota d'água soçobram
Acaso golpeia o tempo
Outra gota
Água
A garganta de fogo água água
Morta pelo fogo
A gigantesca labareda
Final maravilhoso
Morto sem água no fogo
A mão arranhava o fogo
A mão
E nada mais que sangue água
Não sangue fogo último fogo
Definitivo fogo
As gotas contam outra coisa
Ninguém conta as gotas

As lágrimas são de mais perfeita forma
Sua música mais suave apagada
O rosto de uma menina ilumina uma lágrima com sua luz suave
apagada
A chuva chora em todo o espaço
Inunda a alma sua música
Golpeia outra alma suas folhas
As gotas
Os ramos
Chora a água
O tempo se conta com as gotas o tempo
A música desenha o céu
Caminha sobre a água a música
Golpeia
A água
Já não tenho alma já não tenho ramos já não tenho água
Outra gota
Sim
Embora me afogue
Já não tenho alma
Na gota se afogaram os valentes cavaleiros
As belas damas
Os céus valentes
As belas almas
Já não tenho alma
A música tropeça
Nada salva o céu ou a alma
Nada salva a música a chuva
Já sabia que além do céu da música da chuva
Já
Crescem os ramos
Além
Cresce as damas
As gotas já sabem caminhar
Golpeiam
Já sabem falar
As gotas
A alma água falar água caminhar gotas damas ramos água
Outra música aurora de água canta música água de aurora
Outra gota outra folha

Cresce a árvore
Outra folha
Já não cabe a alma na árvore na água
Já não cabe a água na alma no céu no canto na água
Outra alma
E nada de alma
Folhas gotas ramos almas
Água água água água
Morta pela água

AMARRADO À SUA SOMBRA...

Amarrado à sua sombra o bosque
Abria caminho às pisadas ardentes
Vários faunos acarretavam os arroios
Nos cornos da luz uma flauta tocava
A ninfa na ladeira descansava o braço
Estios de graças florais
Teciam e desteciam as brisas
Nas têmporas da bela adormecida
Como se dois meninos jogassem com ele
Tantas voltas dava o mundo
De umas mãos a outras era visto frequentado
De vermes com chapéus de aba e dignidade
Os rios não se atreviam
A tocar a borda das cidades
Eram cantadas de longe e em voz baixa
Para não quebrar a calma das muralhas
Ou turvar no recinto
A mais clara voz dos trovadores
Ali aparecia a bela adormecida coberta de sóis
Suas pisadas ardentes tanto mediam o chão como o céu
Uma sombra de oliveiras sob os olhos
Murmúrios de água para as mãos
Nos mares sempre flutuavam os olhos
E este ramo de louro de horizonte a horizonte
Pegado dos sonhos erguido do céu
Não viste um sorriso fiar uma paisagem
A jovem se rir com o céu jorrando de suas mãos

Seus cílios me davam mais sombra
Que um arvoredo sobre o triplo peso
De folhas ventos e céus
Não viste se abrir uma madrugada
Sobre neves como uma fronte
Iluminando o sol e as estrelas
Uma mão mais clara que a água e com seu rumor
Assim me atravessaram de manhã à noite
As músicas geladas os dedos de aço
Com novas bordas seu rosto não descansava
Seja sobre a dália ou o monte de neve
Seja na brisa ou no próprio coração do inverno
E na outra mão o cetro do estio
E no outro pé o sol do outono
Os olhares carregados de esplendores de oceanos ensolarados
Cruzando o Mediterrâneo os golfinhos se empinavam
As tartarugas incrustadas nos ares
A jovem ainda não despertava
A flor enchia os espaços

CÉSAR MORO

Por um campo de migalha de pão se alonga descomedidamente um ponteiro de relógio
Alternadamente nele se iluminam ou se apagam uns olhos de caranguejo ou serpente
Contra a luz emerge uma fumaceira de cílios calados
E dispostos como uma torre que simulasse uma mulher ao despir-se
Outros animais mais familiares como o hipopótamo ou o elefante
Encontram seu caminho entre o osso e a carne
Uma rede de olhos de medusa impede o trânsito
Pelo areal que se estende como uma mão abandonada
A cada passo uma bola de marfim diz se o ar é verde ou negro
Se os olhos pesam iguais em uma balança cruzada de cabelos
E encerrada em um aquário instalado no alto de uma montanha
Por vezes estagnando e por outras arremessando como uma catapulta

Cadáveres rosados ou negros ou verdes de crianças aos oito
extremos
Cadáveres pintados como se fossem zebras ou leopardos
E que ao cair se abrem tão belamente como uma lixeira
Estendida no meio de um pátio de mármore rosado
Atrai os escorpiões e as serpentes de ar
Que zumbem como um moinho dedicado ao amor
À parte um homem de metal chora virado para uma parede
Unicamente visível ao explodir cada lágrima

EUGENIO GRANELL (Espanha, 1912-2001)

SESTA

Uma nuvem de harpas sussurrantes
circula a carruagem do aroma sabiamente sincero
que transporta entre mármore e aparas de cortiça
o delicado estame
favo de mel da sonolência em vários capítulos

Aí está o casal
aquele que enfrenta o ungido rugidor de projetos
cada parte tranquila em brasa
cada um sua camada de cristais
Lá
os agradáveis concorrentes da reunião em todos os atalhos
sem perder os chocalhos em relevo e a bengala original
O casal
afogado em um ilustre furacão de vespas em chamas.

HORIZONTE NA PONTA

O aroma acre e esfumaçado da escuridão vegetal
grita alto para a nuvem arcaica
perdido seu esqueleto de megatério para a dissolução da água e do
ar

Vento e mar trituram as nuvens cromadas
Gotas zoológicas derrubam o voo invisível
do arco-íris negro
ao passar como raio nervoso
através do campo bordado do espaço

Bandeira de água bandeira de sombra bandeira de lascas
Lança de luto estendida ao largo de florestas e colheitas
Sonho pardo da água
Arma afiada que devora e fertiliza

Contra o vermelho o gafanhoto perde o horizonte de orvalho
Transforma a selva em trapos métricos
que rasga o esqueleto das baionetas selvagens
e uma vez que o gafanhoto se tornou uma torrente de curtos-
circuitos
entra em contato com a apertada trovoada vegetal
adormecendo com picos de clorofila

Estátua voadora de gafanhoto reclinada em memória estrelada
choca em cada margem um ninho de fechaduras
Sarcófagos piramidais são os gafanhotos
Carniça volatilizada do outro firmamento
perdido nas crostas palpáveis
do camelo que fugiu dos mares de areia

POSTAL DE ANIVERSÁRIO

O táxi abandonado na cobertura do túnel
parecia um odeão em mangas de camisa
cheio de borboletas
Como ele desanimou
diante da velha amiga do padre
que empunhava a bengala
e negou-lhe um pedaço de queijo
Havia famílias ilustres
que lhe olhavam e uma vez mais tornavam a olhar
rindo às gargalhadas
Crianças em idade escolar
lhe atiraram pedras, foices e martelos
sem parar para pensar
que poderiam amassá-lo
nem mesmo na máxima *hoje por ti, amanhã por mim*
A professora se opôs
dizendo-lhes melhor seria desmembrá-lo
A fada das quedas d'água
lhes ajudou a organizar as peças
Então eles construíram outro
muito parecido com o primeiro
O túnel piscou o olho

O táxi também

GHÉRASIM LUCA (Romênia, 1913-1994)

[SE É VERDADE, COMO SE PRETENDE]

Se é verdade, como se pretende
que após a morte o homem persegue
uma existência fantasmagórica
eu farei com que saibas

Se eu não der sinais de *vida*
durante um mês
que saibas que se morre como apodrece
uma cebola, uma cadeira, um chapéu

Eu me suicido por asco

QUARTO DE HORA DA CULTURA METAFÍSICA

Tombada no vazio
bem estendida sobre a morte
ideias tensas
a morte estendida por cima da cabeça
a vida entre as mãos
elevar juntas as ideias
sem alcançar a vertical
e ao mesmo tempo trazer a vida
diante do vazio bem tenso
Marcar um tempo de pausa
e trazer ideias e morte à sua posição inicial
Não desgrudar o vazio do chão
Seguir tornando tensas ideias e morte
Angústias separadas
a vida por cima da cabeça
Dobrar o vazio para frente
realizando uma torsão à esquerda
Para trazer os tremores para a morte
Retornar à posição de início
Manter a angústia tensa

e aproximar o mais possível
a vida da morte
Ideias separadas
tremores ligeiramente fora
a vida detrás das ideias
Elevar as angústias estiradas
sobre a cabeça
Marcar um breve tempo de pausa
e trazer a vida ao ponto de partida
Não baixar os tremores
e manter o vazio muito atrás
Morte separada
vazio por dentro
vida detrás das angústias
Dobrar a morte até a esquerda
endireitá-la
e sem parar dobrá-la para a direita
Evitar girar os tremores
manter as ideias tensas
e a morte fora

Tombada bem estendida sobre a morte
a vida entre as ideias
Desgrudar a angústia do chão baixando a morte
pondo as ideias para trás
para levantar os tremores
Marcar uma pequena pausa
e retomar a postura inicial
Não separar a vida da angústia
Manter o vazio tenso
De pé
as angústias juntas
deixando cair suavemente o vazio
para cada lado da morte
Saltar ligeiramente sobre os tremores
como uma bola quicando
Deixar as angústias relaxadas
Não endurecer
todas as ideias distendidas
Vazio e morte inclinados para frente

levando as angústias ligeiramente dobradas
à frente das ideias
Respirar profundamente no vazio
deixando vazio e morte para trás
Ao mesmo tempo
abrir a morte a cada lado das ideias
vida e angústias para frente
Marcar um momento de pausa
aspirar através do vazio
Expirar inspirando
inspirar expirando

[UMA DOENÇA NERVOSA NUNCA INCURÁVEL]

Uma doença nervosa nunca incurável
nunca que nunca me tortura
já há vários anos nunca
me obriga nunca a por fim aos meus dias
Nunca pago com minha vida os erros
de meus pais nunca minha herança
nunca carregada
Se eu nunca causei mal a alguém
rogo que nunca me perdoe

AIMÉ CÉSAIRE (Martinica, 1913-2008)

[CANTAMOS ÀS FLORES VENENOSAS]

Cantamos às flores venenosas resplandecendo nas pradarias furibundas; os céus de amor bloqueados de embolia; as manhãs epilépticas; o branco abraço das areias abissais, o alaúde de escombros nas noites fulminadas de cheiros selvagens.

O que posso fazer?

É hora de começar!

Começar o que?

A única coisa no mundo que vale a pena começar:
o fim do mundo, demônios!

Em vão amadureçam na tepidez de sua garganta, vinte vezes o mesmo pobre consolo: que somos simples resmungadores de palavras.

Palavras?, quando manipulamos pedaços de mundo, quando nos acoplamos em continentes em delírio, quando forçamos portas fumegantes, palavras, ah sim, palavras!, porém palavras de sangue fresco, palavras que são marulhos e erisipelas e paludismos e lavas e fogos de selvas, e labaredas de carnes, e labaredas de cidades...

Saibam muito bem:
Eu não aposto jamais se não for no milênio
Eu não aposto jamais se não for no Grande Pânico.
Acostumem-se comigo. Eu não me acostumo com vocês.

SOL SERPENTE

Sol serpente olho fascinante olho meu
e o mar piolhento de ilhas faiscando nos dedos das rosas lança-
    chamas e meu corpo intacto de fulminado

a água exalta as carcassas de luz perdidas no corredor sem pompa
torvelinhos de gelo aureolam o coração fumegante dos corvos
nossos corações
é a voz dos raios domesticados que giram sobre seus gonzos de
    lagartixa
traslado de anólis à paisagem de vidros partidos
são as flores vampiros que sobem a revelar as orquídeas
elixir do fogo central
fogo justo fogo mangueira noturna coberta de abelhas
meu desejo um acaso de tigres surpreendidos nos enxofres
porém o despertar estanhado se doura com os jazigos infantis
e meu corpo de calhau que come peixe que come
pombos e sonhos
o açúcar da palavra Brasil no fundo do lamaçal

CADÁVER DE UM FRENESI

a lembrança de um caminho
que sobe muito à sombra dos bambus
a garapa que volta sempre a inventar-se
e o cheiro das ameixeiras da Espanha
    deixaram esquecidas
    as anáguas do mar
    os tempos de infância
    o guarda-sol dos coccolobes

ao chegar à curva viro-me e olho por cima do ombro
de meu passado repleto do ruído mágico no momento preciso
sempre incompreensível e angustioso da fruto da árvore do pão
que cai rolando até o barranco onde ninguém a encontra
a catástrofe tornou-se um trono instalando-o demasiado alto
do delírio da cidade destruída é minha vida incendiada

Dor tu perderás
o hábito que se grita:
que eu sonhei com o rosto torcido
boca amarga eu sonhei com todos os vícios de meu sangue
e os fantasmas rondaram cada um de meus gestos
no decote da sorte

não importa é debilidade

vela coração meu
único prisioneiro que inexplicavelmente sobrevive em sua cela
à evidência do destino
feroz taciturno
bem ao fundo lâmpada acesa por sua terrível ferida

GEORGES HENEIN (Egito, 1914-1973)

SONIA ARAQUISTAIN

Cavem
e encontrarão um sorriso
um sorriso funerário
para os que tomam a vida ao pé da letra
cavem
e o pó chegará ao coração
e vocês estarão com o coração no pó
e o amor indolente
imóvel na encruzilhada da rejeição.

Cavem
e encontrará o céu
talvez cheguem a encontrar o céu
talvez a dispersão das espécies
ou o sabor transtornado da chuva
cavem
para que esta mulher desdobre o abano de sua queda
para que esbofeteie de uma vez por toda a indiferença do espaço
para que com seu belo rosto de cristal despedaçado
despose a terra firme.

Cavem
e encontrarão os olhos mais solitários do mundo
e no chão gelado da Avenida
uma estrangeira repentina como uma janela
cavem nesses olhos um impossível olhar
cavem o nome de vocês em nossa noite
cavem para nós.

LUCRÉCIA

beleza sem rodeios
beleza que não pode ser transmitida ou invocada
os dedos se tornam bordado para aspirar sua medida

página que ficou aberta
dedo que ficou pousado sobre a morte acidental dos amantes
no momento mesmo em que tudo concorria
para o triunfo de seus vícios secretos

a partida se encontra entre a ágata e o quadril de rosa
entre a fronda e a auriflama
entre a alcova e o guarda-rios-comum
entre a surdez dos que sabem e a algazarra dos que vem

não se trata senão de julgar essa mulher
de dividir suas negativas
de lhe impedir expandir-se além do recinto vagabundo de seu sexo
não se trata senão de reconduzir seu olhar
paletúvio voraz da visão
até o imóvel vestuário cortesão
até o espasmo final da imagem no limite do olho

a lâmpada acinzentada se detém e gira gravemente sobre si mesma
quando adentra o aposento um visitante despreocupado
cuja morte por estrangulamento foi repetidamente anunciada
e ao aproximar-se o encontro é interrompido

porém em todas as mesas restam signos envenenados
lenços voláteis levam as iniciais de todos em letras de duelo
os pássaros são viscosos

então Lucrécia se ergue como uma espiga
e o aposento cresce a voo de absinto
uma pedra se desprende com grito noturno
de uma fachada bestial
e temos a sensação de que o visitante forasteiro está por dispor de tudo
e um a um se preparam para o cerimonial

dois seios ilustres pousam sobre um leito escurecido
trata-se apenas de estar presente no momento de seus últimos estertores

O INCOMPATÍVEL

Uma mulher está em sua plenitude na hora em que, semelhante à hera que serpenteia uma casa trepadeira, destrói com um gesto circular e harmonioso o único ser que lhe corresponde.

Então é o momento em que está permitido e é possível segui-la na medida em que todo séquito foi excluído.

Excluído como a viuvez dos naufrágios, como o olhar solitário em seu corredor terminal, sem frente a frente, sem uma imagem que possa ser tomada, sem um grito, as mãos soltas.

Espiral expirante em sua saia rendada de palavrinhas vigiadas – ao menos seria medida, ao menos se nomearia essa mulher por seu nome tranquilo, pela ilhota negra de sua rejeição, se nomearia por sua medida de rio franqueado de um salto, por seu desejo de já não ser.

Recobrem essa janela, recobrem essa palidez que se vê desde muito longe – rota apunhalada entre duas cidades nefastas –, recobrem a espantosa economia dos rostos e que o equinócio dite a última decisão.

Aqui reside o incompatível;

Aqui prontamente alguém cansa de morrer.

MATSI CHATZILAZAROU (Grécia, 1914-1987)

[PENSO EM UMA VIDA QUE SERIA PESADA COMO A DE HOJE]

Penso em uma vida que seria pesada como a de hoje,
se acaso faltasses em viagem. Pela manhã imagino
robustos os teus membros – ali de um modo localizo
teus braços. Ao anoitecer vejo teus lábios como
a fruta mordida.
Vem, o dia é tão belo – os poemas que
amo quero vivê-los contigo. Eu podia tantas coisas
converter em alegria e te dar todas elas.
Cada momento eu podia torná-lo música
primitiva, pele suave, quente, eletrizada, que
submerge nesta. Uma dança perfeitamente livre, ao invés
de membros ter asas, e uma vez mais asas de sonho. Ou cheiros
– acaso queres cheiros? Então serão cheiros frescos,
como pequenas cataratas repletas de pequenos coentros – ou
    como litoral
pela manhã, de onde saem e tomam sol, a alga, o peixe,
o ouriço do mar – e a onda sobre a areia não é séria,
porém joga. Longe, certamente, o mar tem um suave matiz trágico.

[CONTEMPLA O JOVEM ATRÁS DA CORTINA DA SACADA]

Contempla o jovem atrás da cortina da sacada.
Esperavam as rajadas de vento de agosto por entre as velas
triangulares.
Uma madressilva subia com suspiros e fragrâncias – até que se
entrelaçou na nuvem do crepúsculo.
Tantos bosques ardem,
tantos tímpanos de gelo se derretem,
tantas magnólias nos fazem desmaiar,
tantos campos nos atormentam.
Que sejamos sereias, os peitos descobertos ao sol
– a cabeça deitada para trás, os olhos para o mastro.

O mar é deusa de tudo – e limpa cada dor nossa.

[ESTA ÚLTIMA GOTA DO VINHO]

Esta última gota do vinho contém o grito de um caracol,
sobre uma onda navega a minha esteira de trigo.
Ah, para! Porque ali à direita no céu vi a nuvem de meu coração.
O delfim é meu filho, as ânsias são meus olhos, e o mar as esgotou.
Contei os pequenos recipientes do balcão – desse número sem valor algum sempre falta
meu ser.
Tenho vivido entre as rochas com tantas grutas marinhas – em cada
Terno buraco da cova pendo minha bandeira natal.
Jamais olhei detrás de minhas velhas fotos
(ali onde estou tão indefesa) – tem que acaso venha a descobrir meu drama pessoal.
Assim um dia encontrarei entre meus lençóis uma rosa vermelha – dentro de sua
intensidade espreitar o peso de sua ternura.
E mesmo que não me convençam as mãos de muitos, e mesmo os alentos de muitos não
nublem um espelho meu sequer – um dia cala o vento que desce sozinho da montanha
com um gemido humano.

KANSUKE YAMAMOTO (Japão, 1914-1987)

TRANSPORTADOR DO IMPOSSÍVEL

ele viu através do prisma
de seu único olho rachado

e nos levou atrás de um espelho
mesclando sonhos com não sonhos

suas colagens de tons positivos e negativos
vislumbram o mundo dos fantasmas

barcos flutuam ao longo de seios submersos
o olho do sol se põe no horizonte

seu rosto girando com guarda-chuva na mão
em um quarto chovido em calcinhas

dia a dia provocativamente
ele desencadeou ilusões

uma cama paira no céu como uma nuvem
convidando-nos a reverter e despertar

[UM VIDRO]

um vidro
mapa
alguma coisa
coisas facilmente quebráveis
estavam alinhadas
um vazio
como cadeira
coo cidade
linha ionizada simples
com tanta pressa
irremediavelmente

tomando mão do tempo
por acaso calculado
forma é apresentada
como um quarto
voltado para
meu ombro
de repente quebrando e caindo
soa como
parecido com o riso
alguma coisa
frágil

[COM INDIFERENÇA]

com indiferença
soprando uma flauta
extinto
de um fragmento de vento
de onda de vidro
de rugas de onda de raio de vento
secretamente
engolindo lágrimas
cantando Tarutaran
neste dia
a câmara subterrânea
era cor esmeralda
o tempo acima
os crocodilos no relógio
um instante
faz um som de estalido
derramando do telhado
atmosfericamente

RUTH STONE (Estados Unidos, 1915-2011)

MAIS UMA VEZ

Oh meus corvos,
quando retornarem em abril,
suas vozes ásperas,
seus eus escuros
remando o ar cru,
vocês, machos que voltaram para casa
na montanha;
esta sombra abaixo de vocês
no pomar
sou eu,
triunfante,
ouvindo
as pedras quebrando rio abaixo
na neve derretida.

E DAÍ

Para mim, as grandes verdades são misturadas com a histeria.
Quantos Einsteins podemos tolerar?
Eu salto para o princípio da incerteza.
Depois de tantas difamações, queres lavar tudo com uma risada.
Ha ha, dizes. E daí se for um colapso?
Últimos versos de poemas que escreverei imediatamente.

PALAVRAS

Wallace Stevens diz,
Um poeta olha para o mundo
como um homem olha para uma mulher.

Eu nunca posso saber o que um homem vê
quando olha para uma mulher.

Esse é um universo selado.

Do lado de fora da bolha
tudo é esticado até o infinito.

Ao longo do asfalto, as árvores são barbadas como velhos,
como fileiras de mandarins de barba grisalha balançando.
Suas barbas de segunda mão que foram fiadas por mariposas
ciganas fêmeas.

Todos os mandarins estão presos em suas imagens.

Um poeta olha para o mundo
como uma mulher olha para um homem.

ENRIQUE GÓMEZ-CORREA (Chile, 1915-1995)

A CERTEZA DO TERROR

Corria a chama ao longo das praias
A seu lado a formiga
O rapaz apurando o passo
Como quem salta do óleo ao espanto

Mais atrás
Mais atrás as coisas os poços o baile de máscaras
A frente e as portas giratórias
E finalmente a profunda luz de seus peitos reluzentes

Então viam uma alga com formas de amante
Com gestos com línguas com as precipitações do terror
Tocavam a morte ao fundo das águas
Mais puras do que nunca no reino das bocas

E bem alimentadas
Em busca desse corno que divide os céus
E também os arquipélagos e as ilhas de sua alma
Melhor para que eu lhe escute

E corte seus dedos e a luz e os olhos
E a queda horrível de lábios e pupilas
Com essa segurança do dormente
Até chegar ao espanto.

O HOMEM E SUA MAGIA

Uma nuvem erguida sobre mim
Faz o efeito de uma profecia
Eu falo então na orelha do futuro.

Essas mulheres que em certas noites vistes
Golpeando a janela
São as enviadas da noite

Recebemos pois os fantasmas
De nossos próprios amores.

Quando é a fome e o juramento
Que saem da boca do enforcado
Quando é o nariz
Dividido em dois
Quando é a página
Que lança álcool sobre nossa alma
Quando é o relâmpago
Que seduz aquela que entrou pela primeira vez
No grande vento
Ouve então a voz do coração.

Sou alto como meus sonhos
Reduzo a sombras o pensamento
E como a luz adoro
Atravessar os muros
Os homens beberão destas águas.

ENTRE O DIABO E O OCEANO

A cinza é um pouco a alma
Do que ontem mudou de pele
Sua brancura atrai o branco de meu olho
Como o som que enlouquece
E que vem do ovo místico.

Estamos na antesala do vazio
E a cor perdeu sua natural palidez
E que levamos a eternidade no dorso do abismo
Assim como levamos o fogo no anel do diabo.

Tudo nos conduz ao pavor
Às águas que a tudo purificam
Ao pássaro que foge no céu distante de si mesmo.

É para dizer é para gritar no vazio

Como a morte que chega em seu turno
Na cinza do amor
E não é mais do que o olhar
Em pleno coração.

GELLU NAUM (Romênia, 1915-2001)

ANTES E DEPOIS

Uma estranha necessidade de levitar, legado de algum ancestral guerreiro e ave, lhe obrigava, no instante preciso do amor, a jogar pela borda o último resto de memória diurna. Então a sua retina se convertia em hélice, o sangue se abria em asas, seus leves ossos recobravam um após outro suas estruturas e funções iniciais. Em sua boca retumbava o rumor de uma cidade longínqua. Sobre a sua abóbada interior, em algum ponto, girava seu rival brandindo armas generosas. Mas ele se limitava a saudá-lo, distante, e a repetir a marcha desprezando os finais, enquanto que sua amante, jazendo a seu lado, seguia entre as dobras do lençol os ímpetos de seu voo imóvel.

A CROSTA

A cidade tinha uma única casa
a casa tinha um único cômodo
o cômodo tinha uma única parede
a parede tinha um único relógio
o relógio tinha um único ponteiro

entretanto as crianças
cresciam e faziam uma única pergunta
enquanto desconcertados e soberbos os adultos
se encolhiam e diminuíam sorridentes

ESPELHO CEGO

O fio de sangue que sai de meu bolso
o fio de lã que sai de meus olhos
o fio de tabaco que sai de meus ouvidos
o fio de chamas que sai de minhas narinas

podes vir a crer que meus ouvidos fumam

porém as pessoas ficaram cravadas no meio da rua
pois esta noite se pintarão de negro todas as estátuas
e será a minha insônia o que tu conhecerás
uma insônia qualquer de giz e argila
uma insônia como estufa e como porta
ou melhor dizendo como o buraco da porta
e detrás desta porta quero que falemos da memória
quero que me cheires como se fosse uma janela
quero que me ouças como se fosse uma árvore
quero que me apalpes como se fosse uma escada
quero que me vejas como se fosse uma torre

JUAN EDUARDO CIRLOT (Espanha, 1916-1973)

A RENÉ MAGRITTE

As mulheres com seios de papel
alumiam a harmonia dos prados.
Até as janelas chegam os veados
sob um céu de páginas de mel.

Detrás dessa cortina há um pajem
com os olhos azuis e vendados
porém nas brancas vendas pintaram
três olhos negros onde está Lúcifer.

A perna adolescente da bela
abre seus abanos de cristais
enquanto resplandece um aerólito.

A carne é um espelho e uma estrela.
O homem a contempla com punhais
porém a rosa corre enquanto cresce.

JAZZ-LILITH

Com meus olhos escuto, com meus olhos
de menta e de cristal desmesurado.
Com meus olhos de piano no crepúsculo,
com meus olhos de tigre e cerejeira.
Com meus olhos escuto os acordes,
os desgarrados sons da tarde,
os sons do amor e do soluço,
coxas que se aproximam pelo céu.
Com meus olhos escuto tantas selvas,
tantas selvas de fúria e carbúnculos.
Com meus olhos de piano, meus olhos
de fogueira abandonada no deserto.
Os acordes se rompem no canto,
os acordes se quebram nas árvores,

as coxas se aproximam pelo céu,
as coxas de magnólia e cinza.
Com meus olhos escuto ambas,
com meus olhos de menta e assassino,
com meus olhos de músico extraviado.

[BRONWYN ERA O CRISTAL INUMERÁVEL]

Bronwyn era o cristal inumerável
difundido em defuntos esplendores,
com os relevos de minha cruz era
o gesto do espírito.

O bosque circundava sua ternura
e o tempo ao afastá-la de seu espaço
era manchas de como neve sangue.

Tudo tão transições luminosas,
constelações e figuras brancas
do que nunca esteve próximo,
ou viveu ao mesmo tempo em um espaço.

Tudo tão destruições silenciosas
quando as mãos fingem se conhecer
e são desertos brancos sem idade.

GISELE PRASSINOS (Turquia, 1920-2015)

VISÃO TORTUOSA

Uma mulher em sua varanda olhava o céu, os cabelos ao vento e as mãos se esforçando por retê-los. Já havia passado mais de uma hora, olhava fixamente uma pequena nuvem cinza similar a uma grande lâmpada. Seus olhos claros não se moviam, apenas piscavam uma vez e outra, quase não se podia vê-los: eram tão negros que se tornavam invisíveis.

Ela ficou nesse lugar sem que seu corpo se movesse uma única vez, esperando a noite. Quando esta veio e não havia mais vento, a mulher baixou suas mãos e as deixou cair junto a seu corpo. O choque lhe fez abrir-se longitudinalmente com grande ruído. Então dois corações colados um no outro escaparam com muito sangue que acabou se expandindo pelo terraço. Rolaram até uma pequena porta de emergência e ali se detiveram em seco e ainda fumegantes e cheios de convulsões.

Quanto à mulher, ensimesmada e desprovida de força, passeava pela varanda de um modo flácido, olhando o sangue que corria pela rua, com os mesmos olhos alternadamente claros e negros.

POEMA AMOROSO

À sombra do tapete iridescente, ah por que, ternamente inspirada, ordenaste as fibras ínfimas de meu coração? Jamais surpreendeste a cintilação instintiva e estrangeira da corporação central de minha alma? Crês que a moralidade fiel seja um segredo que se sofre particularmente?

Que meus olhares salubres já não rebentarão sob a influência árida de seus sombrios globos oculares? Não, não é assim, nem o será jamais! Porque velo socialmente pela unânime capacidade dos órgãos originais e sei que eles adotam a superioridade geral da organização profética, vosso coração jamais ousará reservar o meu.

Portanto, estabelecendo reverências e fiações, vos digo fumigando essas palavras queixosas: *Temamos os sentidos*.

ENCONTRAR SEM BUSCAR

Minha filha tem uma pobre voz de homem, uma trapaça masculina que se introduz em sua garganta.

Tenho em meu bolso, diz, *bonitas frontes de assassinas que farão teu negócio*.

E busca seu lugar, pobre menina valente no trabalho, enquanto nossos clientes escapam, assustados, os ouvidos transtornados e abatidos.

Então a filha geme e se desespera.

Cessa tuas lamentações, pobre filha, disse acariciando-a, *iremos ao cirurgião para que te dê uma verdadeira voz de mulher*.

Nesse momento, um belo jovem passa e nos saúda. Detém-se e pede algo. Sua voz é tênue e doce, não a escutamos.

Frontes serenas, ingênuas, pérfidas, diz minha pobre filha tratando de se acalmar. E esconde suas lágrimas para não ter sobre a consciência a fuga do novo cliente.

De seus lábios ínfimos, sai sussurrado um desejo inesperado: *Quero uma voz*, diz.

Eu te darei a de minha pobre filha, digo sorrindo de felicidade.

OLGA OROZCO (Argentina, 1920-1999)

O PRESSÁGIO

Estava escrito em sombras.
Foi traçado com fumaça em meio a duas asas de cores,
quase uma incrustação de rigoroso luto cortando em dois o brilho da festa.
O anunciara muitas vezes o queixume congelado do cristal sob teus pés.
Disseram-no obscuros personagens girando sempre às tontas,
porque nunca há saída para ninguém nos albergues vertiginosos dos sonhos.
Propagara a relva que foi uma áspera, tenebrosa plumagem uma manhã.
Confirmaram-no dia após dia as súbitas fissuras nos muros,
os traços de carvão sobre a pedra, as aranhas translúcidas, os ventos.
E de repente transbordou a noite,
ultrapassou na medida do perigo as vitrines fechadas, os laços ajustados,
as mãos que a duras penas continham a pressão tormentosa.
Um grande pássaro negro caiu sobre teu prato.
É como a envoltura de algum fogo sombrio, taciturno, sufocado,
que veio de longe furando ao passar a intacta proteção de cada dia.
Agora observas fumegar essa colheita arrepiante.
Chega das mais remotas plantações de teu pressentimento e de teu medo,
chega incessantemente exalando o mistério.
Está sobre teu prato e não há distância alguma que te afaste,
ou esconderijo possível.

ENTRE CÃO E LOBO

Enclausuram-me em mim.
Dividem-me em dois.
Engendram-me cada dia na paciência
e em um negro organismo que ruge como o mar.

Recortam-me depois com as tesouras do pesadelo
e caio neste mundo com meio sangue voltado para cada lado:
uma cara lavrada desde o fundo pelas presas da fúria solitária,
e outra que se dissolve por entre a névoa das grandes manadas.
Não consigo saber quem é o amo aqui.
Sob minha pele mudo de cão a lobo.
Decreto a peste e atravesso com meus costados em chamas as
planícies do porvir e do passado;
ponho-me a roer os ossinhos de tantos sonhos mortos entre
celestes pastos.
Meu reino está em minha sombra e vai comigo onde quer que eu
vá,
ou inclina-se em ruínas com as portas abertas à invasão do
inimigo.
A cada noite dilacero a dentadas todo laço em volta do coração,
e cada amanhecer me encontra com minha jaula de obediência no
lombo.
Se devoro meu deus uso seu rosto debaixo de minha máscara,
e no entanto só bebo no bebedouro dos homens um aveludado
veneno de piedade que raspa as entranhas.
Lavrei o torneio nas duas tramas da tapeçaria:
ganhei meu cetro de besta na intempérie,
e também outorguei estandartes de mansidão por troféu.
Porém quem vence em mim?
Quem defende meu bastão solitário no deserto, a savana do sonho?
E quem rói meus lábios, lentamente e às escuras, desde meus
próprios dentes?

MENOS AINDA QUE RELÍQUIAS

São apenas duas pedras.
Nada mais que duas pedras sem inscrição alguma,
recolhidas um dia para serem somente pedras no altar da memória.
Menos ainda que relíquias, que testemunhas inermes até o juízo
final.
Chegaram a mim, das duas vertentes de minha genealogia,
mais remotas que lapas aderidas às cegas à prescindência e ao
torpor.
E de repente certo matiz intencionado,

certo recolhimento suspeito entre as tensas bordas a ponto de estalarem,
o suspenso que vibra em uma estria demasiado insidiosa,
demasiado evidente,
me anunciam que começam a oficiar desde os anfiteatros dos mortos.
A que aludem agora estas duas pedras fatais, milenares,
com seus brilhos cruzados como o sangue que desliza por minhas veias?
A fábulas e a histórias, a estirpes e a regiões
entretecidas em um só encaixe, das duas costas do destino
até à trama de meus ossos.
Exalam outra vez esse tempo ciclópico em que os deuses eram meus antepassados
– malfeitores solenes, ocultos na onda, no vulcão e nas estrelas,
desceram à ilha a transplantar seus templos, suas represálias, seus infernos –
e também esses séculos das terras eriçadas, emboscadas no olho do zorro,
famintas no bocejo do jaguar, imensas na mudança de pele da serpente.
Passam heróis de sandálias ao vento e monstros confabulados com a rocha,
povos que traficaram com o sol e povos que foram somente dinastias de eclipses,
invasões tenazes como como trilhas de formigas sobre um mapa de coagulado mel;
e aqui passam as nuvens com seu ilegível código, excursões selvagens,
e o bruxo da tribo domesticando os grandes espíritos como um encantador de pássaros
para que falem pelo rufo da chuva, pelo fogo ou a semente,
pela boca amontoada da humilde vasilha.
Em um filete de névoas se inscreve a metade confusa de minha espécie,
enquanto mudam de vestimentas as cidades o sobem as montanhas ou se lançam ao mar,
seus belos rostos voltados para o último rei, para o último êxodo.
Um cortejo de sombras vem do outro extremo de minha herança,

chega com o conquistador e funda as colônias do ódio, da espada e da cobiça,
para expropriar o ar, os veados, os matagais e as almas.
Aproxima-se uma aldeia encalhada no alto do abismo igual a uma arca estragada,
uma coroa agreste que abandonou o normando e recolheram os ventos e as cabras,
muito antes que o avô conhecesse o riso e as beberagens para expulsar os males
e a avó, tão alta, enlutasse seu coração com despedidas e desgastasse os rosários.
Agora se ilumina um casario ao redor do arbusto, o cego e o milagroso santo;
é poeira e fumaça por detrás dos calcanhares da invasão, dos cães extraídos do diabo,
pouco antes que o avô disfarçasse de fantasmas as vinhas, os mirantes, os currais,
e a avó se internasse por bosques enfeitiçados a perseguir a ave das sete cores
para bordar com plumas a flor que não se fecha.
E ali vem meu pai, com o oceano recuando às suas costas.
E ali vem minha mãe flutuando com cavalos e voadora.
Estou em uma jaula onde o mundo começa em um gemido e continua na ignorância.
Porém atrás de mim não resta ninguém para seguir fiando a trama de minha raça.
Estas pedras o sabem, fechadas como punhos obstinados.
Estas pedras aludem a nada mais que uns ossos cada vez mais brancos.
Anunciam somente o final de uma crônica,
apenas uma lápide.

PAUL CELAN (Romênia, 1920-1970)

ELOGIO DA DISTÂNCIA

No manancial de teus olhos
vivem as redes dos pescadores do Mar Extravio.
No manancial de teus olhos
o mar mantém sua promessa.
Aqui arremesso de mim,
coração que morou entre os homens,
os vestidos e o brilho de um juramento:
Mais negro no negro, estou mais nu.
Somente discordante sou fiel.
Eu sou tu quando eu sou eu.
No manancial de teus olhos
singro e sonho pilhagem.
Uma rede pegou uma rede:
nos separamos abraçados.
No manancial de teus olhos
um enforcado estrangula a corda.

ARGUMENTO E SILÊNCIO

Para René Char

Posta na corrente
entre ouro e esquecimento:
a noite.
Ambos quiseram pegá-la,
a eles lhes deu licença.
Deposita,
agora deposita também tu o que quer despontar
ao lado dos dias:
a palavra sobrevoada de estrelas,
a orvalhada de mar.
A cada um a palavra,
a cada um a palavra que o cantou,
quando a matilha lhe saltava pelas costas —

a cada um a palavra que o cantou e ficou empedernida.
A ela, à noite,
a sobrevoada de estrelas, a orvalhada de mar,
a ela a silenciada,
da qual não jorrou o sangue, quando o venenoso dente
das sílabas se cravou.
A ela a palavra silenciada.
Contrária às outras que, logo
que rodeadas obscenamente por ouvidos de descaro,
também escalam o tempo e os tempos,
dá testemunho ao final,
ao final, quando apenas repicam as correntes,
dá testemunho dela, que ali jaz
entre ouro e esquecimento,
ambos irmanados desde sempre —
pois onde
clareia, me diz, se não é onde ela,
que na região aluvial de suas lágrimas
mostra aos sóis que descem
uma e outra vez a colheita?

OS CÂNTAROS

Nas amplas mesas do tempo
bebem em abundância os cântaros de Deus.
Bebem até esvaziar os olhos dos que vêem e os olhos dos cegos,
os corações das sombras vigentes,
a bochecha oca do crepúsculo.
São os bebedores mais violentos:
levam à boca tanto o vazio como o cheio
e não transbordam a espuma como eu ou tu.

FREDDY GATÓN ARCE (República Dominicana, 1920-1994)

VLÍA | 7.- NADA EMOCIONADO

Querem saber os demônios o que é cobiçado em mim. Estendem suas asas a cada golpe do coração. As quimeras rotas como cordas de violão sem ebriedade – intermináveis copas de luzeiros – árvores sedentas do vento de infinitos lábios. Já ninguém te recorda na indecisa hora em que te fazes prolongadamente minha. Todos ignoram que os sonhos são relvas florescidas de gelos despertos na encontrada realidade, obscura sombra que se refugia sob o peixe de águas cristalinas. Já nem sequer respiras de tão inconsciente, nem te unes às vigílias de sonhos de dois. Eles escorrem por uma luz retrocedida. Isto não é tudo porque a cada manhã te derramas atrás da montanha. Então eu te contemplo sob ondas que se espatifam no firmamento de águas enlouquecidas pelo vento, rompente que carece de sentido de sede aguçada. As oliveiras nos deixam sem perfume de sacrifícios levados ao mundo como espantalhos porque os amanhãs ainda não conseguiram de mim a perfeição da irrealidade, porque tu não te afogas no pecado de Cristo, e tudo se põe azul como palavras de veneração. Eu te conduzirei a procissões que não te envergonhem nas noites que são como blasfêmias para o transporte da realidade; aos pássaros noturnos como vigília de rouxinóis sob janela de cores. Já não escorres de meus braços invisíveis porque eles chegaram demasiado longe e não me deixas na chatice que sacia. Tua flor não tem essa cor que te faz indefinível sob a árvore de ramos febris, como o mar de corais sangrando sobre a relva, estendida. Iremos nos afastando como palmeiras sob um mesmo sol de maio deflorado na noite dos coveiros sem vidas por cultivar, porém deves te separar dessa realidade que te faz tão negativa ou do pesar que me deixa como uma criança sem voz. Afasta-te de todas as coisas que antes faziam de ti desordenada visão de pequenas satisfações humanas, com umas lentes e uma viuvez inventada. Eu te deixarei sem vida em minhas noites que fazem de ti, na verdade, anjo de asas quadradas, a terra está invertida em mim como em um cubo. Ficaremos assim a dois passos da morte natural que os sonhos proporcionam e bem longe para

piscar um olho. O mundo se descontrola para ti, como se não estivesse regenerado pelo batismo como três lírios sob a sombra de coisas irrealizáveis. Sequer suspiras de suficiência descontrolada e és um devir de música sobre os papéis. De tanto respirar sequer te tornas umidade de sonhos que não te transformem em submetida. Eu te verei em todos os corredores que desembocam no vazio, além das coisas que nos aguardam sempre por eternidades adormecidas nos cais sobre a desesperação. Eu te esperarei – nos esperaremos – sob as águas que o demônio não estrangula de tão diurnos e juntos iremos tomando pétalas incompatíveis para nos conhecermos melhor sob lâmpadas que são substituídas em ruas coalhadas de cães. Estarás de acordo comigo que nos odiamos porque somos orgulhosos das bobagens que nos tornam humanos, sendo deuses destronados do céu. Deves compreender que as mortes se sucedem como presságios que não se satisfazem nunca com penas ou lágrimas, nem orvalhos do vento; deves compreender que as palavras se tornaram uma verdade humana difícil de compensar como um beiral de pombos enamorados. Tu nem me olhas com teus olhos de morta que caminha para a glória de minhas vigílias, porque estamos distantes a duas primaveras e muita realidade dorme ainda na manjedoura da Anunciação. Deverias ir daqui de joelhos até meu inferno de vaga-lumes e desposar uma flor qualquer que não tresnoite como as chaves no jardim rodeado de espelhos. Então virias a mim salva de tantos obstáculos que te fazem bela. Deverias deixar de percorrer minhas pupilas de angústia, porque não podemos ir no espaço atrás das badaladas, nem ficarmos no bronze dos fiéis. Temos que procurar para nós um ambiente distinto sob o regozijo de te saber desconhecida e não-chegada. Jamais retornarás diante de meus olhos que se quebram como o vidro na criança emocionada. Deverias voltar a se angustiar como antes sobre o penar das almas felizes, quando um purgatório sem fogos queimava os sorrisos angelicais dos condenados. Se perseveras nos encontraremos à volta disto ou do outro que não mudança. Sinto em mim uma urgência de me parecer a lâmpadas alucinadas que refletem as relvas amarelas sob o estio. Elas vêm para não te querer mais inatingível na flor celestial em uma tarde florida de cemitérios afundados. Já todos riem dessa frieza que dão os mármores sob as abóbadas, sacrilégios de vermes como homens de mil pés gastos e muitas genuflexões; assim nos veremos no espelho que são as borboletas do sol e não poderemos ir embora como os pássaros. Não

podemos mais. A vida pesa demasiado. É uma tristeza dobrada nas cavernas que avançam. A noite não pode ser detida em uma esquina qualquer. Deve ser porque nada nos une, sequer os pensamentos. Eu deveria ir como cão à sombra das casas, fuçando nas lixeiras. É impossível ficar sob o azul e ter a ti presente ou estar triste. Tratarei de te dar outra silhueta para te imaginar melhor. Tudo ficará como árvores ardidas até as veias frias. Já que estamos no cemitério, confortaria um colóquio com os mortos. Aqui tudo é igual. A tradição fria desconhece o sol das transformações. Se olhas à direita, ninguém ultraja a humanidade do algodão, nem à esquerda um fraque cria ódios. Aqui devemos ter nascido: a música sempre é escutada, uma virada para o Norte ou Sul para agradar com outra melodia, e não fazem falta ouvidos nem mãos para temperar cordas, nem fôlego para sopros estridentes. Tudo é nosso, um ritmo muito teu, muita daquele, muito meu, e tudo descansa em uma serena igualdade. Porém já estamos sob a árvore eleita; nossa primeira incursão aqui termina.

SOMENTE TEU AMOR NA NOITE, I

Quaisquer que sejam
Podem ver os mortos no íris
Quando enterram sepulcros enquanto as chuvas,
Como se fossem lagartos em transe como o ódio.
Ai, os aparecidos se acomodam à boca multicor
    de cântaros a contraluz,
    barros infinitos pelos muitos lábios e mãos
    que durante séculos e séculos ergueram-nos
    à paixão dos sedentos.
Quaisquer que sejam
Também podem varrer os cadáveres nos abissais
E distinguir que as correntes os impulsionam
    sobre suas próprias sombras, ao pé de fundos;
O podem ver
Que na superfície dos oceanos
os afogados amiúdam céus,
assim como as cristas das ondas,
assim como o fulgor dos lampos,
como as aventuras dos naufrágios.

Para quaisquer que sejam
Eles são as vítimas dos impérios
e desaparecem no revés da história.

Ah o Poder não é a história
– falo de assassinados,
falo dos famintos e enfermos,
falo das nações submetidas por outras.
E então, Vlía,
quem diga hoje que esses extermínios
não são nem foram,
que eles não originaram lendas?
Oh os humildes alternam honra e paciência,
e tão somente amam.

DE FOGOS

O escriba fala das primícias.

Ela, Vlía, as outras cantam desde o esquecimento.

Projetos. As vozes sobem das cavidades e descem às planícies desde as ladeiras.

Comovem também entre o escândalo das cidades.

Nenhum outro poder honra senão os frutos quando chegam para todos ao mesmo tempo.

A justiça assim se cumpre com o corte, que em seu recôndito papel entrega sua mensagem aos que se regozijam.

Porém os infernos circulam tudo isto com os êxtases.

Oh ninguém afirme que o terror ou o poema é o protagonista da vida.

Apenas Ela eventualmente diria que o déspota jamasi humilha quando se malicia desde a relutância e o desdém contra seus excessos.

Contra essas ferugens, esses incensos, esses laços, os fogos, as queimaduras.

Quantos dirão que o verbo e o silêncio não mudam o curso da história.

Quantos falam como não o fizeram antes, e não os reconheço sequer quando calam.

Quantos sejam – deidades.

Ou graça de uma colheita, e este amor do ano. Ah nada tão gelado como o tédio.

E apenas tu continuas embora todos acabem de cantar.

JULIA HARTWIG (Polônia, 1921-2017)

CHEIRO DE ALCATRÃO

Eles estão consertando o telhado.
Trouxeram alguns barris de metal cheios de alcatrão
e os deixaram na grama de nosso quintal.
Todas as manhãs eles acendem uma fogueira debaixo de um barril
e apagam à tarde
e um cheiro intenso de alcatrão penetra pelas janelas dos
apartamentos
que carrega o perfume dos lilases que florescem de cor branca e
carmesim
entre a castanha e a bétula.
É um maio quente. Eles se agitam como jovens demônios ao redor
do fogo
mexendo a massa e adicionando carvão
mais impressionante que o sol incandescente.
Com uma polia de cordas móveis
baldes cheios do líquido espesso sobem até o telhado e machucam
a videira,
depois do inverno rigoroso, ficou menos espesso
e mostra algumas partes da parede nuas.
Agora nosso pátio lembra a antessala do inferno
não falta nem penugem para cobrir os pecadores no alcatrão
porque os choupos já estão florescendo
e nuvens de luz flutuam no ar.
Um dos trabalhadores é um demônio particularmente sedutor.
Seus dentes brancos brilham quando ele os mostra na careta do
esforço
enquanto balança um pedaço de pau no barril
seu cabelo preto brilha na testa alta como um arco-íris.
Ele está acompanhado por uma jovem diaba
diabolicamente linda em sua minissaia.
Todos os dias ele se senta confortavelmente em uma cadeira
dobrável, longe da fogueira,
e contemplar o fogo silenciosamente ou apoiando o queixo em
uma das mãos
lê um livro com uma capa colorida desgastada.

De vez em quando o trabalhador se volta para ela
como se quisesse verificar se não saiu
ou então senta-se em uma pilha de canos de metal na grama
olhando suas pernas.

MULHERES SENTADAS

Havia algumas mulheres sentadas tomando café.
Arrancaram minhas unhas – diz uma.
Fui colocada sob um refletor.
Durante dois dias, uma gota d'água caiu na minha testa.
Eles destruíram meus rins.
Eles mataram meu filho e queimaram meu pai.
Mulheres simples de Varsóvia.

NA RUA

Louca Como é fácil dizer
como é fácil pensar sobre isso
Não aquela que se tranca com chave
mas do tipo que alguém encontra na rua
dir-se-ia semelhante ao resto dos transeuntes
Que hábil nesse momento o teu olhar
quão instantânea é essa tua apreciação
essa vibração esse sinal delicado de tudo diferente
– Eu te possuo como a um pardal
Uma flor sugestiva em um chapéu surrado é o suficiente
ou que em um dia de verão nós a possamos ver com um velho e
surrado casaco de peles
ou quando fala sozinha e ameaça –
muito fácil de reconhecer
Porém eu tenho em mente aquela que tem olhos como uma faca
e aperta o punho no bolso
Estou pensando naquela que tem a morte nos olhos
aquela que arrasta uma escuridão que é o seu próprio abismo
Penso naquela que anda de cabeça baixa
como se não visse nada do que está em sua frente
e tropeça e continua andando

MARÍA MELECK VIVANCO (Argentina, 1921-2010)

ARCOS DO ENTARDECER

A hora está aqui
Cálida e cega Imperturbável e lúcida
Seu ossinho úmido de cão fiel
cabe agora na corola de uma mão
Girassóis ardidos regressam à escória do oceano
Nuvens em cíngulos acompanham sua rubra cabeleira
A hora profética danificou a memória do sonho
Beija mortalmente nossos olhos
Vulnera nossa pele desconhecida
Menina-luz órfã que se deleita com antigas moedas
elevando conjurações em um ar que embriaga
como a respiração dos pinheiros
O amor se ergue no mastro do verão
Sobe e vibra Frutífera e sucumbe
Revela seu furor e se cala
Deixa mortalhas de éter aceso
sob os arcos do entardecer
E a grande Verdade eclode
Engendra nas veias sua prole silenciosa
e então estala em fetos
sacudindo os mananciais da origem

PRIMAZIA DO FAUNO

Peixe e betume para as rodas do carro do Faraó Elas apagarão os clamores do Egito
Nesse dilema que sobressaltam as fúrias, vale o ajuste perfeito da antiga doçura
Sinto-me polir como de morte em um metal fundido entre muitas raízes Ressonância de estrondo possuem as vozes que me nomeiam E o desconhecido é um embrião mutilado em um ovo de bruxas

Compassos de entusiasmo bastam para determinar o bulício do vento Colinas reverentes na brilhante primazia do fauno
A cruz errática As demolições O passageiro da Criação dirigindo em ziguezague as aves de rapina
O dedo de Satanás resolveu o oráculo Às minhas costas treme a intensidade de seus nus Beijo a beijo a crueldade multiplica os incestuosos arcanjos
Para atemorizar o prazer? Para ocultar com lenços enlutados sua delicada impudicícia?

Uivemos como malditos porcos com as patas para cima O vento sudeste avança Minha língua seduz as escuridões por entre sóis eróticos

COMEMORAÇÕES

Apago meus rastros, para que a morte caminhe sobre a água
E o que houve com o abandono? Com as inocentes amendoeiras? Com os pãezinhos, em mesas de ruptura e celebração?
Há lufadas com astros encontrados e mãos sem memória Taças de vaticínio, com o chamariz de um rosto Rosto eleito para iluminar o universo
Tensos violinos galopam a cidade do perdão Respiram musgo cinza, como uma centelha à deriva Como boca de beijos desbastados, marcados com o óxido da intempérie ou do fastio
Porque há sinos fundidos na fumaça - surdos sob as estrelas - com veias de lacre e invisíveis pulsações

Repicantes ainda, no cálido e voraz cemitério da retama

MAX HARRIS (Austrália, 1921-1995)

BROTO EM PERSPEX

O broto em perspex ao lado da minha cama
Toda vez que movo minha cabeça
Fica com um tom mais profundo de vermelho.

O Mogadon que me traz descanso
Me coloca em um teste noturno,
Sonhos que separam o melhor do ruim,

Um assalto noturno da mente
Extorsões de um tipo brutal,
Forças alinhadas de forma desigual.

Um produto químico traz à luz
Fatos que ganham vida à noite.
Provando que faço o errado para o certo.

A rosa em perspex ao lado da minha cama
Observa cada movimento da minha cabeça.
Ela florescerá quando eu estiver morto.

SEUS OLHOS ME CONTENTAM

Seus olhos, voltando-se em tristeza, me contentam,
Pois há neles uma nova e silenciosa tristeza
Como se seus olhos, vendo aquele contentamento,
Se voltassem para, morrendo, aquela tristeza
Em que pessoas gastas vivem, como, morrendo,
Elas descansam em algum leito de morte anterior,
Aceitando, amando, naquela hora
Os olhos tristes que ainda estão contentes
No amor que vem na perda do amor –
Amor ocasionado, entristecido e abandonado.

Porque, no amor, na tristeza do homem,

O coração se acomodando e morrendo nos contenta,
Tudo é abandonado, determinado
Pelo tempo e tristeza pagos
E colocado dentro de seu leito de amor,
Exceto amor. Seus olhos me contentam.

ANTÍDOTO DO DESESPERO

Não conhecemos nenhum antídoto do desespero
como bêbados, os pinguins furiosos da noite,
montados nas pedras da praça,
amarrando um cadarço sob a luz embaçada de uma lâmpada.
Não conhecemos nenhuma dor adstringente,
nenhuma mancha do mar eterno e opaco do pensamento
na imagem do sótão, da Espanha
e do amor... agora a paródia do amor.

Veja - faísca do caos, atingida pela pederneira
e pela desordem que mergulha, brilha no escoamento opaco do
amanhecer
do cavalo de carroça de leite, cavalo matinal,
cavalo do caos, caminhando às três para as portas do sono
com o veneno cremoso.
convulsões duram
das nove às cinco,
toda a vida imersa.
e ainda viva.

Não conhecemos nenhum antídoto, nem as escórias lembradas do
medo,
o vidro permanece seco e assoreado; nenhum fim está próximo.

RADOVAN IVSIC (Croácia, 1921-2009)

NARCISO

I

a noite inunda narciso
com tufos de peixes
os ramos dos sonhos nas pálpebras da floresta
do ramo úmido
e vento verde

a noite caminha vestida de dedos sonolentos
calafrios nas folhas
o rápido nascimento das pedras

o uivo noturno com eco de camaleões
onde narciso mergulha muito além dos tufos de peixes

pedra na pedra na noite úmida na pedra
enxame onde a escuridão se separa e se afasta

narciso avança
move a colcha das sombras
escuta o medo dos escolhidos
enterra o vento
e uma árvore adormecida

II

o silêncio se insinua
dentro da língua do tempo
de uma criança de outro tempo
o corte na visita das sombras
rio beira de outro rio
margem de si mesmo
um espelho deságua no mar
embarcado no fogo em forma de segredo
toca os ombros de narciso

um rosário de medos assegura um corpo de vozes antigas
uma serpente cega corre dentro de suas veias
        uma estrela se faz pedra

narciso dentro da árvore do esquecimento
        seus pés são as raízes da árvore
                submersa no sonho de outro

o tempo funeral sem ossos

III

na outra margem
primavera de voz de pedra e asas perdidas
flutua pelo corpo
um sol ferido preso na vidraça
a janela que se despoja
revela o segredo do abismo
da nudez do vento e sua memória líquida
a pele do labirinto no abandono dos sonhos
orvalho ao alcance dos olhos
no reflexo a sombra do último sonho
na linguagem da água
nos ponteiros da carne
no dorso na outra margem anoitece

METEOROS

I

Sombria, ela está no vazio. Seu dedo desperta, titubeia, depois se converte em peixe. Todo seu corpo se ilumina. É a névoa, pensa ela.

II

Pesada, no redemoinho, ela é apenas uma ferida. Um grito entreabre sua boca, porém os dedos de seus pés são borboletas que levantam voo. É o raio, pensa ela.

III

Vermelha, ela se assombra: já não são escamas as que recobrem seu corpo, mas sim lábios minúsculos, inumeráveis. Então se envolve com um lençol branco. É a neve, pensa ela.

IV

Trêmula, avança até o abismo, embora quisesse afastar-se. Não é um abismo, mas sim um abutre o que se precipita até a ponta desnuda de seu seio. Ela se põe a rir. É a miragem, pensa ela.

V

Cidadã, possui o segredo de abrir as jaulas. Junto com o primeiro tigre, desce as escadas do metrô. Rapidamente se encontram no deserto. As lâmpadas se apagam, porém na escuridão não demora e se acendem os olhos verdes. É o eclipse, pensa ela.

VI

Ofegante, acaba de alcançar o cume do mais alto escarpado. De imediato, por trás de uma rocha, divisa um olho e logo outro: milhares de pupilas ávidas estão fixas nela. Rápido, começa a despir-se. Finalmente nua, avança até a abrupta encosta coberta de relva e desce até a planície saltando sobre as mãos. É o furacão, pensa ela.

VII

Noturna, no musgo descobre as estrelas, os rastros de um cervo e finalmente uma fonte. Um arminho em fuga se oculta em sua axila. É o cometa, pensa ela.

VIII

Ciumenta, vê o dorso de um desconhecido que se contempla no espelho. Ela pega um machado debaixo da almofada e o arremessa na fria superfície para aniquilar sua enganosa profundidade. O desconhecido se volta e a examina para ver talvez sua nova imagem. Não. É o terremoto, pensa ela.

JUAN SÁNCHEZ PELÁEZ (Venezuela, 1922-2003)

LENDA

Minhas inimigas prudentes, minhas luvas que decapitam dias
chuvosos, um vale negro para a fuga de minhas têmporas.
À noite multidão de pássaros e bois invadiram estas
ruas submissas. Eu olhava e me dizia: "Sob a tempestade
uma roca fia delgadas crianças, o demônio enlouquece as
águas taciturnas". À noite eu ainda não havia nascido. Dali
o desfile, as núpcias terrivelmente distantes, o parque de
fulminante orvalho.

Não existimos; no entanto, o mar aplacaria tua graciosa
cabeleira, e os rebocadores içariam tulipas flamejantes
para abreviar em teus lábios desfeitos pelo amor.

BELEZA

Interrompida minha conversa, volto a falar contigo de partida e regresso. Tudo se deu como um voo de pássaro, beleza: às vezes mundo compacto, fechado e livre. Ao abrir os olhos na chama fria, era um pequeno e ufano papagaio: eu te busquei de verdade, lambia na sombra teus ossos, santa cadela. Embora me ausentasse de ti, embora me cobrisse o ridículo, embora estivesses além do resplendor que me envolve; talvez próxima da baía, em pleno mar de verão, em meio às palmeiras reais.

[CÉSAR MORO, BELO E HUMILHADO]

César Moro, belo e humilhado
tocando uma harpa nos arredores de Lima
me disse: entra em minha casa, poeta
pede sempre ar, céu claro
porque há que morrer algum dia, está entendido
há que nascer, e já estás morto

o chão ficará aqui sempre, amplo e mudo
porém morrer da mesma família é haver nascido.

ENRIQUE ROSENBLATT (Chile, 1922-2009)

O CORPO SEM FIM

A Enrique Gómez-Correa

Uma vez na futura relação dos astros que são desejados por suas
partes mais íntimas
Desdobrando o vento arrastado pelos lábios do patíbulo
Alimento sadio e nutritivo de escamas de serpente
Apagar o olho não é o suplício que consumir seu bem estar por
séculos
Quando ele corria na tela como um cavaleiro envenenado
As estações misteriosas que dispõem de seu crescimento nas
bússolas carnívoras

Seios de panteras virgens gastas pelas paixões da infância
Crianças que diminuem de tamanho até parecerem uma pedra
hipnagógica
Que se observa atentamente
O bosque perde o impulso original ao saltar sobre o ano de seu
nascimento

Praias invisíveis invadem todos os recantos de seus pulmões
Lutam sobre os espelhos imantados
Atração das serpentes polares cavalgam espadas de creme
chantilly
Sobre umas asas de muralhas giratórias onde alguns móveis se
dissolvem indefinidamente

Em seus castelos
Como um desenho de areia na algibeira de prata do homem que
misteriosamente foge pelas linhas
Até formar círculos de cores já desaparecidas
A marca dos cadáveres passeia pelo espectro solar
A dama em um pátio cujo vestido
Assimila como um amante propício que se envolve com suas
cinzas domésticas

Tal sistema gota a gota dissolve no vazio seu olhar de poltrona presidencial
Desde um mundo conhecido como o ponto de partida mais próximo
Aquelas luvas espectros cansados de esperar sobre almofadas
As bocas nesse mesmo esqueleto são o alvo de suas próprias zombarias
Jogar seus espantalhos os pianos quem mudam para o pórtico das nuvens
As tardes sem os corpos que o transcurso das horas consumia em seu reflexo
Um guarda-chuva de cabeleiras antropófagas
Uma folhagem de peixes sobre o arqueólogo para sempre perdido

O pedestal que surge em cada mão que se quebra pelo golpe do deserto
O dente memorável que é uma bodega de bebidas afrodisíacas
As viagens furtivamente desenham suas etiquetas de lobo
Crescendo sob um antigo nascimento de planetas
Dobrados como um chapéu aberto na janela
Quando a cidade misteriosa que segue seus passos
A vacilação do suicídio que ainda não atirou suas moedas à terra
Crê no equilíbrio de sua respiração
As fontes subterrâneas destroem os objetos do amor
No voo recíproco de seus sonhos.

CÂMARA ESCURA

Como uma estrela que surge na maré até beijar teu rosto
Assim as finas estalactites dissolvem este rosto no sonho
De onde cresce seu mais belo sorriso na noite de gestos inesquecíveis
Como o moribundo eco de um planeta
Sobre a neve voluptuosa dos barcos na queda das estações
Ela é o limite mais difuso do objeto
Na queda vertiginosa de cristais fugitivos limados pelo sangue
Oh corações solitários vejam os gigantes se despedaçando nas mãos dos bosques

Sóis que vão sendo abandonados pelo desejo
Eu acredita em seu gesto que tornava transparente os trinados
Ela renovava no oceano a continuidade reversível do amor
O vício taciturno das ruas
Por ela as horas passam sem se conhecer
Porque se ama a tempestade como um olho que é ao mesmo tempo
um fantasma
Um olho que cresce com a velocidade alucinante da luz
Neste preciso momento
Que é a margem dos cervos

O SINAL DOS INSTINTOS

A Jorge Cáceres

Ela que é uma muralha caída de ressalto no poço
Imóvel em sua beleza
Perseguida pela própria matilha do crime banha seus gêmeos com
sangue
Na algibeira congelada do armazém marítimo suas marcas lhe
saúdam como uma luva
Uma espada torcida como uma mola que é o sinal de várias
gerações de donzelas
Quando adornam seus desertos com pescoços de cangurus
Aos saltos o assassino se repete em cada balança do crime
Em cada segundo dessas outras existências intactas
Afogada na lâmpada sua respiração que é a asa de um inseto
venenoso
De noites que pendem se suas chamas abraços estendidos em uma
piscina de relógios
Espadas de café-dançante para certos olhares respeitáveis
Que são seus olhos no outro mundo transmissão de cometas
mediante suas pálpebras
Abandonando suas últimas canções de moda ao ia furioso
Sobre as praias há jardins que abrem suas mãos acumuladas
Como o ar remoto daquelas fotografias que se revelam nos quatro
extremos de seu corpo
Dispersão de tecidos no vazio ou nos espaços mecânicos

Debaixo de uma rocha a boca acorrentando-se a uma liberdade
química
Uma estação de espantalhos de gelo que a linha equatorial divide
em bandeiras excrementícias.

JORGE CÁCERES (Chile, 1923-1949)

LONGA VIDA

Uma fogueira e o topo na folhagem que se debate
Um guarda-sol de coral que se desprende e queima
E a mendiga que eu maldigo é ela mesma
Apenas mais livre
Próxima de uma cerejeira que se balança na grama
Junto a nós sob a hora deste teto
Uma longa linha negra sobre os lagos de ágata
Atravessa um circuito de cristal
Como uma nadadora
No recinto que deixa em paz agora mesmo
E afinal é só rir de um acaso sem pé nem cabeça
De uma cariátide com cabeça de cão
Sob o mesmo teto onde o piso é um arado.

Quando eu beijarei teus lábios de carvão
Para isso sopras a água desta copa
Uma gota em tempestade
Que soa como uma arma na hora que passa
Como uma mancha de inveja no marco do teto
Um desconhecido que joga com palavras
No mesmo ponto branco que eu vi girar
Entre dois charcos de abano
Sobre uma pista negra.

O mistério da costa agora se dilui para nós
Eu me maravilho com este muro de granito sobre o farol
E uma ponte de jardins aninha a nova rua que ri
Para quem o amor é mais absurdo que nunca
Para mim se eu sonho sobre um ímã desconhecido
Sobre tua cabeça que joga com as rochas marinhas
Entre a névoa de agosto
Eu a aprisiono eu a amo em um tempo entredito
Para que não seja a única
Que represa a hora inútil.

PALAVRAS PARA RADAR

A Enrique Gómez-Correa

Esta manhã as luzes que sobem dos arrebóis mais negros
Como um olhar cambaleante do cervo no incêndio de gardênias e o sopro de ar puro nas costas nuas é mais propício
A escada secreta é de opala de quimeras
Porém da direita surgem a gota de veneno e o laço imantado que são a abolição do amor e a noite escapa porque leva um fardo de plumas de ave do paraíso
E há uma mão sem luva sobre cada porta hermética a luva cai
E do leito dos amantes surgem esses sinais de molinete
Ida e volta e passa o assobio do trem
Porém no fundo das campânulas colocadas sobre as cômodas começam a aparecer o cometa vai cruzar o deserto do México pelo espaço de um minuto
O amor fantasma a passarela imantada
E o castor invernal na garganta de um animal superior
E a múmia de perfumes de palmeira de arminho
De princesa totêmica
Ou o balcão que se abre de improviso no Baile de Imprensa e através do qual penetra um delegado desses homens-leopardos que se deixam ver de vez em quando nas selvas do Congo Belga
A pele às costas e a garra em atitude de ataque
E sobre a fronte o sinal da seita
Porém nos espelhos começam a aparecer manchas negras
E nos frascos dos licores alinhados segundo a dissolução do bismuto começa a tarefa do alambique
Na metade do Salão os perfumes tomam corpo de mulher ruiva
Ida e volta e agora o branco do olho é violeta
Como o leão heráldico na superfície da turquesa polida em pleno Brasil
Brasil aqui em letras douradas
Na borda das cataratas há um broche de cílios torcidos quatro vezes por estar quatro vezes virado para a saída da lua
E na noite estão as quatro janelas acesas de uma casa em pleno bosque
O Baile à memória do Marquês de Sade.

UM GUARDA-SOL

A André Breton

Em um fundo de diamante um guarda-sol é um fogo a mais sobre
as costas
Eu o havia visto virar quando escrevia "Recitação" em 1937
E não sabia que o eixo da janela
O sol joga com o murmúrio do sangue
Então eu começava a ler *L'Amour Fou*
Porém antes eu já podia caminhar descalço
Sobre uma tela vermelha pelo bosque que arde
Sem amá-la ainda eu debilitada meu amor nesse tapete
E contra meu rosto soprava o estranho bater
Quando caminhava na ponta de meus pés
Pelas margens de um anel de palha tecida
Um anel de palha tecida
Então começava a viagem de cada estação porém amanhecia
prisioneiro de um desejo
Desconhecia a mim mesmo sem negá-lo no centro do bosque
Na câmara sombria no gume de uma rocha
E os calhaus que adornam os muros
Pendem de um centro móvel que oscilava
Pelo encanto do eco sem saída
Que gira.

JUAN ANTONIO VASCO (Argentina, 1924-1984)

A TUMBA DOS AMANTES

A melodia de um fagote que retorna carregado de lauréis
o ar apenas tíbio que exala a tumbas dos amantes
tudo está em seu ponto
A auréola de óleo que marca o lugar onde estavam seus seios
essa cera de insônia que manipulavam as mãos de amante
mercador de espécies virgens novamente virgens
A calma cai desdobrando sua serpente de caramelo sobre o rosto do anoitecer
Juntos outra vez lambidos pelo ferro da barca que desaparece no esquecimento das palavras do desejo
oram pondo as quatro mãos no vão deixado pela morte ao erguer o voo sobre os tetos de piçarra
Já sabem tudo o que há por saber quando Deus desce de sua cadeira com o grande apito de osso
porque a retreta é celebrada no quarto onde ardiam lançados na pira do pudor
Não obstante cada primavera que retorna carregada de correntes
cava ali no lugar onde tinham o amor
e torna a despertá-los
com a garganta cheia de remorsos

A RECONSTRUÇÃO DO FATO

Um juiz de instrução pôs as meias de lã
o cachecol de lã
meteu sua gravata de lã no café com leite está obcecado
É seu primeiro assassino e o bilhete do subterrâneo muda de bolso como uma lesma
deixando uma marca de jurisprudência sobre sua jaqueta de lã
O guarda do subterrâneo empunha suas tesouras e recorta a peruca do juiz de instrução fazendo uma assombrosa trova de tesouradas
Porém é seu primeiro assassino

Muda de assento saúda com reverência as mulheres que viajam com a sombrinha aberta
A umidade é espantosa chove dentro do metrô
O assassino sorri com essa inconfundível cortesia das pessoas bem-nascidas que se perderam na vida pelas más companhias
empresta seu lenço ao juiz de instrução recita o primeiro capítulo de D. Quixote conforme estabelece o código de procedimentos
É um assassino de cabelos grisalhos suas mãos têm a suavidade da lã de Angorá
fez migalhas com o clandestino brincando de descobrir em que mão está
ganha o assassino sempre ganha o assassino
distribui charutos e sorri ao público
O juiz de instrução limpa seus óculos sem cessar muda de posição no assento o subterrâneo se detém na janelinha do hipódromo
em um velório
em uma festa de primeira comunhão onde a menina comunga com rodelas de queijo
e a mãe passa rodando a torta com um gancho de arame
É seu primeiro assassino
Falta apenas uma estação a terminal sob o grande lago gelado as escadas em caracol talhadas no gelo mostram ao redor do mais perfeito aquário
Porém é seu primeiro assassino corre até a cabine do condutor tenta persuadi-lo de que é preciso retornar porque o lago se derreteu e avançam a caminho de uma morte segura
Eu tenho minha planilha diz o condutor enquanto eu tiver minha planilha o resto não é assunto meu
Porém é meu primeiro assassino
A mim o que me importa é a minha milésima planilha
O juiz de instrução tenta estrangular o condutor
quer dar marcha a ré porém o mecanismo lança ar por todas as comportas e os homens saem das escotilhas com o rosto coberto de musgo
e o subterrâneo segue em frente porque o condutor tem sua planilha e põe o juiz de instrução em seu lugar
O assassino sorri uma vez mais adivinhou onde o clandestino oculta a pedrinha
Na folha de serviços diz e ganha outra vez
Chegaram é preciso começar a reconstrução do fato

O juiz treme como os recitantes quando abrem os braços e tiram seus relógios de bolso para levar o ritmo dos anapestos e da peste
O assassino lhe diz já passará eu também estava nervoso em meu primeiro caso
tudo é uma questão de começar e se você deseja eu posso mostrar como se faz
Você é muito amável porém eu não estou nervoso
comecemos de uma vez mostre-nos como assassinou a jovem
como deteve seu leito de rodas quando saía da estação de ônibus absolutamente sozinha adormecida e nua
Eu diz o assassino sempre procedo de uma maneira científica
é muito fácil assassinar as jovens e não é preciso possuir uma grande imaginação é suficiente ter bom dente
Cortei sua cabeça com esta faca
assim
O juiz de instrução está muito impressionado
sua cabeça ficou separada do tronco
O assassino e o clandestino brincam com os despojos para ver em que mão está

O NAUFRÁGIO OU O RISCO DE VIVER

Esta noite tem uma perna de marfim que ressoa pelas escadas
indo e vindo entre teu coração e a página de um livro onde está a mesma história de sempre
Porém quando os ponteiros do sonho se juntam em teu rosto desolado pelo amor
e começam a fincar suas agulhas na carne como o navio que um tufão arremessa sobre a ilha e deixa escapar pelos olhos de boi os segredos da viagem
compreendo que tuas entranhas foram feitas com as amêndoas do desvelo
essa construção de fósforos eternos e mentiras entrelaçadas que envelhecem na antessala dos instintos
cujas esquinas ostentam fontes de ferro lajeado com um mecanismo que muda de cor a cada hora
ou quando o matrimônio costura uma extensa fila de botões na jaqueta do amor

esta noite suaviza as cicatrizes do hábito que doem quando a chuva acomoda suas caixas de cigarros nos aparadores da nostalgia
e se estende para iluminar os recantos do conhecimento
pondo ao alcance do desejo os espelhos molhados em lágrimas por onde é visto o rosto em chamas da poesia
uma blasfêmia arrastada pelo vento
o rosto caído no mundo que somente a má-fé pode confundir com a beleza da água pura
a investigação do amor a cisterna onde flutuam os rostos da aventura inquietada por silenciosos terrores
o suor que o verão põe à frente dos eleitos sem lhes dar o consolo da irresponsabilidade
A carne apodrecida do compromisso com sua lanterna de mineiro à frente
lança entretanto suas bolas de marfim que rolam entre as pernas dos fugitivos
porém tu existes de todos os modos protegida por teu antigo artesanato de construtora de espelhos
existes para que o viajante possa narrar junto à estufa os costumes de seu país
entre bocado e bocado de um estranho pão cujas propriedades permanecem ocultas
na mesa em que os camaradas da morte dão corda nos relógios e desconcertam todo entendimento prévio lançando ao mar o triste aparelho da consolação
É então quando a cabeça cheia de vapor apodrece insensivelmente sobre o timão
E o navio vacila sem acabar de escorar porém irremediavelmente ferido
desnudo e pronto para a decomposição
É então quando tudo surge de imediato na borra do vinho essa concentração de desejos irrealizáveis
ao lado de qualquer mulher cujo riso rasga os vestidos do varão
na noite dos achados
enquanto os verdadeiros amantes conversam em suas cabanas protegidos do tédio por uma parede construída metade de despojos de navios metade de sentimentos piedosos

também conhecidos pelo frequentador das tabernas ocultas onde o perigo deixa cair seu vidro moído na copa de todos os que aceitam o risco de viver

NINA CASSIAN (Romênia, 1924-2014)

ASSENTO RESERVADO AOS IDOSOS OU DEFICIENTES

Fiz a viagem inteira em pé:
ninguém me deu seu lugar
mesmo que eu tivesse uns cem anos mais que os outros
passageiros
mesmo que em mim fossem óbvios
os sinais de três grandes males:
o Orgulho, a Arte, a Solidão.

SENHORA DOS MILAGRES

Desde que me abandonaste
Me sinto mais bonita com o passar do tempo
Brilho como um cadáver no escuro.
Ninguém vê o quanto, arredondados e nítidos,
meus olhos cresceram
como meu corpo parece uma urna de vidro,
como ergo coisas com as minhas mãos transformadas em trapos,
o modo como ainda consigo ficar de pé
paralisada pela luxúria.
Não, é apenas a tua crueldade cercando
a minha cabeça como um halo brilhante em decomposição.

PARTE DE UM PÁSSARO

Mesmo agora me dói o esterno
Quando recordo o quanto eu estava correndo
porque o cheiro das petúnias invadia tudo.
Oh Deus, como estava quente ao redor
minhas pernas, nuas, longas e livres
e a tarde caiu sobre o mar
sobre uma multidão, reunida ali e novamente
o estranho pavilhão do deserto
onde brincamos e eu

sequer pensei na minha cabeça feia
e outras crianças também não perceberam
porque estávamos todos correndo muito rápido
para que a águia transparente da tarde não nos pegue
e o zumbido dos adultos na rua
e o mar, o mar, que ameaçava proteger?
esse fino tempo do primo.
Era verão para sempre, um verão leve
um verão de água e sandálias, imune
a esse álcool, que em breve se chamará Amor
– e no pavilhão deserto em vão procurarias
pelo anel de terra, se foi removido com dois dedos
pela guerra, ou por algum
trabalho útil ou esquecido
brincávamos na infância, mas, na verdade,
não me lembro de ninguém, acho que não
havia outra criança além de mim
porque, olha, eu só consigo lembrar
um voo solitário para o mistério
encenado pelos gestos do mar, lembro-me
apenas a felicidade, oh Deus, de se curvar
com braços e pernas nus em pedras quentes
terreno inclinado, com grama,
do ar inocente da tarde.
As flores cheiravam vertiginosamente nesse lugar
onde, um pouco acima dos homens e das mulheres,
definitivamente cheirava a tabaco,
churrasco quente e cerveja,
eu estava correndo, sem perceber minha cabeça feia,
quebrando, na verdade, a cabeça macia da flor
e beijando-a nos lábios
enquanto o mar também tinha um cheiro mais forte
que agora era mais selvagem, suas algas
mais escuro e maldito as rochas
ainda mais na maneira como ele os venceu.
Não estava longe de casa
para esse lugar, eu poderia correr para lá
e voltar e ninguém sentiria minha falta
em quatro passos e oito saltos eu estava lá
mas, primeiro, roubei das cercas

penas de pavão deixadas entre as ripas
as penas mais lindas que não vi desde então
com o imenso olho verde azulado
e com cílios dourados tão longos
que estava segurando um pássaro inteiro em minhas mãos
não faz parte de um
e eu estava quebrando minhas penas
bater entre ripas
arrancando algo do mistério
daqueles pátios diabólicos
e logo eu estava correndo em direção àquele pavilhão deserto
na beira do mar
e estava correndo por aí
através de quartos abandonados
onde os loucos martim-pescadores batiam contra as paredes
com o teto explodindo por fora e por dentro, como se estivesse
dentro de mim.
Eu usei um vestido curto sem mangas
da cor da areia quando o sol perde a força
e no outono eu deveria ter ido para a escola
e a atuação do mar continuou a partir-me as costelas
para me deixar mais espaçoso, por isso
meu coração pulsava e mesmo agora a gaiola em meu peito dói
quando recordo a pulsação do mar
ao tentar entrar em mim
especialmente ao anoitecer, quando as flores murcham
sem perder completamente a cor
permanecer rosado com chá, violeta com leite
perdendo apenas seus caules no escuro
flutuando, decapitado, a uma certa altura
na grama que também desapareceu.
Esta é uma memória tremenda
absolutamente inesquecível
a sensação de um corpo leve e solto
invulnerável, perfeito, minha cabeça
apenas uma extensão natural dela mesma
monitorando apenas sua velocidade e orientação.
No entanto, eu nunca me machuquei
Não me lembro de ter caído naquele verão.
Era leve, extremamente saudável

inspirado, e se não estivesse voando
era só porque eu preferia correr na terra
e não por qualquer outro motivo.
E depois disso...
O que estava dizendo? Ah, sim, ela tinha longas pernas nuas
e braços finos e nus
e no pavilhão deserto havia um estranho frescor
como se um mar invisível tivesse passado por ele...
E depois disso...
– Onde eu estava? Ah sim, as flores cheias de noite...
como fumaça sagrada
e meu voo solitário
através de mistérios gentis e benevolentes...
E depois de tudo isso?

JORGE GAITÁN DURÁN (Colômbia, 1924-1962)

O INFERNO

Os homens já não vivem: como serpentes enterradas
No outono, como luas vagarosas no inverno,
No verão são águias ou tigres, sóis sanguinários
Que ardem no opaco mundo das coisas,
Guerreiros em vigília como os astros
Para que em imortais os converta o céu enganoso.
Nobres ou perversos, mas efêmeros, porque é sua obra
Única por um instante arrancar do inferno
A mesma carne que aos deuses os delata,
Os amantes estão solitários na terra.
Ferozes, porque o que sempre dá recebe injustiça,
Querem ser como unhas ou dentes no outro,
Como a selva após a tormenta do verão, querem
Que ninguém veja sua debilidade, mas que se sofra violência.
Reunidos como belas bestas ou em fuga como criminosos
A luz os cega: o homem não tem tempo para reconhecer-se.
Abraçam-se em sua miséria até encontrar um corpo
Impenetrável onde só a morte toca fundo:
Suas bocas estão juntas, mas separadas seguem as almas.

JUNTAM-SE DESNUDOS

Dois corpos que se juntam desnudos
Sozinhos na cidade onde habitam os astros
Inventam sem repouso o desejo.
Quando se amam não são vistos, belos
Ou atrozes ardem como dois mundos
Que uma vez a cada mil anos se cruzam no céu.
Somente na palavra, lua inútil, vemos
Como nossos corpos são quando se abraçam,
Se penetram, cospem, sangram, rochas que se destroçam,
Estrelas inimigas, impérios que se enfrentam.
Efêmeros se acariciam entre mil sóis
Que se despedaçam, beijam-se até o fundo,

Saltam como dois delfins brancos no dia,
Passam pela noite como um único incêndio.

AMANTES

Despidos afrontamos o corpo
Como dois anjos equivocados,
Como dois sóis vermelhos em um bosque escuro,
Como dois vampiros quando surge o dia,
Lábios que buscam a joia do instante entre duas coxas,
Boca que busca a boca, estátuas erguidas
Que na pedra inventam o beijo
Somente para que um relâmpago de sangues reunidos
Cruze a invencível morte que nos chama.
De pé como preguiçosas árvores no estio,
Sentados como deuses ébrios
Para que me abrasem no pó de teus dois astros,
Estendidos como guerreiros de duas pátrias que a aurora separa,
Em teu corpo sou o incêndio do ser.

MARIANNE VAN HIRTUM (Bélgica, 1925-1988)

POEMA

Você tem penas na sua cabeça.
Um ar de suprema arrogância,
acorde com este sinal de seu olho
que projeta o perfil aquilino do nariz.

Não é possível que eu me aproxime muito de você,
em virtude de um segredo mais interior jamais formulado.

E você tem dentes perfeitos!

Você se opõe ao que não pode vê-lo,
uma parede cega, fortificada à sua frente.

Eu lhe dei o mais ínfimo beijo
em resposta à sua mordida na extremidade da língua.

Há quanto tempo você me ama?
Em todos esses dias choveu tantos pensamentos sublimes
na campanha soberana.

HINO AO GRANDE GUARDA-CHUVA

Terei a morte que quis,
com sua renda de ferro amarelo, seus macacos de palha.
Ela me esperará no vale de tule,
quando a única ternura do dia
tiver feito sua aparição de serpente dourada,
brilhando alguns momentos quando o relógio bater as cinco.

Então o pássaro mágico, vencido por um sobretudo de revolta,
fará seu soneto de pérolas com palavras de chocalhos molhados
sob o vento.
O sol não brilhará para atestar
minha magreza com sua sombra.

Ide, meus belos cavalos!
Içai-me em vossos ombros de granito.
Acorrentai meus pulsos, já gelados:
ao anoitecer, a floresta se abre como um cacho de feijões
vermelhos
e o fluxo de forte vinho azul me espera.

O silêncio abre suas portas, pois em algum momento elas são
líquidas,
como se cercadas pelas bocas da noite.

O último javali branco que eu assustarei
vira as costas.

Que os catadores se afastem.
Não é o corpo de um jovem garoto que eu deixarei,
cabeça no riacho, pés revestidos de madrepérola,

na forma de um Grande Guarda-chuva.

[A PELE DE SEMENTES PRATEADAS]

A pele de sementes prateadas não estrela
com misturas arriscadas as cavernas
onde o Ser em sua touca de dormir
abre a porta soprada pelo vento de troncos negros.
Um riso demente, um fogo azul circundado de raios de vespa
seria seu olho lá, oh reciprocidade que sempre te suspende
no limiar de cavernas rejeitadas?

De dia, o grande Descabelado, ciclâmen de gelo, carrega seus
passos
em suas costas, o hospital mascarado para a festa.

Se em sua testa você desenvolve
uma inteligência lúcida de perdiz,
ainda assim seus olhos ocultos perderão os cabelos de amianto.
Uma fonte mais cega que um surdo feito de resina.

Persegue esses trens de miséria
nos trilhos flamejantes de um beijo.
A caverna é feita de tecido iridescente
para aqueles que não podem levá-la com os dedos do Pai Egito.

Um fardo de feno ridículo se ergue
onde nossos jovens leões não dormirão.
Aqui, ninguém tem a cabeça para trás.

O relógio anda muito devagar.
Vamos morrer mais e mais!

Já tenho seu gosto maravilhoso
em meus dentes distantes.

GINA PELLÓN (Cuba, 1926-2014)

DEBAIXO DE TUA JANELA ELES O ENTERRARAM VIVO

Todos reunidos celebram a morte
de alguém que adormeceu sem saber.
Nós de cabelos lhe cobrem o corpo
um espelho negro pende às suas costas.
Cortinas de mármore cobrem as bordas.
Entre duas pessoas que estavam sentadas
um touro aberto passou
arrastando espuma, vísceras e cordas.
O homem parado atrás do armário
continuou seu discurso
blá-blá-blá e blá-blá-blá,
tirava as cópias que dava aos mortos
as letras caíam e eles as recolhiam
novamente colou-as nos papéis.
e continuou falando.
As segundas passaram a ser quinta
as torres se encheram com livros
os móveis foram cobertos com histórias
as mensagens codificadas passaram através de fios de seda.
Alguém trouxe flores com cheiro de
cera.
A névoa permaneceu úmida de rosas
e com as mãos pardas.

ALTERAR A ORDEM

Por um sol à noite que disse adeus
lago de mentiras
Mãos que esfregaram o muro em silêncio
silêncio de espanto
medo
ansiedade do vazio
cidades embrulhadas, gavetas cheias de mãos
Espaços cobertos de prisioneiros

Vultos de mulheres
que aguardam, aguardam arredondadas.
Presídios, prisões, escolas, reclusos, conventos e casas,
cárceres, quartéis
Cavalos vestidos de palha
presídios rosados
chicote... guardiões lentamente
sombra nos corredores, prisioneiros esmagados
roupas amarelas verdes ou roxos, tingias de preto
bordados de sangue
Alucinações de estar à espera
Juízes que adormecem ouvindo o escravo
Passarem os anos contando a areia
Ocultando as águas
Lábio que se rompe diante do cansaço.

VENDEDOR DE AREIA

Uma estrela de bronze caiu do céu
Rolou pela escada, alta como o esquecimento.
Uma frase que não pode ser pronunciada
uma frase dissolvida em calda
Anéis para o vento com unhas de algodão
plantas perversas que aguardam
as competições nas tardes de domingo.
Mesas que se agacham recebendo o tributo,
onde vários amigos disputam o tempo.
É assim que tudo passa sem que nada passe.
Os dias se seguem, o costume se estabelece,
erotismo do campo sob um sol de montanhas.
As danças de agora não têm mais cavalos
porém elas têm os trajes tecidos pelo sonho
e a esperança de não abrir as janelas
para impedir que entre o vendedor de esquecimentos.

BLANCA VARELA (Peru, 1926-2009)

NO ESPELHO

Exploro a chama e não a extingo porque amo seu calor doloroso,
suas angustiadas línguas sem som,
sua pele redonda que atravesso com meus dedos
para chegar à água solitária de tão leves pálpebras.

E sinto a asa nos espelhos que me devolvem sempre,
como se colhesse as violentas cinzas que jogaram aos peixes,
como se uma ave morta pesasse entre meu sangue
e a estancasse ali,
próxima ao fogo vivo dos próprios insetos,
a seus pequenos corpos,
belos sob escuros e apodrecidos licores,
íntimos e nervosos nos gozos profundos.

Raízes de pesadas colunas de sonho entre a fronte,
gotas áridas nos frutos caídos
que transbordam azeites agudos, insondáveis.

MÁSCARA DE ALGUM DEUS

Diante de mim este rosto lunar.
Nariz de prata, pássaros na fronte.

Pássaros na fronte?

E logo há vermelho
e tudo o que a terra esquece.
Umidade com poderes de fogo
florescendo após os negros cílios.
Um rosto na parede.
Detrás do muro, além de toda vontade,
mais longe ainda que olhar e calar:
o que?

Sempre algo que romper, abolir ou temer?
E pelo outro lado? Ao revés?

Voa a mão, nasce a linha,
vibrante destino, negro destino.
Por um instante a melodia é clara,
a tarde parece eterna,
puríssima a sombra do céu.

Volto outra vez. Pergunto.
Talvez diga algo este silêncio,
é uma imensa letra que nos nomeia e contém
em seu ar profundo.
Talvez a morte detrás deste sorriso
seja amor, um gigantesco amor
em cujo centro ardemos.

Talvez o outro lado exista
e seja também o olhar
e tudo isto é o outro
e aquele este
e sejamos uma forma que muda com a luz
até ser apenas luz, apenas sombra.

SEGREDO DE FAMÍLIA

sonhei com um cão
com um cão esfolado
cantava seu corpo seu corpo vermelho assobiava
indaguei ao outro
ao que apaga a luz ao carniceiro
o que houve
por que estamos no escuro

é um sonho estás sozinha
não há outro
a luz não existe
tu és o cão tu és a flor que ladra
afia docemente tua língua

tua doce negra língua de quatro patas

a pele do homem se queima com o sonho
arde desaparece a pele humana
apenas a polpa vermelha do cão é limpa
a verdadeira luz habita sua remela
tu és o cão
tu és o esfolado cão de cada noite
sonha contigo mesma e basta

FRANCISCO MADARIAGA (Argentina, 1927-2001)

AS JAULAS DO SOL

1.

Oh criança da sesta, sentada até no ar de teu ódio!

Luxuoso e verdadeiro rei da fome que incendeia, que destapa, que acomete até no véu natal o arco-íris de calor sua grande serpente, sua grande corrente, sua profissão de ser ajoelhado que se lança porque assim o quer a água, as comarcas subidas às folhas, todo o recolhido pelas palmas, por seu grande alimento, sua corrente de deus, sua arrancada do seio das joias-mulheres.

Oh meu, pedaço de quadrado do mundo, antigamente recebido pelas feras: em nós se ergue e caminha, porém o fogo o acossa – elimina sua velocidade! – até onde assopramos nossas galas de enredos de todas as cores, os calores, os olores e os grandes cílios destruídos de meu tigre no coração de uma província.

2.

Venham ali à casa do diamante aquecido pela água, ao horto onde o homem se recolhe para não cair do globo.

Um dia, um passo, um dia mil passos, um sonho rude, porém com todos os amores permitidos por seu amor.

Nem uma perda.

Não, não, tribo minha de minha raça. Raça de ganho e de luxo, entalhadora, niveladora para o fogo, tambor para os ventos dementes que sabem adorar.

Tinha um caminho de patos e de rezas. Ao fundo, a água; em
seguida, os olhos dos homens com suas teias flutuando sobre o
sol e aqui a mesma marca de globo entre as pernas e um ódio
pelo estéril!

Oh mão de todos os amores, vem a mim, adora-me com tuas filhas.
Terníssima do bosque, vem a mim, eu tenho uma bolsa de fogo
prendido pelos gatos monteses pegada sobre o lábio,
rebenta-me em teu cheiro!

Cortina de coro e cheiro de olhos de inferno me matando no
bosque.

Os amores não têm porta para fugir.

Círculo do sol repleto de pássaros; tranquilidade de Maria, a
cadeira de balanço da tarde.

A CABANA JUNTO AO MAR

A María Irene

Uma jovem que conheci junto ao mar: parecia uma indiana,
parecia uma índia descoberta por seus próprios cabelos de
olhares.
Parecia a imagem de minha própria camisa selvagem,
a camisa de bondade e de orgulho que se media com o mar.
A jovem que voava com a raça da sombra de minha querida
tempestade nos olhos,
a jovem que voou com minha areia até Paris:
onde a envolverá toda sua sombra?

UMA REZA

Reza pela reza das aparições brame pelo bramido dos enterros e volta os olhos para a paisagem metida dentro da carne e do fogo do movimento humano mais real o de passinhos de homens no espaço humilhado por suas elegantes desnutrições, oh país límpido,

trocado com gagos e estripados e tosquiados pela planície e assassinos engendrados nas negras copulações entre ramos e entre santos de olheiras quase naturais, exclamo que durmo sobre a areia caída na desvantagem de meus amadurecimentos que soluçam todo o poder do fogo.
Eu, que tenho o alimento mais moderno, estou rastreando o inverno e as podridões destas planícies.

LUDWIG ZELLER (Chile, 1927-2019)

A ABANDONADA AOS ESPELHOS

Por vinte anos busquei os polidos
cristais, os puros que vibraram
ao rumor das asas que o silêncio acaricia,
os lábios que se entreabriram à linguagem impossível
da Divina Imagem.

E ela se dobra murcha, pobre fibra de poeira
que cai sem piedade em adormecidos estames.
Pássaro-ontem, cobiçada serpente, abram,
cortem os fios que atravesso tremendo,
pupilas que florescem para impenetráveis signos.

Que máscara devo usar? Que fios sulcam a têmpora
do adormecido que grita? Corvo que se desprende até o abismo,
grasnido que ilumina as janelas do cárcere de sombras,
oh destroçada pele, o Labirinto! – Ali, tremendo, sozinha,
jaz a abandonada aos espelhos.

Decifrarei tua sede? O sonho será ouvido?
Não movam mais os fios com que se choca na sombra,
Procurem, uma vez mais procurem na estância sedenta.

FIGURAS CHAMANDO EM UMA PORTA INCENDIADA

Os relâmpagos cruzam uma grande pedra negra
Que de tanto rodar ficou na carne viva, sumiu
Em um buraco e tem dobradiças, tem estuques com sangue
E detrás dela o fogo, as línguas que devoram sua armação
Ressonante de lascas, de brasas sulcando o duro
Madeirame, suas tranças de cinza que se enrugam.

E ali estamos os três, qualquer um de nós
Chamando em grandes vozes no poço queimante
Da visão. A mais bela, a doce, com a viola de amor

Às costas; e o que tudo sabe e no entanto teme
Que os tições lambam seu estrolábio de vidros coloridos.
Ou a criança que percorre as escadas dessa casa incendiada
Que no meio da noite se desdobra como uma flor
De pranto... Onde estamos? Quem chama lá fora,
Por piedade, quem chama?

Desperto, escuto um rio de cinza imóvel.
Quantos dias perdidos, quanto pranto!
Suas bocas crepitando aqui em minha almofada.

DELÍRIO AUTOMÁTICO

Um desejo se acende e mil bocas se entreabrem
Em palavras, florescem as imagens essa locomotiva da noite
Que avança soa a vertigem se apertas o travesseiro
Recorda de tirar os óculos porque há um nó cego
Onde ferve o sangue percebes que os limites não existem.

As lembranças são guardadas em caixinhas, afastas os ossos
Enroscando os gritos que sobem pelas costas aos borbotões
Essa raiz vulcânica que devora os homens
Por trás de teu coração o relâmpago abre um ramo de veias.
Sobre a geografia dos corpos pestaneja aquele olho
Vão as aves que portam a semente infinita, rompe em ti
Abre-te em dois em quatro cobre-nos a maré
Como a esses endemoninhados no baile buscando a meada.

Tudo em sentido inverso aquele ventre de lontra
Vibra ao pranto em enxames multiplica a torrente
As pedras do prazer vibram ao tique-taque da chuva
As víboras despertam no relógio. Por que te dói o pranto?

Esse violão fervente que delira é teu corpo
Febre de framboesa é a delícia de voltar a sonhar contigo
Estende nas areias aquelas coxas brancas do almíscar
O desejo te encurrala, quando gritas goteja o mel de teus mamilos.

THÉRÈSE RENAUD (Canadá, 1927-2005)

PARA LOUISE

Passei o dia contando as dobras
que meus passos fazem na neve
Passei o ano sonhando com um
misterioso passeio de nuvens espumosas
Colhi três pétalas de lírio para
fazer um vestido
Acaso ouvi a campainha tocar?...
Saí de quatro para conquistar
as ilhas outonais
Acaso ouviste o sino rezando?...
Não precisei fazer mais nada, pois sou
a *Abelha do Desejo*...

[ESCUTEM MINHA CANÇÃO]

A Fernand Leduc

Escutem minha canção de criança piche:
Eu sou a pequeno polegar
e tenho os dedos limpos
Eu sou grande velocidade
e sem ter nádegas
me sento
sobre os pés
Conheço os espaços
e me afundo nas chávenas

Quando bocejo chorando
vou-me embora beijando
as ervas dos chicotes-prazeres
e quando pareço rir
é porque caminho sobre o asfalto-desejo

Jamais sonhei
sem me ouvir chamar
e só tenho amor
pelos gatos e pelos ursos

Achei uma noite de claras estrelas, três pedras que pus no bolso
hoje as retirei depois de tê-las esquecido por três dias

[NUMA CONCHA DE OSTRA]

Numa concha de ostra pousei minha cabeça. As ervas curvaram a cavilha e eu fui ao encontro de três viajantes.

Um deles tinha luva nas mãos. Essa luva representava os lamentos do vento. Eles me disseram: *Venha conosco. O caminho é longo e penoso, mas ao final há uma clareira com flores sorridentes no sol e um riacho brilhante na noite.*

Ao longo do caminho quebrei o polegar, mas um urso veio lambê-lo e então peguei pedras e as lancei por trás de mim.

Na segunda noite rocei-me nos fogos que as estrelas deixam em seu percurso apressado e senti as carícias ardentes da lua.

Ao chegar à clareira peguei meus pés doentes e os lancei no riacho.

Desci meu corpo inteiro nos fossos e fechei a concha da ostra...

CARMEN BRUNA (Argentina, 1928-2014)

O PARTIDO DOS DEMÔNIOS

Conduz teu carro e teu arado
sobre os ossos dos mortos.

WILLIAM BLAKE, *Provérbios do Inferno*.

Meus desejos não querem ser negados
meus velhos prazeres soluçam com o arcanjo primitivo.
Te maldisse, feroz aparecida de pupilas de ônix
e colhi por isto uma exuberante coroa de lírios vermelhos,
apontarei para teu coração de fêmea com minhas flechas de obsidiana,
destroçarei tuas redomas de mirra e incenso
para que tua carne não possa consolar-se nunca mais com a espuma.
Como o vapor do mar ascendem os globos de fogo,
como o orgulho dos videntes com os sentidos famintos,
multiplicam-se as orações do tato nas plumas cálidas das aves,
como a madalena conhecerei as doçuras da pele do anjo da babilônia,
a persistente loucura que se desprende dos ossos esbranquiçados pelo sol
e as delícias do mel nos lábios do oceano.
Aos despeitados todo o amor
aos abandonados toda a vergonha
aos heréticos toda a glória
Sobre a colina tremem as fogueiras
e se ergue o patíbulo onde o rebelde negro de Surinam
pende como um tigre escuro,
seus enormes olhos nictalópicos contemplam enfebrecidos o rosto vazio das caveiras.
Não há vinhas para os filtros da ressurreição,
não há deslumbramento capaz de incendiar o vale da morte:
cai o sangue dos sóis fugazes da meia-noite
nutrindo a raiz da mandrágora com seu licor viscoso,
Simão o mago interpreta meus sonhos herméticos

com os signos do jaguar e da cabala,
recolhe meus pesadelos como atos de amor
aceita minhas preces irritadas,
com mudas reprovações, com infinitos sofrimentos,
com descargas elétricas que são como enxames de pássaros
sedentos;
a madona dos destinos, a mulher dos alquimistas
percorrerá a cidade em um corcel de risos noturnos
e de libélulas transparentes como as pétalas do íris.
Eu amarei tua jovem jaula de cabelos de asas de colibri,
teus estremecimentos de chuva nas janelas dos antigos conventos;
amarei o canto das auroras boreais,
o tremor de tua mão com aguilhões
e beberei as flores carnívoras das nepentes no oco das rochas,
percorrerei o submundo de Fonthill, morderei a lua de seus ídolos;
minha língua de cortesã conhecerá o leite dos jasmins no trono.

TORRE INFINITA

Choro porque subi a uma torre da qual não posso descer
choro por todas as coisas perdidas que não recuperarei
choro porque cresci e não posso suportá-lo
porque perdi o centro de gravidade do amor
porque me extraviei em uma selva onde todos os que estão comigo
são fantasmas translúcidos
e como nas novelas policiais procuram minha loucura e minha
extinção,
porque tenho medo da morte e no entanto a persigo com passos
cautelosos
para que me veja e acabe comigo no acaso do ponto e banca,
porque repudiaram e atiraram à luz todos os meus defeitos,
porque sei que dei tudo o que possuía
e agora que estou desnuda largaram meu coração
na água barrosa do pântano,
porque já não há canções para mim,
porque também fui enganada
e expulsa do édem sem contemplações.
Coração de cristal vais estalar de desespero
no lamaçal musgoso

toda a magia do mundo não será suficiente
para preservar o ritmo de teus latejos solitários
nem o feitiço sexual que me acompanhou por longo tempo
nos desertos da lua vermelha.

Deixaste-me em um bosque vazio, rindo e mentindo para mim
acabaram-se as viagens em vagões de segunda classe
com crianças pequenas nas fraldas.

Ah esse vento de esmeraldas pulverizadas que conduz ao
cemitério.
Sozinha como a menina que fui perambulo pelos limbos
e meus gritos não têm resposta
somente o uivo dos cães selvagens
na noite sem cruz do sul ou via láctea

e o abandono que desintegra a alma lentamente
que a vai apodrecendo lentamente
a alma em pena que dói em todo o corpo,
que já não acariciam ao passar as nuvens de veludo ou a lua de
ouro.

VINGANÇA DE ISOLDA, A DAS MÃOS BRANCAS

Posso acaso conjurar os deuses para que te crucifiquem?
Posso acaso apelar ao raio para que te converta em cinzas?
Posso arrancar a maçã envenenada
desta árvore invertida cujas raízes se afundam no céu
que é meu universo
e oferecê-la a ti para que morras?
Sou eu a víbora Nidhögg que tenta derrubar tua árvore cósmica,
tua Iggdrasil,
para erguer em seu lugar outra Iggdrasil de nove luas
com seu jaguar em liberdade,
uma árvore celestial onde girem e cantem minhas esferas.
Tem tanto poder o ódio das mulheres que amaram muito?
Pode o ódio dessas mulheres ser o sol do devir?
Pode a morte sacrificial converter as trevas, as orgias e o caos
em uma nova vida resplandescente?

Se renasce depois seguindo a dança das loucas azuis?
Chove e germinam as laranjas andróginas e suas flores?
Há que abolir o tempo, irmã inimiga,
e ali onde eu enterre teu cadáver
na encruzilhada desses caminhos infaustos
todos os peregrinos jogarão uma pedra
porque saberão que te assassinei
e converti esse lugar em sagrado com meu crime.
Ali estará a casa do deus,
o centro do mundo,
o assobio de Delfos
seus oráculos dementes e narcóticos como a própria vida.
Ali estará o abrigo do mundo
porém já não respirarás
e depois da colheita das amapolas
tampouco eu respirarei.
A marmita das feiticeiras não poderá revelar jamais
porque nem para que existimos eu, tu e ele.
Ninguém poderá revelá-lo.
O mundo é certamente absurdo
e quando aqueles que nos amavam nos abandonam
a dor que nos causam não tem cura.
A dor nos conduz à terra dos que perderam seu sangue
no naufrágio espectral dos desertos
e ali onde na encruzilhada te assassinei.
Na encruzilhada eu a assassinei.
Porque com seu sangue minha dor será lavada,
porque com seu sangue serão lavas as chagas permanentes de
minha alma,
porque com seu sangue perderei minhas memória.
Desdobrarei a vela negra para que ela nos sirva de mortalha.

MANUEL SCORZA (Peru, 1928-1983)

DÉBORA

A Juan Ríos

I.

Bem sei que com teu olho único – com teu olho de monstro
acostumado ao espanto – invisível e alta, lúbrica e negra, me
vês, ferozmente, Débora.
Esta é a hora em que no pavor de teus antros te vestes de noiva e
sobes arfando à tua torre anã, para contemplar-me amorosa.
Esta é a hora em que, no fundo dos mares, os magos sonolentos
entreabrem suas esverdeadas conchas e a fatídicas virgens
fervem em suas ondas meu passado.
Meu passado!
Em cidades desaparecidas, em templos desfigurados, pulso o
pestilento alaúde cuja música suportam apenas os imortais: das
janelas tenho visto mancar os outonos, tenho visto – com
tristeza – os ventos arrastarem baleias.
Recordo a deslumbrante plumagem dos canalhas, celebro tua
cauda infatigável, choro porque antigamente, a esta hora,
pousavas em meu ombro, papagaio tenebroso.
Eu sei bem – bem sei, amor meu – que agora mesmo te sentas na
profundidade de teu trono e me descobres, sob o furioso mar,
profundamente adormecido.

II.

Quando passo sob tuas sacadas, quando atravesso os pátios,
arquejante sob o peso precioso de minha carcaça, tu observas a
neve de remotos países.
Eu cruzo humildemente o jardim, porém tu não desces para me
ver: estás absorta diante do roseiral de bico curvado.
Talvez seja o crepúsculo: teu rosto arde estranhamente.
Vou então a teu encontro: cruzo empoeirados salões, percorro
palácios submersos, até que vejo piscar teus olhos pantanosos.

Guinchas então, saltas de galho em galho e foges grasnando como se tivesses a pata quebrada.

III.

Ainda era noite quando a Melancolia apareceu no alto de sua torra lívida.
Baixaste os olhos.
Peixes horrendos riscaram o ar, perolados de ira.
Compreendi então que jamais regressariam os dias alegres, as inesquecíveis tardes idiotas, as felizes noites tediosas.
Enlouquecido, entreabri as luxuosas cortinas do inverno arruinado.
Sob a lua, arquejantes jacarés de seda nos seguiam.
Envelhecidos tigres de latão se debruçavam nas janelas para te ver, pela última vez, com olhos furibundos.
Como quem atravessa o passado cruzei a cidade adormecida: roncavam ainda as torres obesas, empanzinadas de crepúsculo.
Na aurora, prodigiosamente cansado, me detive entre as anêmonas: fechei os olhos em tenebrosa paz: desde então durmo: é raro que cheguem até aqui os peixes, muito raro que os pacíficos radiolários disputem pelos olhos das pudicas holotúrias.

IV.

Já não são verdes as plumas dos dinossauros, nem as hienas se cobrem de frutos quando chega a amável primavera; o polvo não mais sacode seu bico deslumbrante nos castelos do estio.
Eu também estou só, rodeado de ilhas melancólicas e, invejoso, percorro os pátios azuis do mar até que o grande peixe da angústia quebra com suas rabanadas a cristaleira do arco-íris.
Não sou belo, nem ágil como o gafanhoto: escondo-me entre as gramas e devo esperar que guinche o mocho para emergir por entre as gretas.
Muitas vezes gira a odiosa lua antes que te contemplem meus olhos úmidos.
Porém esta noite vieste envolta em uma beleza que não é deste mundo e me olhaste tristemente.

Acariciaste meu lombo tremido e teus olhos se encheram de águas carnívoras!

V.

Estive submerso por longos invernos, dormi ferozmente sob os átrios, diante de minha face os mendigos celebraram suas missas.
O vento derruba invisíveis torreões, o inverno folheia seu velho livro e eu recordo Débora.
Oh gentis espumas, tímidos mares anões, em vossos sagrados peitos reclinei minha galhada de ouro quando Débora me amava!
Era nos desvãos do décimo terceiro mês, era quando meu coração pastava nas pradarias infantis do mar.
Em sonhos, cristalizado de raiva, vi que o céu adoecia e as estrelas tossiam e o sol se cobria de moscas vindas do Oriente.
Oh Débora: quando despertei a corrompida Deusa de Marfim soluçava; diante dos templos, sob o sol subterrâneo, tua caveira sorria.

VI.

Se algum dia, em tua barbuda torre, em teu país paralisado, ouvires arquejar as enferrujadas hélices do ódio, compreenderás que não menti.
Porque amei teu rosto azul, idolatrei teus olhos viciosos, tua barriga inchada de fungos mortais.
Não renego que te vi entre os cânticos de seda dos lunáticos, anunciando os reinos deslumbrantes da peste.
Que amor, que amor pudeste sentir por mim, lívida gralha?
Era verão quando te desprendeste dos campanários – era um escamoso dia de verão – quando emergiste entre as algas gritando: "Vou te perder!"
Eu guinchei de alegria porque havia muitos meses que me negavas teus beijos: embriagado de glória, arrastei pelos cabelos a pobre tarde.
Naquela gruta fomos felizes e os passantes empalideceram quando Débora e eu, docemente abraçados, cruzamos as ilhas, seguidos pelos bandos de aves que levavam às costas nossos mantos.

Débora: tive que partir.
A tempestade tem olhos cintilantes: meu coração padece naquela ilha branca.
Débora: eu sei que me ouves, eu sei que em tua guarida escutas o assobio amarelo de nossa inesquecível cobra e então soluças e depois o esquecimento.

VALSA CINZA

As torres mais valentes
agacham a cabeça
quando chega o outono
com a plumagem CRIVADA.
No outono as árvores
acendem seus olhos mais tristes.
Outono, no entanto, era
quando vi em teus olhos
comarcas onde ardia outro sol.
Agosto, o coxo malvado,
cuspia as janelas;
a névoa grasnava nos telhados.
Porém nós caminhávamos
– oh pradarias, oh pontes –
por países de diamante.
Teus vinte anos saltavam como peixes
e o coração MERLIN se me saltava.
No palácio dos vaga-lumes
bailamos danças lancinantes.
Hoje o outono chega em ti
e sem ti os crepúsculos desalentados
mal sabem por seus velhos trajes.
Os pássaros idiotas
repetem esverdeados
as canções de ontem.
Lentas cruzam o céu
as tardes desastrosas.
Pobre é o mundo:
apenas tu autorizaste o maravilhoso.
Viver é longo.

Ave carniceira é a Melancolia.

DALMÁCIA

Como Jonas vivi minha juventude no ventre de Dalmácia.

Brisas eram meus cabelos, tufões minhas sobrancelhas.

Em teu ventre mais alto que Órion milhões de estorninhos
revoavam.

Eu submergia a buscar peixinhos, percorria córregos, adentrava os
iglus para dormir com fêmeas ondulantes.

O vento de março quebra os frascos onde Dalmácia guarda nossos
fetos.
Vilões: este é o tempo em que menstruam os anos.
Éramos felizes: por nossos anéis Saturno saltava alegremente.
Jaulas de alísios, auroras palpitantes Dalmácia me trazia.
Porém faltaram as brisas, as pestes despovoaram os mares.
Sob sóis negros, a língua seca, vagamos por oceanos calvos.

Dalmácia agonizante me vomitou sobre as praias,
Eu quis bebê-la
Conduzi-la em meus braços até países verdes.

Eu gritei desde as escarpas:
Dalmácia, é difícil viver!
É difícil levar aos lábios taças
fumegantes de sonhos!

Não me ouvia.
Entre os tímpanos nadava para sempre neblina.

JOYCE MANSOUR (Inglaterra, 1928-1986)

[NÃO COMAS OS FILHOS DOS OUTROS]

Não comas os filhos dos outros
Pois a carne deles apodreceria em tuas bocas cheias.
Não comas as flores vermelhas do verão
Pois sua seiva é o sangue das crianças crucificadas.
Não comas o pão negro dos pobres
Pois está fecundado por suas lágrimas ácidas
E criaria raízes em teus longos corpos.
Não comas para que teus corpos murchem e morram
Germinando na terra em luto
O outono.

[EU TE SUSTENTO PELA ÚLTIMA VEZ]

Eu te sustento pela última vez
Em meus braços.
Rapidamente te enfio em teu caixão barato
Quatro homens o carregam depois de lacrá-lo
Sobre teu rosto decomposto sobre teus membros angustiados.
Amaldiçoando eles descem as escadas estreitas
E tu, tu não deixas de se mover em teu pequeno mundo.
Tua cabeça separada de seu pescoço decepado
É o começo da eternidade.

[GOSTAS DE DORMIR EM NOSSA CAMA BAGUNÇADA]

Gostas de dormir em nossa cama bagunçada
Nossos velhos suores não te desagradam.
Nossos lençóis manchados por sonhos esquecidos
Nossos gritos ecoando no quarto escuro
Tudo isso excita teu corpo faminto.
Ao final teu rosto feio se ilumina
Pois nossos velhos desejos são teus sonhos de amanhã.

JOSÉ LIRA SOSA (Venezuela, 1930-1996)

VOZ CORTADA

A Juan Sánchez Peláez

nada brilha, nada reluz neste grito
o despojo amoroso de teu rosto caindo neste peito
adorável besta, tua máscara é uma nova conquista
ágil para a luta tua sombra é um archote
ágil para o amor tua mão é um archote
refreia o navio do novo descobrimento
numa labareda
a frágil casca que apascenta minhas carícias
é uma labareda
apenas uma sob a noite
tua raiz violenta é uma máscara
recorda besta adorável,
tua máscara é uma nova conquista.

agita tuas garras consanguíneas
e que não escutem tua voz cortada
que não escutem teu sotaque desconhecido
nem o brilho reluzente deste grito
este grito
retorna em grandes passos à tua origem.

LAPSOS

Posto que nada será definitivamente lacrado
posto que o ritmo assombroso de tuas nádegas mantem
o feitiço nesta cidade costeira
posto que decidi buscar o tesouro oculto
nas dobras de teu sexo
posto que aprendemos estas fórmulas de memória
e anotamos em livros caixas um espelho despedaçado
uma imagem decomposta
o arco-íris da boneca abandonada na areia

posto que em algum momento começamos
pela cadência do gavião submersa na astronomia
transbordante de trovões e relâmpagos
onde tu és o vestígio da feiticeira
o sistema solar que acariciava o braço e o peito
sua garrafa quase vazia na penumbra
posto que tu eras então a promessa da água
a escuridão que pressagiava minha pele
invadindo a selva de luz negra
aperfeiçoando o jorro de terra e esperma
humilhando, sim, humilhando minha busca da mandrágora
meu regresso à idade média
Posto que no princípio eras favorável à oferenda
enquanto orbitavas até o medo
enquanto giravas até a porta de cristal refratário
retrocedendo ao virar a esquina
e logo aparecias e desaparecias em festa de aniversário
te prolongavas em meu cigarro
para finalmente descer ao centro da insônia
e tu eras a primeira figura do baralho
e eu o rio onde te despias
a ponta da língua
a saliva guardada muito além do branco lençol
Posto que talvez nada seja certo
eu me limito à sombra
a ser a sombra do que buscavas
a ser a sombra
do que buscavas
na loucura.

ESFINGE

Atado a tua órbita secreta
o porvir mitiga plumas irremediáveis
e amedronta
e prostra e ameaça
os jardins cativos
nos oráculos poupados por teu riso
Esfinge desconcertante

malversadora de ritos suspicazes
de palavras referidas aos metais
esquecidas as conjunções obstinadas
te limitas
a estimular pecados taciturnos
relíquias intermediárias da carne
que espreitam coordenadas siderais
O naipe favorável oculta
o arco-íris tributário do poema
e justifica as linhas de tua mão
Esfinge memorável
exalta esses tornozelos revoltosos
de Deusa infiel à balança.

JEAN-PIERRE DUPREY (França, 1930-1959)

[EU DOMINEI TODA UMA ESTAÇÃO DE VIDA]

Eu dominei toda uma estação de vida
Na minha primeira infância foi dentro de pedra
Minhas primeiras lágrimas saíram com os pardais
Eu vi um deus, eu vi os homens
E meus olhos nem se procuram mais
Ontem eu fui à montanha onde a lua vivia
E voltei com um coração cheio de tristeza
Não me resta mais que um suvenir e uma guitarra quebrada
Um salgueiro chorão despojado e meu vestido de lágrimas
O que é mais triste do que deixar o mundo sem cantar?

[QUATRO PAREDES SÃO TÃO SURDAS COMO UM CRITÉRIO]

Quatro paredes são tão surdas como um critério
E o choro é poder para aqueles que estão escondidos.
Os telhados são como uma seda
Para esconder um rosto e os ossos;
Acima, o céu come seus pássaros
E criptografará até mesmo o zero.

Uma lembrança em uma sepultura,
Uma noite vai encontrar o peso
Necessário para que a ponte tombe
E que a voz baixa regresse
Ao rio atual
Quem bebe as respirações e os mistérios
Sonhou todas as noites com o pescador de penalidades.

QUARTO

Lágrimas na lousa,
Armas na sala.

Algo pensou...
Os fantasmas tiveram que comer!
A neve derrama flores
Deixe o céu molhar cada pássaro
Cada pássaro
Pairando uma nuvem feita para a lentidão
Morrer enquanto dorme o vento mais quente.
Os fantasmas tiveram que coletar...
Para esgotar os vazios da alma branca
Despojada da memória dos quartos.

MIGUEL ÁNGEL BUSTOS (Argentina, 1932-1976)

NÃO CREIO NO MISTÉRIO DA CHUVA

Não creio no mistério da chuva
comedora da noite nas janelas.

Creio nos pássaros que arranham os sóis e as luas.

Não creio na chuva
em sua força que morre no pó.

Creio no mar pai desta chuva.

Não creio na chuva porque penaliza
e nos dá árvores bem negras.

Creio em nós que dormimos abraçados.

RAJADAS

Neste pouco de vinho
descansa uma uva inflamada de sol
quebra a alma uma pedra de fogo.
Tudo foi muito lindo teu corpo de água teus olhos violentos.
Brutal o pássaro enlouquecido de plumas. Brutal nós dois.
Como uma virgem suave
cheirosa
a virgem tinta
enamora entre as pernas
a palavra dor.
Dá-me a mão um pé teu um pelo para levar no coração. Eu te dou uma gema de meus dedos para que toques o que toco. Assim te abrirás.
Chove
vinho
nas
entranhas.

Chove fogo.
Eu te contei a história dos fantasmas dos longos subterrâneos da madrugada. Agora nos toca lavar as caras lavar as ruínas do coração
Amanhece nas uvas do poema
amanhecemos sorrindo como um leite e um pão
ou um peito.
Ou nada mais que um pássaro visível em suas plumas
de fogo.

JOANA A LOUCA ENTRA EM MEU CORPO

O calor imenso queimou os vidros. O arco da janela explodiu; a porta já havia caído na fumaça.
Eu, o que fazia passeando?
Ali fora vozes e gemidos, jorros de água saltavam na rua.
Venha, venha!, a voz do bombeiro que perigosamente havia subido até a minha janela para resgatar-me me fez aproximar.
Dá-me a mão!
(Porém então eu lhe disse): sou Joana a Louca, diga-me que sim.
Ele não ouvia, buscava minha mão.
Sabendo o risco que corria soltei o punho do homem e me perdi na fumaça.
Procurei minha cama. Leves chaminhas seguiam o tecido da colcha. Eu a pus para um lado, e me deitei. Fechei os olhos.
Porém de longe me gritaram durante muito, muito tempo: és Joana, Joana nos infernos.
Dá-me teu corpo mortal.

CARLOS M. LUIS (Cuba, 1932-2013)

[POR QUE EMPALAR O QUE NÃO ENTENDO...]

Por que empalar o que não entendo como estranho
E dar golpes na parede quando não há parede?
Ressuscito a cada dia como um papel molhado
e digo a mim mesmo: e se este não sou eu?
Dá então ao sal o que não lhe pertence,
o que sem refletir-se nos espelhos
desenha com sua memória o dilúvio dos dias,
sombreando um corpo abandonado,
um corpo com a forma da água que escapa
das mãos que de repente surgem de uns vãos
de uns vãos que no fundo escondem quem sabe
se a última letra de nosso alfabeto,
não aquele que nos ensinaram, mas sim o que aprendemos
quando vivíamos nossa vida anterior.

[A ARANHA ARRANHA O PEDAÇO DE CRISTAL]

A aranha arranha o pedaço de cristal
e ao virar as costas
sua teia se torna transparente.

A aranha então regressou a seu ovo,
tecendo maços de almas
e silhuetas que vai deixando por onde passa.

A aranha que vive em seu recanto,
faz caretas e esconde cores,
sem saber que um olho a espia.

A aranha dorme sua extensa transparência,
sua história que parte dos umbigos
para ser contada por alguém capturado em sua teia.

[AS PAISAGENS SÃO IMORTAIS]

As paisagens são imortais porque permitem tudo:
cicatrizes que escapam das nuvens,
planetas que vemos através de uma fechadura,
voos de perfis desenhados nas paredes
e um catre onde jaz tudo o que vivemos.

Os que regam com seu esperma os ossos
de ancestrais aconchegados em suas noites
costumam dormir as formas que pertencem a outro tempo
e serão o que hoje vi: uma figura fugindo de si mesma.

Porém isso ocorreu em outras paisagens ainda não desenhadas,
nos papéis encarquilhados que deixamos como signos
da realidade que nega mostrar-se nua
abrindo seu grande sexo por onde penetramos como os cegos.

JAYNE CORTEZ (Estados Unidos, 1934-2012)

CUME

Um encontro entre dois homens,
duas visões,
dois braços dedicados à corrida,
dois velhos aterros sanitários despejados no
escritório de águias bêbadas,
no escritório de pinguins farristas,
vodca do meu lápis soluçante,
uísque da minha borracha em vômito
e tudo depende da
tempestade de orações bêbadas deste dia,
da calmaria quebra-gelo deste dia, no
fundo do cume das calças de poliéster,
esta noite, nos olhos nublados de fuzileiros navais irritados,
amanhã, no ponto morto do índice.

FÃS DE JAZZ OLHEM PARA TRÁS

Eu cruzei com Monk
Lamentei com Bud
Contei cada estrela com Stitt
Cantei "Don't Blame Me" com Sarah
Usei uma flor como Billie
Gritei no alcance de Dinah
e cantei "How High the Moon" com Ella Fitzgerald
enquanto ela explodia o telhado do Shrine Auditorium
Jazz na Filarmônica

Cortei meu cabelo em um topete permanente
Fiz de meus pés metrônomos rebeldes
Encaixei agulhas de disco em tinta no papel
Falei sobre Bopology
Ri em frases agudas de saxofone
Tornei-me o guardião de cada riff de Bird,
cada lick de Lester

enquanto Hawk melodiava meu ouvido com línguas apaixonadas
e Blakey tamborilava mensagens militantes na
alma de meus dentes aplaudidores
e Ray atingia notas graves no último sofá de amor em meus ossos
Eu me movi em compasso triplo com Max
Alta conexão com Diz
Bendições com Pettiford
Voei para casa com Hamp
Embaralhada no convés de Dexter
Agachada com Peterson
Sonhei com um *tema da 52nd Street* com Fats
e cantei "Lady Be Good" com Ella Fitzgerald
enquanto ela explodia o telhado do Shrine Auditorium
Jazz na Filarmônica

AÍ ESTÁ

E se não lutarmos,
se não resistirmos,
se não nos organizarmos, nos unirmos e
tivermos o poder de controlar nossas próprias vidas,
Então usaremos
o olhar exagerado do cativeiro,
o olhar estilizado da submissão,
o olhar bizarro do suicídio,
o olhar desumanizado do medo
e o olhar decomposto da repressão
para todo o sempre e sempre e sempre.
E aí está.

JORGE CAMACHO (Cuba, 1934-2011)

IF

A luz explode de riso louco
A janela se abre rumo a floresta de pimenta.

Locomotiva moedora de algodão
A casa roda sobre um lago de goma.

– O para-raios adormecido
sonha com a cabeleira cúprica?

A cidade é o nó transparente
De coração de mosca!

Quando as águas desérticas
Limitam o tremor de espuma.

As escamas dos peixes
Se tornam
Os ossículos dos trilhos.

ESCADA DE NUVENS

Meu grito bate asas
A sombra da faca-mentira.

O espelho fecha os olhos
Quando a luz alça voo.

– Se o pássaro arisco
Atear fogo na catedral de vento!

A noite congela a cortina
De Inconveniência.

Meu riso de sangue.

O CUBO MUDO

De tão antigas as folhas do colchão
Modelam o falso colo de meu rosto.

Enganchados ao templo da feira
Meus dedos umedecem a cal viva.

– À estátua de sal
Falta o olhar de antílope!

O meu coração-nevoeiro
Os meus olhos de puma

Tatuados de branco.

ARNOST BUDIK (República Checa, 1936)

[COMO DUAS GOTAS DE ÁGUA]

Como duas gotas de água
como um sonho sem desejo
estas são as linhas que estão rasgando
com uma sombra de fome
Já não são quimeras
nem dúvidas que dominam a memória
sem regras ou indicações
o pouco que ainda temos de nossa juventude
e que se esconde por trás do dia e da noite
Enquanto isso,
o vento sopra no meio das telas
o desprezo se dissolve em lembranças distantes
a primavera se instala como por hábito
nas pinturas de Artur do Cruzeiro Seixas

[EM ALGUM LUGAR POR TRÁS DO AMANHECER]

Em algum lugar por trás do amanhecer
no meio das estrelas, onde meus braços estão sempre vazios
eu te convidarei para o meu domínio
eu te convidarei para o meu chalé
e colarei em ti meu coração de mármore

EVOCAÇÕES INESPERADAS

Dois fragmentos

I

Montões de folhas mortas rasgadas de árvores quase desfolhadas estavam no meio de um parque e frustraram o vento. Bancos vazios e dois ou três cisnes em um pequeno lago completaram a imagem de uma noite de outono.

Ela estava a poucos passos de distância de mim. A atmosfera triste do lugar deu à luz rugas sóbrias que contrastaram tão estranhamente com a transparente aparência de seus dezoito anos. Sua mão que me tocou era fria e flexível. Seu cabelo longo e flexível tocava a brisa enquanto mergulhava como água no pequeno lago. Eu não sabia o que dizer. Nós nos encaramos e continuamos de boca calada.

Ela ficou congelada diante de mim como antes, quando decidiu sair.

II

No espelho eu vi um rosto que parecia pertencer a outra pessoa. Ao crepúsculo, seus traços se transformaram em uma videira dependurada nas folhas úmidas de uma noite de verão.

Eu toquei os cílios, lábios e têmporas. Eram lisos e suaves, meus dedos escorriam sobre eles como um teclado. Eu gostaria de forjá-los e jamais deixá-los.

Na parte de trás de um quadro barroco sorriram-me com seus botões de rosas, um chapéu de palha, um lenço Dior e uma garrafa de conhaque meio vazia.

Abri os olhos.

O quadro barroco estava vazio. Para dizer a verdade, ele não me pareceu tão convicto, mostrando meu rosto inchado e infeliz, cansado pela idade e as dolorosas experiências da vida.

ALEJANDRA PIZARNIK (Argentina, 1936-1972)

A QUEDA

Música jamais ouvida,
amada em antigas festas.
Nunca mais voltarei a abraçar
o que virá depois do fim?

Porém esta inocente necessidade de viajar
entre preces e uivos.
Eu não sei. Não sei senão do rosto
de cem olhos de pedra
que chora junto ao silêncio
e que me espera.

Jardim percorrido em lágrimas,
habitantes que beijei
quando minha morte ainda não havia nascido.
No vento sagrado
teciam meu destino.

ANÉIS DE CINZA

A Cristina Campo

São minhas vozes cantando
para que não cantem eles,
os tristemente amordaçados na aurora,
os vestidos de pássaro desolado na chuva.

Há, na espera,
um rumor de lilás rompendo-se.
E há, quando vem o dia,
uma partição do sol em pequenos sóis negros.
E quando é de noite, sempre,
uma tribo de palavras mutiladas
busca asilo em minha garganta,

para que não cantem eles,
os funestos, os donos do silêncio.

FRAGMENTOS PARA DOMINAR O SILÊNCIO

I.

As forças da linguagem são as damas solitárias, desoladas, que cantam através de minha voz que escuto à distância. E longe, na negra areia, jaz uma criança densa de música ancestral. Onde a verdadeira morte? Quis iluminar-me à luz de minha falta de luz. Os ramos morrem na memória. A jacente aninha em mim com sua máscara de loba. A que não pode mais e implorou chamas e ardemos.

II.

Quando voa o telhado da casa da linguagem e as palavras não a protegem, eu falo.

As damas de vermelho se extraviaram dentro de suas máscaras embora regressem para soluçar entre flores.

Não é muda a morte. Escuto o canto dos enlutados selar as rachaduras do silêncio. Escuto teu dulcíssimo pranto florescer meu silêncio triste.

III.

A morte restituiu ao silêncio seu prestígio enfeitiçante. E eu não direi meu poema e eu hei de dizê-lo. Mesmo que o poema (aqui, agora) não tenha sentido, não tenha destino.

APARICIO VIGNOLI (Uruguai, 1937)

PULMÃO-HUMOR PARA VIVER CONTIGO

Aqui nossa miséria
E as esfinges multiplicadas de rostos
O fêmur colossal da espécie partido
Em sua carcaça escapam de flechas
Cruzam o espaço até os odres do espírito
Corre o vinho novo
Sobre as ondas uma jovem amada caminha depois afunda
Quebrando os tridentes e os acrósticos de Levi
Esse líquido escuro tem os seios claros
Cuidado com os pedaços africanos do homem
Flechas improvisadas por trás dos cometas
Viajantes com rumo alucinado pomas para uma constelação
vegetal
Se entrechocam e ferem corpos caem a meus pés
Abdome das raças e fluidos da carne
Um dia se aproxima
Estranho capaz de nos conter em seus ácidos limites
Tem que ser um dia de esverdeada sonolência
De animais fincados nos joelhos úmidos
...
Aqui nossa grandeza
Nosso escalpe heráldico e os indiferenciados falcões
Possuindo as rochas atmosféricas
O continente dos lábios
Aqui os sonhados de dilúvios
Os que calaram quando o inverno impossível exigia o grito secular
Os que untaram seus corpos de tristeza e ergueram sua cólera e
sua morte ao trifásico bíceps da ressurreição
Os que amanheceram com um colar de raiva e disseram à criança
tudo passa e fulgura e é cíclico e se esquece
Os demônios aqui os exilados e tendo de mantel em um bosque
infantil
O amor a cúspide a Acasos
E a bendita terra doadora dos golfos redimida
Purificada consagrada ao sangue por completo

Nas terras os temíveis animais despedaçam árvores
Rugindo para as estrelas do domingo
Vida incompleta
Sobre os prados a clorofila da demolição
Sobre a prata precipitada do oceano peixes comunicantes
Sobre as cúpulas asfixia e morte
Oh alfa da torrente coração
Aqui a gutural figura detida e fresca
A variedade sem fim de minha mulher
Abrasada de origens até um mistério certo

[A JOVEM SE INCLINA NUM POÇO PARA BEBER]

a jovem se inclina num poço para beber
a tartaruga do poço sobe por seu nariz
fogos artificiais de musgo
e o mofo desordenado estala
na árvore do pão do anoitecer
a impiedosa noite deposita mais noites
e mais relâmpagos
o raio invade mais paisagens
o trovão fere mais orelhas
retumba no peito dos enamorados

a jovem se inclina num poço para beber e bebe
coágulos
perde seus lábios no lobo noturno
rubros com o filete de sangue
que brota de seu nariz na tartaruga
da tartaruga na noite
da noite nos relâmpagos
da iluminada paisagem
no pavilhão dos amantes

o poço se inclina na jovem para bebê-la
bebem-se um ao outro
gosto dos olhos do poço
o batom da jovem
os seios do poço

a água da jovem
as pernas do poço
as paredes da jovem

inclino-me no poço para beber ambos
porém as ancas do poço
e o fundo da jovem me empurram para o interior
a jovem e o poço se inclinam para me beber
os três refletimos estrelas
com corações de algas
os três dentro de um balde
para quando venham nos beber os demais

A MOTOCICLETA DOS ANOS LOUCOS (I)[3]

O patim louco de meus anos de verbenas circulares
atravessa a simetria pisciana.
Escrevo sobre os hemisférios violados da beleza nórdica
a boêmia camponesa
e entre as úmidas ruas catalãs
imagino minha sepultura esfarinhada.

Amanhecida
A carruagem dos lábios abria o sorriso demente cruzado de tulipas
A louca do fogo saudava o grande disco
E nas vértebras empoeiradas do sonhado caminho voaram vozes
    até a retina
Da própria quietude

Jamais o espaço dominou o caminhante
nem a fumaça cobriu os arabescos
somo aos meus conhecimentos uma potência cúbica
enquanto um gladíolo apaga agonias biológicas.

Vejo luzes nas trevas da paisagem que o desenhista calvo

[3] Escritura automática colaborada e às cegas; as estrofes 1, 3, 5, 7 pertencem ao poeta Edgardo Valerio; as pares, a *Pino* Vignoli.

pôs no pescoço de meu quarto para me surpreender para me encantar
A noite é o filamento oco e adormecido nas veias do celenterado
Que se agita em teus sonhos
O tempo se desfaz em minha envoltura penso ser o fantasma que passeia
Pelos fogões de antigamente
Lambi a pirâmide tão intenso o gosto de sacerdote me parecia estar acompanhado por mortos de província
Saltei o maciço de aguapés e me pus a salvo por entre as garrafas dos bambus

Agora descubro as maravilhas do templo destruído
e digiro os acontecimentos sanguíneos de meus próximos anos.
Beberei a semivida dos montes marcados
descobrirei a aurora do ocaso.
Não creio na poesia de qualquer outro lugar mas sim na oportunidade anterior.
Não é a todo momento que o telefone absoluto comunica gestões
ou a mulher dá à luz.

São meus escravos
Despregam borboletas
Acabamos com os contos com cabanas no enredo
E o urso voluntário dos dias
Para minha alegria esqueço um punhado de folhas no volante da sonhadora
Agora tudo se desvanece não reconheço os sinais de fumaça
mas sei que ao final ao me estender na planície encontrarei a cabeleira flamejante

Penetro em ti
para alojar-me debaixo dos fungos florescentes
a esfera azul foi acelerada

FRANCISCO VALLE (Nicarágua, 1942)

O CACHIMBO DE NOGUEIRA

Toda a desolação passou por meus lábios.
No cachimbo escuro de nogueira a morte escreveu, com lívida nomenclatura, a sobras das palavras perdidas, e cada cidade solitária foi gravando em seu corpo de anacoreta uma profunda talhadura.
Como um anjo antigo, o cachimbo sonhava em minha boca.
Como um barco silencioso, se perdia entre as torres negras.
À meia-noite, na penumbra, resplandecia sua brasa profunda; ao meio-dia, jazia quieto, imóvel, e seu grosso ventre da cor de raiz fóssil consolava o mundo.
Às vezes, encontrado de repente sobre uma mesa, em uma gaveta, sobre um armário, o cachimbo – na solidão do quarto – tinha um silêncio de outras idades, e sua tristeza era uma elegia de pedra que dormia entre as mãos.
Durante muito tempo caminhou comigo, até que ao final – ancião coxo e arruinado – perdeu totalmente o olhar diante das trevas do mar.
Tive que deixá-lo, e ali ficou sobre a areia, como uma religião abandonada.
Eu me perdi por um caminho onde as tardes caíam sobre a vida como as cinzas dos reis mortos.

O RAMO DE OURO

Brilhante e solitário como navalha de galo, amanhece o dia. Amanhece porém sem ninguém, com os lábios cortados na água já tingida de extensos arrebóis. A luz do sol que se levanta pega no corpo do esteiro, e a corrente por um instante é uma lâmina que ferve na carne viva mesclando reflexos de aço, saltos de tainhas e raios coloridos que enchem de incêndios as mãos e os olhos. Os manguezais, ainda com sombra da noite anterior, aparecem, negros nas raízes de braços múltiplos como chifres de boi enterrados com força no lodo, onde soam as conchas ao se fecharem. Em um extremo do bote jazem os cães estropiados com as entranhas de

fora. No curtido e áspero ventre dos alforjes, anda o bornal com o rango úmido pelo sereno da alvorada. Com o desvelo pintado nas caras, entre bocejos e baforadas, nos espreguiçamos. De vez em quando soa a palmada furiosa de alguém ao matar mosquitos. Já preparados, vamos esteiro adentro, lentos, a golpe de remo que parte a água em duas, afastando-nos das margens douradas. Passa um pescador e nos lança um grito – um alarido alto como um cutelo de luz – e nós respondemos com outro grito que pretende dizer que por aqui andamos. O pescoço do meio-dia resplandece em uma profusa degolação de azul e na metade do caminho vamos todos em silêncio, escutando apenas o som das pequenas ondas ao se desfazerem contra as costelas do bote.

QUARTO ESCURO

No quarto escuro, meus braços golpeiam como martelos de névoa contra o vento morto que vai me fazendo desaparecer, até que meu corpo desemboca na essência dolente de um fio de luz que foge pelo teto e rebenta em um profuso resmungo de astros sobre a cara do céu. Entro, então, em um inelutável quebranto de pássaros que bebem em meu sangue quando as secas ladeiras da alma me enchem de frescos e entristecidos lírios e a rochosa morte se arrasta sobre a pele do mundo com a sua angústia de espinhos. Grito no silêncio atroz como desbaratado em migalhas de sombra, entrevendo uma rua que jamais me internará para o mar, e que torce – o pó que a eterniza – para uma fila de brutais espadas que a protegem como árvores hirsutas. Eu me detenho e apalpo o malferido contorno de um anjo que com seus irascíveis olhos de água vermelha se petrifica ao meu lado, para que a garganta não seja partida em dois úmidos pedaços e o coração não me saia por esse buraco como um lenho aflitivo que chora na boca de um túnel. Depois, a caminho do esquecimento me ausento para sepultar minha cara sob as cinzas.

RIKKI DUCORNET (Estados Unidos, 1943)

[NAQUELA MESMA NOITE]

Naquela mesma noite, naquele momento na mais doce das tardes,
bem ali, do outro lado da rua, no gramado,
suspenso naquela árvore, naquela
cerca – ali – vês? (Tudo bem. Estou aqui contigo.)
Tudo chamuscado:
as escamas das cobras,
o pelo das onças,
seus olhos, os
ossos de suas patas, os
órgãos macios e propositais
sua beleza, oh!
A beleza das crianças!
Acontece rápido, um mundo reduzido a cascalho a vapor,
Um fedor que não nos pertence e ainda assim é nosso.
Vês? Ali?
O coração balançando em sua corda?

[COMO EM UM AEROPORTO]

Como em um aeroporto, no metrô, em uma rua da cidade, em uma cela de prisão, nas escadas da prisão, sob custódia; tudo começa em uma calçada ao lado de um parque da cidade.
E então um menino e todas as coisas ao seu redor vaporiza
Foi assim
Quando a língua foi cortada da garganta do mundo.
Nós nos escondíamos como baratas atrás dos vasos sanitários, mas não conseguíamos nos tornar pequenos o suficiente.
Dessa forma, traídos – como a criança –, escondidos atrás das cortinas, debaixo da cama, no fundo do armário, no porão, no vagão do trem, no sobretudo da mãe pendurado em um gancho. Parados ali, magros como um alfinete, pequenos como um grão de ar, envoltos no próprio corpo que, quando golpeado repetidamente, se parte.

[ELA DISSE]

Ela disse: Meu corpo é meu, veja.
Quero dizer, é sagrado, de alguma forma.
Mantenha uma distância respeitosa.
Ela disse: Eu não sou um animal.
Ele a ignorou, e após fazê-lo
galopou para longe feito um cavalo da cor de chumbo.
Ele tinha o rosto de uma cabra.
Branco como queijo.
Segundo as autoridades,
ela fechou os olhos.
A faca foi deixada deitada com a ponta afiada para cima,
ela pendurada por uns fios de cabelo.

ARMANDO ROMERO (Colômbia, 1944)

AS PEDRAS

As pedras... seguem falando aos que as escutam.

ANDRÉ BRETON

Não era caminho longo ou encruzilhada
marcas de caminhos que se vão com os passos
eram luz desde o canto da terra
pó que se faz mais e detido

O sol lhes vê até o coração escrito
sabe que precisam de sua história a todo momento
e na fileira de água que marca sua saída
elas são a cor e a substância

Suas formas mordem o mundo para semeá-lo
e o alimentam do prazer das imagens
ao ser pássaros no nó da planta
céu e nuvem em amor estacionário

Não deixam ali seu barro mas sim o mistério
de quando chegam as coisas e os murmúrios
e pintam uma flor de auxílios pelo chão
nessa sua pele açoitada de silêncios

A meter-se entre os olhos dizem
e já são cavalo imóvel sobre o deserto
olhar fixo no círculo do vale
reflexo e nudez do indício dos tempos

No mar de sua busca descem
como inúteis a pergunta e a resposta
assim nelas é gravado o signo que estremece
e permite ler todo o princípio

A ÁRVORE DIGITAL

Era um homem a quem lhe haviam enterrado a mão direita
Passava seus dias metido em uma peça vazia
Onde se sentava
Os pés contra o ângulo superior da janela
E sua mão esquerda sustentando um olho de boi
Pelo qual os rinocerontes
Enfiavam seu chifre
E faziam brilhar sua casca metálica

Ele havia decidido ser poeta
E passava o tempo todo falando da guerra
De tal modo
Que havia se descuidado de sua mão direita
Esta cresceu lenta e furiosamente
E sem que ele se desse conta
Atravessou o mundo de lado a lado

Quando as crianças da parte norte de Sumatra
Viram surgir uma árvore sem folhas e sem frutos
Correram espantadas a chamar seus pais
Estes vieram com suas grossas espadas
E cortaram a árvore pela raiz
Um líquido branco leitoso saiu da casca arrebentada

Desde então
O homem como um poeta
Sente uma dor terrível
Aguda
Em um lugar do corpo que não pode determinar

OS RINOCERONTES

Os rinocerontes foram deixados para o final da fila. Ninguém sabia onde metê-los. Todos fomos passando, um por um, pela estreita porta, porém eles não puderam entrar. Desceram a porta de suas dobradiças, porém nem mesmo assim. Retiraram o marco,

impossível. O que vamos fazer com os rinocerontes?, alguém perguntou. Não houve resposta. Era óbvio que não podíamos seguir em frente se não passavam os rinocerontes. Fazia calor no quarto e alguns começamos a nos sentir molestados. Os rinocerontes, ao sol, estavam quietos e pareciam não dar conta de nada. Eu então sugeri que os metêssemos pelo teto, "afinal de contas uma claraboia a mais não importa". E assim foi feito. Uma vez ali dentro, os rinocerontes olhavam para nós com rosto agradecido. Então nos fomos e os deixamos ali. Até aqui não foi inventado um bom método para retirar desse lugar os rinocerontes.

MANUEL RAMOS OTERO (1948-1990)

AQUI SOMOS NEGROS DO OMBRO ATÉ A FOME

É o luto inerente dos homens do medo.
As almas somos templos devastados.
As velas grossas são velas com olhos derretidos,
as últimas mulheres enterraram seus filhos em guitarras
e levaram seus velórios ao mar.
Que não se pense nunca que a guerra acabou!
Tanto remendo no fogo debilita a vida.
O que se quer é sangue que anoiteça a carne,
que as crianças aprendam qual faca esconde
a imagem da criança assassinada.
Antes de que os sonhos reboquem a noite,
penderemos colares de alho nos portões,
começarão as festas patronais do povoado,
a solidão terá seus hospitais
e amolaremos os caninos do Anjo.
Temos todo o tempo das ondas de paz.
Nossos soldados viram seus relógios de areia
nos novos lugares da desolação.
É Quarta-feira cada vez que a invasão aborta seus cadáveres.
Habitualmente somos. Sei que somos.
Arquitetos perfeitos do passado.
O jantar sempre serve os crepúsculos.
Os uniformes sempre engomados.
Inevitavelmente mofam os fuzis.
E sempre haverá café com pão para os heróis.

LEZAMA LIMA

Os números se embaralham somente
nesta ilha de fumo de palha, cigana vesga
do aborrecimento; os pássaros se odeiam desde o centro
quando o sol queima as feridas; é absoluto
este véu de prepúcios e pétalas e pingos de pele de crocodilo,
estamos os irmãos reunidos e sigo estando ausente

no destino para sempre vestido de viúva de peixes.
Os ossos se organizam debaixo da terra
para empreender o voo dos fogos,
ninguém melhor do que um morto mamará de minha seiva e minha
lenda
para poder retornar à ânfora;
nasci com a luz de minha mãe na cara
para dançar a dança de sua esfera,
minha noite é um sovaco cheiroso
para jamais esquecer a essência de seu espírito.
Molhei meus lábios com o leito do coco macio
e espero derreter sua tela virgem antes que aquele
banquete negro abra as portas do paraíso.
E se ao falar os figos apodrecem em meu pelo,
não é porque a alma foi cruel comigo.
Anjos lilases cruzaram o outeiro
podando velhas nuvens e presenteando rugas.
Os livros mais terríveis se tornaram pó inútil
e resta apenas um número, poeta, um círculos de braços calorosos
alimenta pisadas em teu túmulo para deixar no caroço tua fruta
de horizonte e fazer de ti um sacrifício de triângulos.

VIGÍLIA

Eu sou essa mulher que espera solitária
por qualquer convite ao pó que venha
pelo correio. Sou essa musa de turvos cafetões
com mesinhas redondas de tampa de fórmica.
O único jogo que conheço tem a estranha
luz do sêmen de segunda em um motel de espelhos
estragados. Eu me visto de preto para que ninguém
diga que a morte me pegou de surpresa.
E levo no olhar o ritual sem decoro
de toda bolerista caribenha: jamais envergonhada
dos talhos de moeda em cada veia, que umas
luvas de ópera e gaivotas camuflam.
Meu trago é um eterno aqui sempre estarei.
Minha pátria é um ziguezague sobre a névoa.
Devo ser Deus ou parecer ao menos que estou

petrificada neste templo, como uma jukebox
com aldravas, castrada pelos anjos do medo.
Não apenas sou... Eu me atrevo a ser
a doce mensageira de uma praga,
a poeta emplumada pela ira
e a pluma iracunda de outra história.
Eu sou a sem memória
e o destino tampouco me apressa.
Eu sempre estive aqui escondida,
sonhando minhas olheiras na letra.
Quando eu desaparecer lhes restará minha insônia
parodiando vigílias que não chegam.

CARLOS BARBARITO (Argentina, 1955)

SECO INSTRUMENTO AO FINAL DE TODA MAGIA

Acontece na hora precisa, entre chamas frias. Não é a morte de alguém, embora pareça. Um desmaio, a suspensão de toda atividade, a respiração interrompida por instante que dura séculos. O momentâneo final de todo amor e toda poesia.
Então não há ninguém. Porque ninguém puxa ou admira ou esmalta. Não existe interior para que a música o ocupe, ou exterior dominado por lástima ou fortuna. Não há perda ou ganho, porque não há nada para ser ganho ou perdido, tampouco absolvição, lâmpada acesa, aroma, encaixe.
Aquele que acaso seja testemunha disto não vê senão branco sobre branco, negro sobre negro, negação cem vezes mais pura em cujo fundo o silêncio se curva sobre si mesmo e esmaga uma ausência de desejo, pássaro.

MATÉRIA DESNUDA

A Juan Andralis

O que é esbanjado quando nada parece preencher a medida – a pergunta se abre e a porta, a única porta, se fecha. Nada, talvez, uma taça vazia, um verbo nascido oco e que não galopa. Parece que é tudo. Apenas isto e ao pé nenhuma rubrica. Mas então por que se apressa o ar em si mesmo e ascende? Por que as abelhas procuram ganhar espaços até as lavandas, as barragens, as manjeronas, as dálias? E a cabeça que, embora separada do tronco, se empenha em conter notícias de irradiações, chuvas inteiras e filtradas, sons de ave e acordeão, cintilações, essências, feitiços, carnavais e quaresmas?

MATÉRIA NEGRA

Chão seco, certamente consolidado. Os pés, segundo aparentam, seguros. Porém a trama não é tão confiável, o argumento não foi

concluído, com assinatura abaixo e registro em arquivo. A qualquer momento o chão pode ceder e com ir por terra o que se acredita afirmado, a salvo. Porque nada ou ninguém dura, ninguém ou nada sobrevive além de seu último dia, em uma hora que, embora desconhecida, acaba por chegar. Nem a pedra, nem a relva branda ou dura, nem o animal com crina ou o animal com cornos, nem aquela que agora abre a porta e se dispõe a varrer o piso, ou mesmo meus olhos que alguma vez viram um relâmpago em plena noite, breve e potente luz que atravessou o vidro da janela e refletiu em um copo, em um espelho.

LUIS FERNANDO CUARTAS (Colômbia, 1956)

FAZENDO UM PEIXE POÉTICO

O peixe não está na água. O peixe é de fumaça. Sai de minha boca. Eu o imagino. O degusto. Sinto que respira e anda. Este peixe que invento é meu jogo e minha palavra. No momento em que é feito é um peixe de ninguém. Sai, existe e se transforma. Pode ser tocado por ti se assistes a seu encanto. Dá pena que outros não o vejam, derrotam-no arrancando sua boca os seres taciturnos de calculada pontaria, exatos de razão e cegos para o mar da invenção. Não o veem. Não querem vê-lo. Descamam sua pele sem nascimento. Combatem-no com suas fórmulas pragmáticas. Talvez o menino e o poeta sejam amigos desse peixe: fazem com que ele viva no aquário de suas mentes. Levam-no a passear. Falam com ele. Guardam-no em sua caixa de mentiras. E o presenteiam para fabricar talismãs com a água do mistério.

ENTORSE

Falta cometer o equívoco para saber que somos da terra. A lua nos jogou ao chão. O próprio Li-Po conheceu a água fria em meio a sua entorse buscando a luz noturna em um arroio. Pálpebras inundadas de orvalho são pequenas lágrimas que saem quando alguém cai, porém o ser se ergue, manca por um momento, o tornozelo aumenta e a água dos olhos já se foi. A bicicleta, esses óculos a cavalo, que leem ruas e se espatifam contra o poema convertido em muro. Tudo é veloz, uma piscada, uma rua, é o caso de descer da máquina e em seguida dobrar o pé, certo desequilíbrio que é a dúvida, uma dor que é certeza e um esquecimento que é a única coisa que cura. Todos nós temos nossa entorse, a torcedura da vida, o pé mal apoiado no piso já movido, a arte de um desamor que nos move para o lado débil por onde se gasta o corpo. Todos somos uma entorse, trema o corpo após amar imensamente, cambaleie as pernas após subir milhares de ladeiras, cai o mais sólido, o perene se derrete. Mas depois de tudo seguiremos a rota que nos outorga o grande desejo, a leveza e a sensação de estar vivos com a bicicleta do poema como uma mascote urbana que nos ajuda a ler a sorte em cada esquina.

RETRATO DOS ESTULTOS

Sermões vão e vêm sobre a precariedade da ordem cósmica
Tufo de bufões que fazem alarde de uma flecha invisível que nos conduz até o inferno
Clara impostura de uma rêmora de peixes parasitas e de estorvos sobre o montão de puas
Algo impede que o mescal esteja fluindo
Algo debilita a sabedoria das salamandras
São os estultos de extensas veias fervidas, gozadores que ficam estáticos decorando uma pílula de potássio
E uma canção de ninar para sedar os babosos agônicos de arsênico
Costumam escavar sobre chapas de ferro, leem ao contrário o alfabeto, com uma dislexia presidencial hereditária,
Observam pela ponta do revólver com o dedo no gatilho e bocejam entediados com a leitura de um poema.
Estultos existem em exercício sacerdotal e dão conselhos sobre a hecatombe brutal dos acentos enquanto absolvem um capanga de ofício com crachá de santidade
Estultos nos bancos e se tornam os que não olham o envelope de cobrança de uma angústia, porém fervem de ira quando as pirâmides da riqueza são de uma maquinaria matemática que jamais poderiam compreender.
Estultos de roupas de etiqueta, bramem, interrogam, são a inteligência investigativa, os sábios conselheiros de mandatários desmiolados. A estupidez com cara de anjo
Ou a soberba em pele de cordeiro convertido em estanho, níquel, mesquinhez comercial e um diploma vendido em leilão de uma universidade sem nome.
Estultos bocejantes,
Rimbaud os viu nas poltronas das bibliotecas, paquidérmicos serenos, apenas abulia...
Artaud os conhecia nas overdoses das drogas psiquiátricas.
Edith Piaf vomitava ouro nas janelas e lhes fazia sentir que sua voz melancólica e profana era para não deixá-los dormir.
Nero foi um estulto poeta bufo com coroa de imperador sanguinolento, enquanto os Bush são granjeiros bêbados, veem petróleo até na sopa

E são estultos nas coordenadas entre a política e a mística.
O retrato dos estultos não é uma afronta contra a idiotice,
Glucksmann sabia que por trás desse estado existe uma dúvida arbitrária.
Um pós-modernismo enrugado e um estado de alerta camuflado,
são os estultos os que nem fermentam nem fazem ciência.
Simples lagartas cansadas que bendizem, predicam e espirram.
Silvia Plath cruzava a água e inalava o gás doméstico para não cruzar com a própria sombra, em cada letra sua havia um combate contra a secura espiritual que a tudo dessangra.
Virginia Wolf preferiu um abrigo repleto de pedras e as águas de um rio do que ficar estática contemplando o passo do tempo da mísera sacada da bobagem vitoriana.
Oscar Dominguez busca a petrificação do tempo ao lado do poema e se suicida cortando as veias na festa de uma amiga,
certamente nada estulto, é O Touro moribundo, nada abrupto,
é o cristal anguloso da liberdade contra o sedentarismo estéril.
Estultos, escondam a cabeça...

Outros olhos fitam agora o sonho sem piscar...

BEATRIZ HAUSNER (Chile, 1958)

GÊMEO POÉTICO

Dispersa-me na chuva ou na fumaça das torrentes que passam
Nas margens da noite em que nos encontramos

CÉSAR MORO

Homem de dissidentes, filho adotivo
de rainhas mouras, escrevia
mantras de amor com sal na língua,
ondas de saliva quebrando contra a sua
última casa que se estende
pelas rochas de uma costa cruel.

Homem dos tormentos do sexo impetuoso
oferece-me a sua canção
diamantes que rebentam
no meu ouvido onde
ressoa a terra do norte.

Amor às sextas-feiras, mas não
às terças-feiras, os estados desunidos
das Américas
cultivam asas para o amante dos
homens ideais, sempre por chegar,
conspiradores de elegância francesa
ao seu serviço, penetrando
na sua Lima umbilical
de névoa e amargura.

Ele abre a porta,
lança sua carranca para a minha
para que possamos tomar um gole
da vida escandalosa
e do nada surgem quartos
onde seus homens e os meus
balançam em lustres

como estranhas criaturas marinhas
gemendo de prazer.

Meu gêmeo que é
carne, que é luxúria,
que é língua.

VOZES DO ALÉM

Para Ludwig Zeller

Os tibetanos entram no
Bar dos Apóstolos
onde o amor é feito
às quartas-feiras e
não às terças-feiras.

O coração treme:
Um carro mais rápido
que a carruagem de Elias
está se aproximando, está se aproximando de mim
enquanto o amor flui
de seus dedos como estrelas
cantarolando sua música

no fundo A orelha retém
o eco dos reis jamaicanos
legítima aristocracia
fabricantes desses quadris
que se balançam ao som de Vinicius de Moraes
músicas que vão enterrar
as mãos do esquecimento.

ÚLTIMO MARTINI

amo o amor às terças
contigo cavalgando

pelas fortalezas de
vidro erguendo-se das vastas
extensões de cimento para vagar
com meu coração ao entardecer

amo a fúria de não te possuir
Silencioso Apóstolo de elixires
agora no bar me ofertas
frutas batidas no álcool
cortando fundo o prazer entre
tuas pernas o mundo começa.

amo um amor de galhos grossos
quando capilariza meu sangue
até o teu coração com
toda espécie de gomos como
lágrimas de prazer longos goles
conforme conjuro a tua cabeça
com crina de cabelos como
estrelas subindo as paredes

Arrancando os teus cabelos
subo lentamente até os lábios
minha língua fantasma roça
teus dentes quando
sorris puxo a tua cabeça
para trás enquanto monto nossos ossos
que reluzem contra a escuridão
correndo decorada com
calçados suspensos e
toda sorte de motivos de
aventureiros que andam sem
outro objetivo senão o amor dos campos
de constelações de relva teu peito
e a chuva lentamente caindo devolvendo
para mim o teu reino de chamas.

EUGENIO CASTRO (Espanha, 1959-2024)

[SAÚDA-ME LUGAR]

Saúda-me lugar
Cruzo teu sorriso
E a pelagem rubra

Um campo de claridade
Uma morte a menos

Ali se vê
Ali se ergue

Tal estrondo
Advém na hora
Como dorme
A umidade o corvo

A mica quente
No negrume
Quente

E ao mar meu sêmen
Sobre a relva meu sêmen

Que anjo em campo aberto
Roto de brancura

Sangue rápido
Esta sombra
Amplia

Algo se entrega
Cresce:

Ao rosto
Ao rosto
Ao rosto

Uma fidelidade sem gesto

Batismo de noite
De quatro isentos
E um golpe Atlântico
Nos olhos

Todo alívio a chuva
De canto o vento
Ri como alvorada

Ah sua rachadura!
Sua água!
O cabo!

A escuridão ensaia um ramo
O céu expulsa
Seus náufragos

[NA SEGUNDA NOITE]

Na segunda noite
os sóis nasceram dos olhos dos lobos,
entre as falhas do bosque
onde habitam homens virados pelo revés
porque nasceram com os pés
orientados pelas noites de plenilúnio,
na solidão essencial
e na hora em que o coração incorporou
sua respiração às tormentas,
durante a lua cinco,
quando os sortilégios da noite
deixaram viúvo o dia.

Viste no mais fundo de teus olhos
a coruja-estrela
carteiro de minha noite.

E o bosque-olho
para os que dormem o sono-lobo.

À uma-lua
falará o que vê pela íris do trovão
para dizer a noite nova,
a noite das transparências,
sempre por inventar.

[SOMENTE SE OU OUVE O AUXÍLIO DO SILÊNCIO]

Somente se ouve o auxílio do silêncio,
exangue nas dependências da vida lateral.
Porém o grito do sangue se dá lá fora
e oferta sua luz ao dia.

Malferido, o silêncio se manifesta
nas costelas que rangem,
rotas como o ar por uma violência técnica.

Denso redobrado de uma mesma vastidão,
o silêncio se propaga na corrente do tremor,
remontando à velocidade que rasga a escura
membrana do aturdimento,
sonolência sem tempo que ascende
e solta suas miragens.

O que profere sua voz abundante,
como uma amplitude de céu,
amplifica o silêncio.
Porém, o que comove o corpo do silêncio
e o aproxima de sua queda?
Olhando para baixo,
na parte alta da luz,
é possível ver sua costela como um oceano sedimentado
em que relampeja. Por sua parede sobe um lagarto
que lança sua língua ao ar e o parte em dois.
O homem se aproxima dessa sombra dupla
e lhe cede seu corpo, que o acolhe e semeia em seu espinhaço

uma semente de relva fresca.
Aviso de emboscada,
esta cresta ritualiza a vegetalização do silêncio
e vertebra um andar aborígene.

O silêncio não é inofensivo,
sua violência é um derrame de confim.
Remonta e erode. Modela um sonho
à imagem do repouso. *Ali* também discorre,
embrulhado no paroxismo da luz meridional,
quando a terra estoura de lustre
e destina sua vapor cristalizado
para os olhos anteriores aos seus.

O que assim emana é um humor
que dilata as veias da própria mudez,
adere a seu caudal e aclara sua garganta
para tornar mais perfeito seu grito,
um hálito bestial que expulsa sua salina substância
e que o homem aloja em suas pupilas
para uma mais serena degustação do medo.

A baba do assombro encharca as terras do silêncio e o enlameia.
Daí se extrai o pigmento do próprio embelezamento,
que ilumina o rosto com as cores de uma queimadura
de vento, de água, de areia.

Tomo a saliva do silêncio e a enegreço.
Em mim ela possuiu sua origem,
de quando dormia nas pedras
e o sonho remontava até o físico.
Por essa pendente sobe, como asfixia e voluptuoso,
ocupando.

Enquanto isto a claridade persiste e se derrama.
Emana desde o lugar não falado.
Lá fora a luz tem gosto de sal.
A serpente ondula os baixios do vento.
A jaraiúva cuida de sua luz amarela.
Nada rompe o diálogo do seixo com a mão sonhada.

O silêncio não oculta nem sua graça nem sua gravidade,
espiralado no redemoinho que sobe
e edifica sua violência.

ENRIQUE DE SANTIAGO (Chile, 1961)

A VERTICALIDADE SURPREENDIDA

O alento criador do bosque
submerso sob teu nome
com seus descendentes etéreos
de plumagem embalada pelo vento
em suas esquecidas vozes setentrionais
mãe do desejo
e da rebeldia
maré curadora da argila
em esporádicas notas aladas
com lágrimas das cavernas
que dão esquecimento à ferida no sonho.

O IMINENTE FULGOR NA JANELA

Falo contigo do centro de minha existência,
de onde é possível ver a paisagem antiga de minha alma,
essa que mostra que as aves visitaram suas zonas
deixando profusos rastros de plumas.

Sou o homem que armazena e resgata as fragrâncias do princípio,
para assim recordar-lhe os cheiros extraviados tanto no presente
quanto naquele tempo esquecido do éter.

Tantos anos se passaram desde aquela época,
que cheguei a ser a soma de todas essas cargas ósseas.

Um dia, sobre nossos suores, fomos silenciosa multidão astral,
dirigindo-nos ao centro de duas causas comuns,
para então conhecer a essência das áreas insignes do desejo,
aquelas que se estenderam generosas, em tua geografia desnuda
daquele ano quando caí em ti por surpresa.

Hoje tudo ascende com pavor alterando o signo,

é aí onde aprendi sobre as horas verticais e áridas que se oferecem
    sem clausura,
sem névoa debandada que as mortifique,
sem alturas ou precipícios,
apenas com a suave superfície de teus riscos florais,
fazendo-me chamar por teu nome;
acaso albergado pela noite e a pressa oculta que blasfema,
selvagem condição que após bambolinas,
aguarda com suas enormes ofertas celestes e extensos
    pandemônios que martelam com persistência o lábio insone,
assim estendes a permanência,
a qual alentas com teus halos urbanos,
imprevistos e tíbios nas ondas transcendentes e sonoras,
como a estridência de teu beijo.

DESASSISTÊNCIA DO DESEJO NEGADO

Desde a oceânica densidade do beijo de Urano
ela trouxe essa umidade que se precipita por suas pernas
que são alvas e compridas,
como pilares que refugiam a metáfora furtiva, que aparece
na noite do mistério,
lubrificada e invisível nomenclatura que em princípio desafia até
    mesmo
o gemido breve...
desde onde se curva a diretriz do raio,
para posteriormente imitar a serpente antiga
com extensas vogais
e assim abrir sua luz profunda de obscuro aspecto,
segundo o desígnio da máscara imersa no solstício
por isto dá-me a noite neste tempo, eu te digo em voz baixa
ou melhor dá-me o tempo neste noite, já que parece mais insensato
e assim atrasar toda a presença de asas mecânicas
pois cada perigo amanhece com o dia
podendo negar o prazer que me abraça em chamas
quando afundo nas gargantas do delírio
sem repouso
insistente porém arrítmico
como se a vida se extinguisse

e então eu me imagino simultâneo
sobre a tua superfície envernizada pelo desejo
quando a tua pele em uma espécie de bioluminescência
brilha sob a influxo de um feitiço calcário.

AASE BERG (Suécia, 1967)

[ESTOU]

Estou
dentro de ti
Onde ninguém esperava
Loucasingapura
Agachada na
tempestade
filipina
gata-suave de
toxoplasma
sexoesquizoide
Endorforia
nunca mata
seu mundo-hóspede

O ESCURO TRISTE

Agora esperei aqui por ti, nas noites de Dovre. Agora estou esperando que o tempo do espaço caia sobre mim. Nessas noites de trovão ficarias ao meu lado. Sussurrarias meu nome ao meu lado. Eu raramente te ouviria. Uma manhã eu ouviria.

Agora estou esperando aqui nas noites profundas de Dovre. Deixei cair pedras frias no abismo azul. Procurei lidar com metal. Passei pela granulação do rosto. Eu te procurei com meus dedos nas cinzas do rosto. Penas ensanguentadas saíram da minha mão e arrastei barbatanas escuras pela água.

Uma manhã eu te ouviria. O receptor foi esticado e ampliado. Eu ouviria as tuas ondas quebrando. Sentiria o coração gritar, ouviria o cenário sendo despejado de ti. De onde vieste a carne de Dovre para brilhar através de mim. Onde vieste tremendo e te curvaste sobre sua mancha.

NO MOINHO DE ARDÓSIA EM DOVRE

Manobrar o corpo sobre armadilhas profundas, sobre buracos cheios de água e poços abertos, sobre o pelo molhado do animal com terror nas costas. Galhos afiados batem e espalham manchas de sangue na pele dos meus dedos, meu rosto de esmalte azul contra fibras nuas de urtiga. Do outro lado da fundição, na beira do lago turvo, vejo Zachris chegando muito perto do poço. Aproximo-me da cabeça, apesar das correntes baterem com metal fosco na rádula febril. Aqui, uma fronteira subterrânea clara atravessa uma passagem de fístula em direção ao Mare Imbrium. Eu exploro a ligação muscular contra as máquinas que batem na ferida. Que mal pode acontecer contigo, que mal pode acontecer contigo aqui perto de águas pesadas. Na forja, os trilhos doloridos do Daudekören gritam contra espetos afiados. Bastonetes de quitina, pórfiros, cristais de carbono frio. E minhas mãos rígidas em concha, e minhas mãos rígidas em concha na superfície de teu crânio negro.

KRISTA FRANKLIN (Estados Unidos, 1970)

O FUTURO É NEGRO COMO UM BOLSO

A caligrafia está na parede
uma mancha branca na face do céu
uma mancha branca
        uma mancha de giz branco em um céu de quadro negro
um sangramento escuro que corrói tudo.
Seja honesto. No escuro
todos nós parecemos iguais,
        certo? Asa de uma águia americana
                piscando de volta mini traços
        no olho, abertura, estroboscópio
                luz. Olha:

Sempre tem alguma coisa no canto.
Do olho, do quarto, uma pequena lasca
de algo desagradável. Algumas mulheres
volta preto invadido
        pelo gotejamento de carvão (aperto) arrebatado
no punho
        pelo punho de ferro doente
sobrescrito da história
        páginas. É difícil
                até mesmo para ver
que ainda está aqui.

TODOS OS DIAS, EM TODO O MUNDO, UMA MULHER É ATRAÍDA PARA O AZUL

Todo dia um pouco de marrom
mulher se banha em azul escuro,
uma loucura que rasteja para cima
do chão dela e flui
por todo lado. Eu deveria
sabe, por meses engolido
não machucado de mim mesmo

estendendo a mão para segurar minha mão.
O sol continua a escovar
luz laranja intermitentemente
em todos os lugares, apesar do íntimo
aniquilações, este mar choroso.
Há manhãs em que acordo
e me questionou, por quê? Mais tarde, vagando
as passarelas, em busca
de algo para preencher o buraco
em mim vejo uma princesa fada
flutuando, sua mãe de pernas cruzadas
com uma placa de papelão dizendo:
Ajude-me a alimentar meus filhos.
Isso me lembra. A terra ainda está
girando em seu eixo antigo,
as pegas grasnam e se reúnem
na árvore do lado de fora da minha porta de tela.
As abelhas, frenéticas e preocupadas,
continue a zumbir em meus ouvidos,
luz em meus dedos, seus corpos minúsculos
polvilhado com verga-de-ouro moribunda,
eles, e as asas de plástico rígido
de fadas de cinco anos me chamam
das sirenes do meu próprio laço azul.

SEM TÍTULO (BLUES)

Piscina índigo, cor das asas
do maior exemplar capturado
em vidro no meu segundo quarto, aquele
iridescente, incandescente, uma palavra
Eu queria que todo negro soubesse. Não demora muito
de volta, minha sombra me abraçou por tanto tempo
Eu pensei que era Narciso, tirei
profundamente em meu próprio blues, uma lama
obra prima. Todos os dias, bebemos
dos tanques de veneno uns dos outros, crus
prendendo a respiração entre nós.
Esta mulher não é diferente. Veja:

seu olhar mergulhou no eco, no meio
espectro noturno olhando para trás, preto.
Uma vez, uma bruxa tentou me segurar para fazer
só Deus sabe, eu tirei todos os coelhos
do meu chapéu, minha avó falou-se
em mim. Na verdade, é fácil ser pego
num hematoma, a dor surda de tudo
ao longo dos últimos três anos, o relógio
balançando o ponteiro de segunda mão ainda cavando mais
sepulturas.
Ouça. Neste ponto, estamos envergonhados como Adão,
corrida desamparada dos campos do Éden,
hipnotizados pelo nosso próprio abismo azul profundo.

RODRIGO HERNÁNDEZ PICEROS (Chile, 1974-2019)

[OS PASSOS FURIOSOS]

Os passos furiosos do condenado ao inferno
O sangue envolto em uma garrafa de nácar
Imperatrizes assassinadas por seu próprio prazer
A água que cai pelos conflitos da cidade irreal
Transtornando seus passageiros com baforadas de rum
As bochechas acabadas pelo frio
Um frio que não é deste século
E como podes ver aqui estão as armas e o conjuro
Um conjuro escondido na boca de uma mulher muda
Muda cujo delírio é semear o mar de folhas soltas
Até que a noite se grude em suas costas
E os rastros se percam como sua cabeleira
Os sinos encontram um motivo para o suicídio
Os olhos destroçados após tanta pedra
E um cão que late para a sombra de uma árvore
Para romper as vértebras da paz.

[SENTADAS MURMURANDO SEUS PENSAMENTOS]

Sentadas murmurando seus pensamentos em plena festa
As cidades passam envoltas em fogo
Em seus trajes de indiferença sob o sonho da papoula
Enquanto cravos espetados na ponta dos dormentes
Dobram a esquina conjugada a caminho do passado interior
Para extrair os caminhos opostos do aeroporto mais próximo
Certos suplentes vigiam a porta de entrada
Convertendo-se em peixes que alimentam os delírios
De um pintor decapitado no século XIX
Cujas raízes e cores se deixam entrever nos trigos da velha Irlanda
As câmaras nos palácios imitam a dormida dos mortos
Uma nuvem desce para ensinar o sopro de Deus
As almofadas giram fazendo ruído com as vogais

No subterrâneo se oculta a palpitação de uma mulher
Que desencadeia jogos proibidos pela sociedade deserta
A festa e seus pensamentos passam nesta noite branca
E os pensamentos da festa são três:
Dormir até o próximo equinócio.

[PERECE O TEMPO SUBMERSO]

Perece o tempo submerso entre tanto espaço
Perecem as carícias deixando marcas na eternidade
Perece o ouvido do notívago diante de todas essas ilusões
Em um simulacro semelhante à extinção das espécies
Infartos criados pelo olho de uma colagem
Descobrem mansões recuperadas da luz
Enquanto o eco do sol é uma peça-chave no xadrez
Uma rosa cravada no coração do infinito proclama sua arte poética
Poética que não é mais do que sacar um verso após outro
Como um zumbido de anjos levando às costas o último dilúvio
Perecem as gôndolas e os hipopótamos sob o rosto de Cristo
Perece toda classe de ideologias sem fim
Perece a rota dos navegantes do polo sul
Há toda uma fauna repleta de eletricidade
Motivos encobertos no absoluto da história
Por onde descem camelos sem seus desertos
E a fisionomia da paisagem é cada dia mais estéril
Nesse agônico porvir se entrecruzam os corpos
Para galopar as naves de fogo na intimidade de uma onda.

ANA MENDOZA (Venezuela, 1974)

DAS PRAIAS SURDAS

A beleza convulsiva terá de ser erótico-velada,
explodente-fixa, mágico-circunstancial,
ou não será beleza.

ANDRÉ BRETON

...no lugar onde as horas marcam
com agulhas sobre a pele
Acupuntura o tempo surdo de olhos
docilmente por instinto sopra ao ouvido
tambor de água vaivém de seus latejos
respira de todos os meus eus como uma lenda
que ressoa sobre pedras de proa

Às vezes me sinto triste
e outras vezes também.

Como um riso fragmentado
sou toda a tristeza morta vivendo em mim
uma e mil formas mais
dobram a ternura do espelho
quase obscuro em redondeza
reconhece meu corpo de órbitas e círculos
rochas e quedas que seduzem vulcões
áridos de tanta luz
eu me torno fogo e magma contra a morte
mulher de todos os dias minhas mãos se alargam
para lhe alcançar na distância da manhã
me apego e resisto
as árvores de ramos conscientes
me sujeitam com aroma do sexo perfurando
descendente, sobrevoo a imensidão
canto de boca por onde fecham seus lábios.

No ar sem nenhum final

calada como se flutuasse
não há ilhas, não há vida, não há terra
apenas espaço das esperanças
viciado de clara luz
de estrelas.

UMA MULHER E UM HOMAM 100 ANOS ANTES DE SER

Uma mulher e um homem nasceram de um imaculado luminoso branco
uma mulher e um homem contemplando seus rostos sem memória
cobiçam suas almas de um leve fulgor de sorrisos e trevas
uma mulher nua de pé e alada pousa nas cavernas
do sonho do amante desperto
um homem que dorme abre os olhos e vê todos os astros
nos olhos desertos daquela mulher que dorme com ele
escuta o eco fatigado de sua respiração pulsando
suas mãos se alcançam à distância dos quilômetros
uma mulher e um homem se beijam torpes pausados desesperados
correm sobre a paixão dos lábios e os poros preenchidos de fogo
as chamas e as velas com uma intensidade de centenas de cavalos selvagens
uma mulher de seda e asas desliza no ar e voa
um homem mais belo que a noite do milagre nasce
e se ilumina uma e outra vez perpetuando o sonho, penetrando o sangue
uma mulher e um homem que rebentam e ardem caminham de mãos dadas
sobre os corpos calcinando tudo a seu passo sem tempo
...Fecha os olhos e respira seu cheiro de madeira e flor.

A HISTÓRIA DE UMA LEVE MORTE

Em um confuso buraco
dentro de uma parede que vibra
vive uma morte triste.
Sua exasperada pergunta
é uma travessia agonizante

ela é apenas uma morte qualquer.
Cansa de ser vertente de olhos
úmida lambe as botas das bailarinas
de um café secreto sob suas camas.
Quer a todo custo viver
vive às escondidas com medo
tem por proibição
jamais aproximar-se da margem.
O suicídio não é uma porta
floresce no amanhecer muda
com um silêncio e um riso de penumbra
vai fazendo um sulco pelo caminho
iludindo o abismo
aproxima-se por uma das janelas
de memória mais recôndita
que sempre assedia os homens
para que creiam na palavra paz.

ANGYE GAONA (Colômbia, 1980)

PEQUEÑO ARDIL

Não te esqueças de teu guardião.

RENÉ DAUMAL

Protege-me de ti,
grande silêncio leve que habitas muito além da sombra,
entre os tumultos do zimbro e as mentiras sábias.

Protege-me de meu vento contrário
pois a brisa deixo de ser tua mensageira de pureza.

O que trarás, o que oferecerás,
aquém das sombras,
em um tempo de desaparecimentos,
quando as cabeças retornam separadas
indagando descrentes
se não deixaram algum segredo sob a língua.

Eu te escuto, oh Guardião,
porém não alcanço teu claro diadema de espiões sortilégios,
pois não pertences a este lado da sombra,
onde acaso eu possa te confundir com um bêbado no meio da rua.

JORDÃO SOBE

Um ser que aos demais parece louco é um ser que abre caminhos
na pedra
Quem veio fundar este povoado no fundo do canhão pode parecer
um louco
Há povoações repletas de dementes e mesmo assim ali se instalam
hotéis
Há constância de que a gente sobe e desce pelo caminho até
enlouquecer

Loucos os que descem e sobem os riscos com o sol perpendicular
ao rosto, sim
A capa passo eles herdam o verão
Loucos os que afogam vestidos novos na piscina quando passam
turistas, sim
A liberdade alista sua aspereza

NINHO DE FALHAS

Aqui estou acampado no centro do fogo, mão imensa remexe a donzela que amassa dons sobre meu destino, comovendo-o de imagens eternas.

HUMBERTO DÍAZ-CASANUEVA

Haverá um motim ao norte e no centro temem a fratura anunciada pelos oráculos.

A zona radical ocupa prestidigitadores de todas as profissões. A tradição fala com terror das revoluções futuras. A região exige ser apaziguada antes que surjam as fumaças vulcânicas.

A profecia anuncia a fragmentação do país. Por este lado se abrirá a terra. Alguns a tomam literalmente; outros pensam que é uma questão política. O certo é que a força já não servirá para centralizar o território porque será desintegrada à força.

É natural então que todo movimento no norte alerte a diretoria central. Os filhos de Rionegro, os filhos do Playón e os filhos de Mogotes, os do Socorro, nascem com um rugido ao invés de canto. Um bramido os antecipa a voz em sua natureza.

Os do centro presumem que conhecem a ferida que parte em duas a nação e o lamentam em segredo por centenas de anos. Contra eles se armam e socorrem as vítimas em público. Porém, até agora, ninguém sabe com certeza o que se passa a 150 quilômetros da superfície radical.

Especula-se que tudo esteja relacionado com a energia sísmica e que em um ninho de falhas nascem exércitos rebeldes engendrados por vulcões adormecidos.

SOBRE O TRADUTOR/ORGANIZADOR



FLORIANO MARTINS (Fortaleza, 1957). Poeta, editor, dramaturgo, ensaísta, artista plástico e tradutor. Criou em 1999 a *Agulha Revista de Cultura*. Coordenou (2005-2010) a coleção "Ponte Velha" de autores portugueses da Escrituras Editora (São Paulo). Curador do projeto "Atlas Lírico da América Hispânica", da revista *Acrobata*. Esteve presente em festivais de poesia realizados em países como Bolívia, Chile, Colômbia, Costa Rica, República Dominicana, El Salvador, Equador, Espanha, México, Nicarágua, Panamá, Portugal e Venezuela. Curador da Bienal Internacional do Livro do Ceará (Brasil, 2008), e membro do júri do Prêmio Casa das Américas (Cuba, 2009), foi professor convidado da Universidade de Cincinnati (Ohio, Estados Unidos, 2010). Tradutor de livros de César Moro, Federico García Lorca, Guillermo Cabrera Infante, Vicente Huidobro, Hans Arp, Juan Calzadilla, Enrique Molina, Jorge Luis Borges, Aldo Pellegrini e Pablo Antonio Cuadra. Entre seus livros mais recentes se destacam *Un poco más de surrealismo no hará ningún daño a la realidad* (ensaio, México, 2015), *O iluminismo é uma baleia* (teatro, Brasil, em parceria com Zuca Sardan, 2016), *Antes que a árvore se feche* (poesia completa, Brasil, 2020), *Naufrágios do tempo* (novela, com Berta Lucía Estrada, 2020), *Las mujeres desaparecidas* (poesia, Chile, 2021) e *Sombras no jardim* (prosa poética, Brasil, 2023).

ÍNDICE

Pequena urna de sombras (apresentação)

MINA LOY (Inglaterra, 1882-1966)
EMMY HENNINGS (Alemanha, 1885-1948)
HANS ARP (Alemanha, 1886-1966)
MAURICE BLANCHARD (França, 1890-1960)
JOSEP VICENÇ FOIX (Espanha, 1894-1987)
JUAN LARREA (Espanha, 1895-1980)
PAUL ÉLUARD (França, 1895-1952)
PAUL NOUGÉ (Bélgica, 1895-1967)
ANDRÉ BRETON (França, 1896-1966)
ANTONIN ARTAUD (França, 1896-1948)
NANCY CUNARD (Inglaterra, 1896-1965)
TRISTAN TZARA (Romênia, 1896-1963)
AGUSTÍN ESPINOZA (Espanha, 1897-1939)
GEORGES BATAILLE (França, 1897-1962)
IRIS TREE (Inglaterra, 1897-1968)
LOUIS ARAGON (França, 1897-1982)
PHILIPPE SOUPAULT (França, 1897-1990)
KAY SAGE (Estados Unidos, 1898-1963)
LISE DEHARME (França, 1898-1980)
BENJAMIN PÉRET (FRANÇA, 1899-1959)
ROBERT DESNOS (França, 1900-1945)
LUIS BUÑUEL (Espanha, 1900-1983)
ROSAMEL DEL VALLE (Chile, 1901-1965)
ANDREAS EMBIRIKOS (Grécia, 1901-1975)
LUIS CARDOZA Y ARAGÓN (Guatemala, 1901-1992)
MALCOLM DE CHAZAL (Ilhas Maurício, 1902-1981)
KITASONO KATUE (Japão, 1902-1978)
ALDO PELLEGRINI (Argentina, 1903-1973)
CÉSAR MORO (Peru, 1903-1956)
ALICE RAHON (França, 1904-1987)
JOSÉ MARÍA HINOJOSA (Espanha, 1904-1936)
SALVADOR DALÍ (Espanha, 1904-1989)
VLADIMIR HOLAN (República Tcheca, 1905-1980)
EMILIE GLEN (Estados Unidos, 1906-1995)
ITHELL COLQUHOUN (Índia, 1906-1988)
RENE CHAR (França, 1907-1988)
NIKOLAS KALAS (Grécia, 1907-1988)
RENE DAUMAL (França, 1908-1944)
JUAN JOSÉ CESELLI (Argentina, 1909-1982)

PIERRE UNIK (França, 1909-1945)
ENRIQUE MOLINA (Argentina, 1910-1997)
NIKOS GATSOS (Grécia, 1911-1992)
ODYSSEAS ELYTIS (Grécia, 1911-1996)
EMILIO ADOLFO WESTPHALEN (Peru, 1911-2001)
EUGENIO GRANELL (Espanha, 1912-2001)
GHÉRASIM LUCA (Romênia, 1913-1994)
AIMÉ CÉSAIRE (Martinica, 1913-2008)
GEORGES HENEIN (Egito, 1914-1973)
MATSI CHATZILAZAROU (Grécia, 1914-1987)
KANSUKE YAMAMOTO (Japão, 1914-1987)
RUTH STONE (Estados Unidos, 1915-2011)
ENRIQUE GÓMEZ-CORREA (Chile, 1915-1995)
GELLU NAUM (Romênia, 1915-2001)
JUAN EDUARDO CIRLOT (Espanha, 1916-1973)
GISELE PRASSINOS (Turquia, 1920-2015)
OLGA OROZCO (Argentina, 1920-1999)
PAUL CELAN (Romênia, 1920-1970)
FREDDY GATÓN ARCE (República Dominicana, 1920-1994)
JULIA HARTWIG (Polônia, 1921-2017)
MARÍA MELECK VIVANCO (Argentina, 1921-2010)
MAX HARRIS (Austrália, 1921-1995)
RADOVAN IVSIC (Croácia, 1921-2009)
JUAN SÁNCHEZ PELÁEZ (Venezuela, 1922-2003)
ENRIQUE ROSENBLATT (Chile, 1922-2009)
JORGE CÁCERES (Chile, 1923-1949)
JUAN ANTONIO VASCO (Argentina, 1924-1984)
NINA CASSIAN (Romênia, 1924-2014)
JORGE GAITÁN DURÁN (Colômbia, 1924-1962)
MARIANNE VAN HIRTUM (Bélgica, 1925-1988)
GINA PELLÓN (Cuba, 1926-2014)
BLANCA VARELA (Peru, 1926-2009)
FRANCISCO MADARIAGA (Argentina, 1927-2001)
LUDWIG ZELLER (Chile, 1927-2019)
THÉRÈSE RENAUD (Canadá, 1927-2005)
CARMEN BRUNA (Argentina, 1928-2014)
MANUEL SCORZA (Peru, 1928-1983)
JOYCE MANSOUR (Inglaterra, 1928-1986)
JOSÉ LIRA SOSA (Venezuela, 1930-1996)
JEAN-PIERRE DUPREY (França, 1930-1959)
MIGUEL ÁNGEL BUSTOS (Argentina, 1932-1976)
CARLOS M. LUIS (Cuba, 1932-2013)
JAYNE CORTEZ (Estados Unidos, 1934-2012)
JORGE CAMACHO (Cuba, 1934-2011)

ARNOST BUDIK (República Checa, 1936)
ALEJANDRA PIZARNIK (Argentina, 1936-1972)
APARICIO VIGNOLI (Uruguai, 1937)
FRANCISCO VALLE (Nicarágua, 1942)
RIKKI DUCORNET (Estados Unidos, 1943)
ARMANDO ROMERO (Colômbia, 1944)
MANUEL RAMOS OTERO (1948-1990)
CARLOS BARBARITO (Argentina, 1955)
LUIS FERNANDO CUARTAS (Colômbia, 1956)
BEATRIZ HAUSNER (Chile, 1958)
EUGENIO CASTRO (Espanha, 1959-2024)
ENRIQUE DE SANTIAGO (Chile, 1961)
AASE BERG (Suécia, 1967)
KRISTA FRANKLIN (Estados Unidos, 1970)
RODRIGO HERNÁNDEZ PICEROS (Chile, 1974-2019)
ANA MENDOZA (Venezuela, 1974)
ANGYE GAONA (Colômbia, 1980)

Sobre o tradutor/organizador



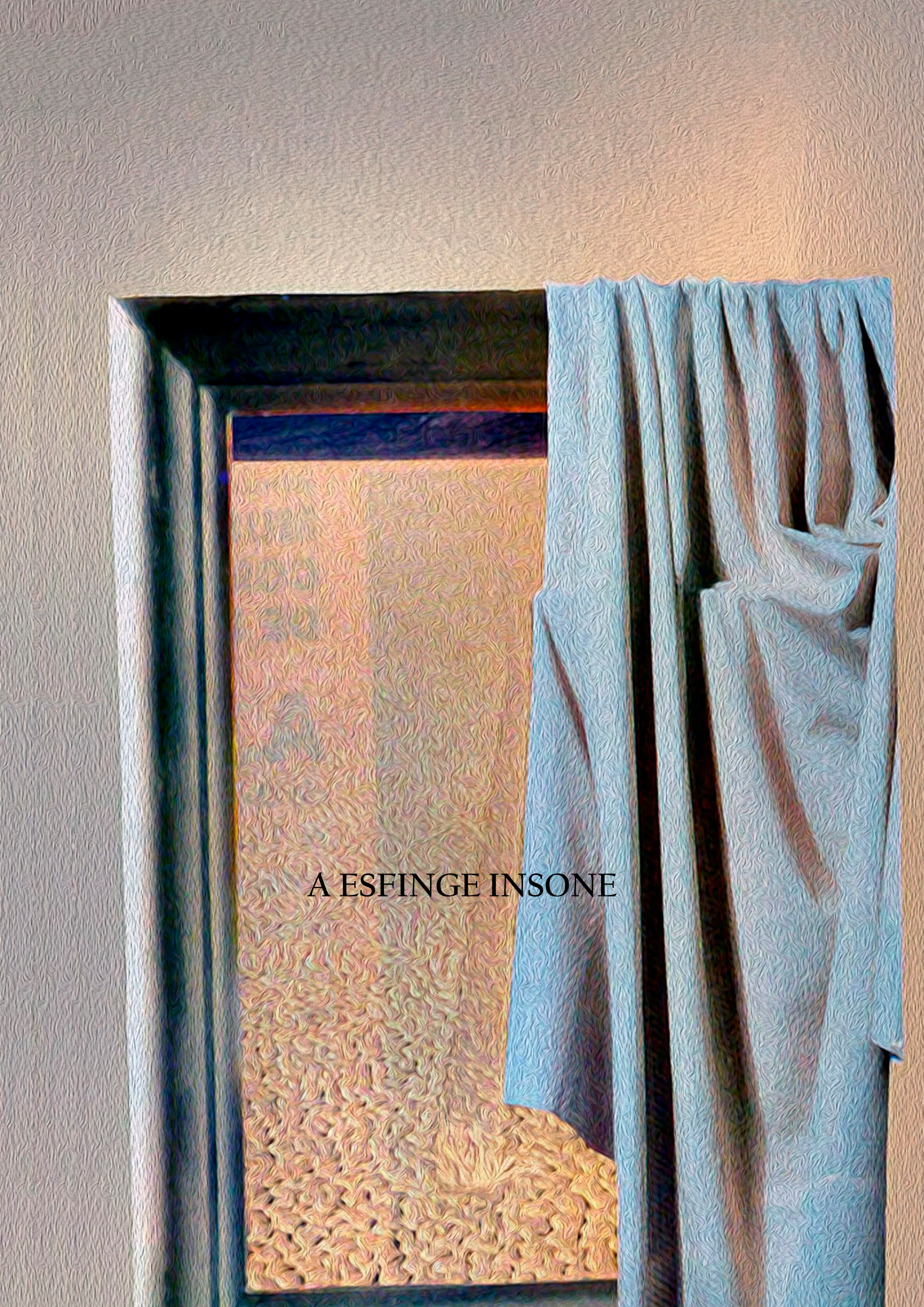
A ESFINGE INSONE 100 poetas surrealistas, de Floriano Martins se terminó
de ensamblar en su versión digital en octubre de 2026.
En su composición se utilizaron los tipos: Californian FB, Minion
Pro JMH Typewriter y Californian FB: 10, 12, 14, 18.





COLECCIÓN LIBROS IMPOSIBLES
2026




A ESFINGE INSONE